

ANDRÉ GUSTAVO BARBOSA DA PAZ MENDES

*A imagem do "flagelado" na literatura da Terra da Luz  
(1879-1903)*



Monografia apresentada como requisito de avaliação da disciplina Pesquisa Histórica II (DEH0046), do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação do Professor Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, para fins de obtenção do título de Licenciado e Bacharel em História.

Natal/RN  
2005

ANDRÉ GUSTAVO BARBOSA DA PAZ MENDES

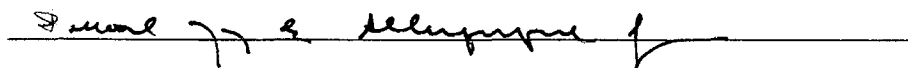
*A imagem do "flagelado" na literatura da Terra da Luz  
(1879-1903)*

Monografia apresentada como requisito de avaliação da disciplina Pesquisa Histórica II (DEH0046), do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação do Professor Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, para fins de obtenção do título de Licenciado e Bacharel em História.

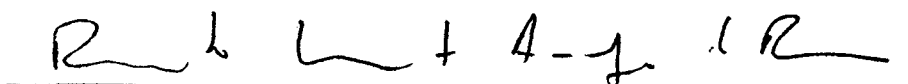
Aprovada em 24 de dezembro de 2005.

Nota: 10,0.

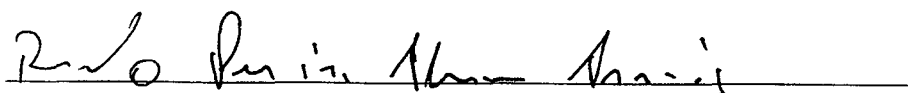
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior



Prof. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha



Prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais

Aos meus pais, meus irmãos e amigos.

Com todo o meu carinho e apreço.

## AGRADECIMENTOS

Sinto-me na obrigação de homenagear algumas pessoas e citar nomes, apesar do trabalho ser algo simplório, como o próprio nome diz “trabalho”, foi uma luta empreendê-lo, ainda mais quando tenho a noção de que todo empreendimento pode não dar certo. Primeiramente, devo aos meus pais, Onildo e Glória, a oportunidade de realizar esse estudo, apoiaram-me nos momentos mais difíceis, participando efetivamente da conclusão do trabalho. A minha irmã, Ângela, tão querida e motivadora das minhas decisões e, ao meu irmão Henrique que mesmo distante, sempre apostou no êxito desse estudo. Aos amigos e amigas, não tenho palavras para descrever o quanto agradeço o apoio e o incentivo. Todos foram importantes, tanto em termos pessoais quanto acadêmicos. Em especial, os meus “meio-irmãos”, Antônio Gustavo de Barros e Ricardo Aquino Machado.

Mas não poderia esquecer de agradecer as pessoas que me ajudaram de forma mais direta na própria academia, o meu orientador, professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior, uma figura intelectualmente invejável, contudo, uma pessoa simples e humilde no dia-a-dia, agradeço imensamente a ajuda e os “puxões de orelha” que tanto nortearam este trabalho quanto a mim como um mero aprendiz de historiador. Ao professor Raimundo Pereira Alencar Arrais, erudito, sisudo nas horas necessárias e, fiel a sua postura de docente, sempre aberto às novas aprendizagens e possibilidades de ensino, com quem aprendi muito nos tempos de monitoria e sala de aula e, por último, mas não menos importante, ao professor e amigo Raimundo Nonato Araújo da Rocha, sempre preocupado com o meu crescimento como indivíduo e estudante, apoiando-me nas minhas empreitadas, vendo em mim uma criatura merecedora de oportunidades. Agradeço também a todos os outros docentes do curso que, de uma forma ou de outra, enriqueceram a minha aprendizagem durante os anos na universidade.

Agradeço a todos os meus colegas da academia. Principalmente, a Isabel Barreto, amiga, companheira e revisora gramatical do trabalho, sem a qual não teria segurança em defendê-lo. A Bruna Rafaela, sempre confiante na minha capacidade e uma grande motivadora para a continuidade do mesmo. A Eduardo Matos Lopes, colega e companheiro de trabalho, que tanto ouviu as minhas loucas elucubrações no decorrer da escrita deste, ajudando-me com suas opiniões. E, especialmente, a grande matriarca do curso de História da UFRN, Aurinete Girão, detentora de um bom ombro amigo nos momentos dramáticos e responsável pela revisão das regras da ABNT desse estudo. Assim como, não poderia esquecer de um dos meus primeiros professores na universidade, se hoje temos uma “mãe”, tivemos num passado não muito distante um “pai”, o sempre jovem Francisco Fernandes Marinho, mais que um professor, um amigo, preocupado em disponibilizar sem muitas cerimônias a sua vasta biblioteca aos mais diversos trabalhos.

Ao pessoal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro do Rio Grande do Norte, onde tive acesso a documentos necessários ao trabalho, em especial as auxiliares de biblioteca, Maria Lúcia da Silva, Francisca Tertulino do Nascimento e Antonieta Freire de Sousa. A Ana Verônica Oliveira Silva, uma pequena mulher no físico, mas uma grande pesquisadora dos jornais norte-rio-grandenses, que me deu um auxílio precioso. As auxiliares do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro da Paraíba, Maria de Socorro Lacerda e Geovânea de França. Aos funcionários do Senado e Câmara Federal responsáveis pela organização dos Anais, enviando-me sempre informações atualizadas e pertinentes a pesquisa.

Agradeço, sinceramente, a todos.



*Cândido Portinari*

**Retirantes**, 1958.

Óleo sobre tela, c.i.d. 116 x 90 cm.

Coleção particular

Reprodução Fotográfica: Autoria desconhecida\*

---

\* Imagem disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/nciclopedia/artesvisuais2003/index.cfm?fuseaction=detalhe&cd\\_verbete=2488](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/nciclopedia/artesvisuais2003/index.cfm?fuseaction=detalhe&cd_verbete=2488)> Acesso em: 24 Nov. 2005.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>CAPÍTULO I – Surge o problema: o “flagelado”</b> .....	15
<b>CAPÍTULO II – “O trágico préstito da seca”: a imagem de uma trajetória de vida</b> .....	38
<b>CAPÍTULO III – “Pupilas do sol da seca”: a construção de um corpo e uma mente</b> .....	69
<b>CONCLUSÃO</b> .....	108
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA</b> .....	116
<b>ANEXOS</b> .....	122

## INTRODUÇÃO

O Nordeste é visto como uma região castigada pela seca, além disso, pobre e com uma população sofrida, porém com valores culturais muito expressivos e fortes, como os ideais de honra, honestidade, família, religiosidade e tantos outros.

Entretanto, poucos sabem que essa imagem da região, do homem e da mulher do Nordeste foi construída entre a transição do final do século XIX e a década de vinte do século XX, pois até esse momento o Brasil possuía apenas duas regiões: a Norte e a Sul. Essa invenção – num sentido de construção social e histórica – da imagem da região, do homem e da mulher do Norte se deu a partir da construção do “discurso da seca”<sup>1</sup>, que possibilitou toda uma rede de articulações políticas, econômicas e sociais, muitas vezes clientelísticas, ao seu redor, culminando, em parte, na formação da futura identidade *nordestina*.<sup>2</sup>

A partir dessa idéia da construção de uma imagem da região e de seus habitantes é que delimitamos o objetivo do presente trabalho: analisar a construção da imagem do “flagelado” feita pela literatura nortista durante a transição do século XIX para o século XX, mais especificamente no período de 1879 a 1903.

Nesse estudo fizemos a opção de privilegiar, como fonte básica, a literatura porque entendemos o texto literário relevante na medida em que, “como aponta Febvre, a literatura se configuraria neste caso como fonte para o registro das sensibilidades passadas e também como forma pela qual se difunde e socializa a sensibilidade de uma época junto ao seu público”.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. *Revista Brasileira de História*, v. 14, n. 28, p. 111-120, 1994.

<sup>2</sup> Ver Id. *A invenção do Nordeste e outras artes*, Recife: FJN/ Ed. Massangana. São Paulo: Cortez, 1999.

<sup>3</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os Olhos de Clio ou a Literatura sob o Olhar da História a partir do conto O Alienista, de Machado de Assis. *Revista Brasileira de História*, v. 16, n. 31-32, p. 109, 1996.



Selecionamos, como fontes, obras literárias do final do século XIX e início do século XX do então Norte do Brasil. Assim, estão elencadas, em ordem de publicação, os seguintes romances estudados: *Os Retirantes* (1879), do fluminense José do Patrocínio; *A Fome* (1890), do baiano Rodolpho Teófilo; e por último, *Luzia-Homem* (1903), do cearense Domingos Olímpio.

As obras analisadas possuem, entre si, uma unicidade temática. Uma vez que todas tratam da antiga vida sertaneja, retratam o homem, a mulher e a criança do Norte, tendo como pano de fundo a seca e seus efeitos, os seres e as paisagens. É importante ressaltar a espacialidade desses romances, apesar dessas obras se referirem sempre a “Terra da Luz”, ou seja, ao Ceará, isso não significa que elas representem apenas essa província, posteriormente Estado. Dá-se justamente o oposto a isso, essa literatura cearense toma a palavra pela área do Norte como um todo, tornando-se porta-voz das outras províncias/Estados. Ela criou e repassou uma série de símbolos e signos sobre o então Norte para as demais áreas do Brasil. Nesse sentido, o que se descrevia a partir da realidade cearense durante os momentos de estiagem é também o que se visualizava nas províncias/Estados do Piauí, Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas e Sergipe durante as épocas de seca.

Isso pode ser verificado por meio da análise de outras fontes produzidas nos períodos de estiagem a partir de 1877-79, como as falas e relatórios de presidentes de província e de Estado, jornais locais, discursos parlamentares, poesias, literatura de cordel, entre outros. No decorrer desse estudo analisaremos algumas dessas fontes, apesar de nossa atenção estar voltada para aquelas obras literárias já anunciadas.

Entendemos que a obra literária é importante para o historiador pela sua capacidade de construção e representação dos eventos, ou seja, dos acontecimentos e seus detalhes. Em relação a essas obras selecionadas, isso é bastante nítido, pois elas fazem parte de uma tendência literária que procurava descrever com realismo os aspectos naturais, sociais e até

psicológicos dos habitantes da então região Norte. Assim, “[...] a obra literária não é um mero dado ou documento, ela se constitui num ‘algo a mais’, inestimável para o historiador e que lhe fornecerá subsídios que ele não encontrará facilmente em outras fontes”.<sup>4</sup>

Além disso, a literatura é um texto e remete-nos a noção de que todo texto é uma construção historicizada e que se expressa por um conjunto de signos que comportam significados e coerências dentro do universo mental de uma época. Assim, não se trata de buscar um “sentido oculto” nos textos, que só “iniciados” poderão revelar, mas de entender que eles possuem uma coerência de sentido, construída pelo autor na sua época e que seria compreendida pelo leitor do passado, que, por sua vez, lhe poderia atribuir outros significados.<sup>5</sup>

O recorte cronológico de 1879-1903 foi selecionado porque verificamos que foi nesse momento histórico que emergiu a figura do “flagelado” como um “problema” da região. Além disso, a periodização também incorpora os anos de publicação das obras literárias norteadoras do trabalho: *Os Retirantes* (1879), *A Fome* (1890) e *Luzia-Homem* (1903).

José do Patrocínio (José Carlos do Patrocínio), autor de *Os Retirantes*, foi jornalista, orador, poeta e romancista, nasceu em Campos (RJ), em 8 de outubro de 1854. Após intensa vida jornalística e abolicionista em diferentes localidades, faleceu no Rio de Janeiro em 30 de janeiro de 1905. Rodolfo Teófilo (Rodolfo Marcos Teófilo), autor de *A Fome*, nasceu na Bahia, em Salvador, em 6 de maio de 1853. Foi jornalista, abolicionista, poeta e romancista. Defensor de ideais sanitaristas, empenhou-se, a partir de 1900, até o final da vida, na campanha pela vacinação contra a varíola, morrendo em 2 de julho de 1932.<sup>6</sup> E, Domingos Olímpio (Domingos Olímpio Braga Cavalcanti), autor de *Luzia-Homem*, nasceu em Sobral

<sup>4</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os Olhos de Clio ou a Literatura sob o Olhar da História a partir do conto O Alienista, de Machado de Assis. *Revista Brasileira de História*, v. 16, n. 31-32, p. 109, 1996.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 110.

<sup>6</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 373. (Coleção clássicos cearenses).

(CE) em 18 de setembro de 1850. Após intensa vida jornalística, abolicionista e política, assim como José do Patrocínio, mudou-se, em 1890 para o Rio de Janeiro (RJ) onde viveu até a sua morte em 6 de outubro de 1906.

Todos os autores analisados são contemporâneos e possuíram formação intelectual e concepções políticas muito próximas. Distinguiremos isso mais adiante no trabalho, contudo é importante ressaltar, desde já, que nos propomos a perceber as regularidades discursivas presentes nessas obras literárias no que diz respeito aos enunciados construtores do discurso sobre o “flagelado”, levando em conta as várias formas de regularidade discursiva possíveis, que é dada por diversos tipos de relações:

relações entre enunciados (mesmo que escapem à consciência do autor; mesmo que se trate de enunciados que não têm o mesmo autor; mesmo que os autores não se conheçam); relações entre grupos de enunciados assim estabelecidos (mesmo que esses grupos não remetam aos mesmos domínios nem a domínios vizinhos; mesmo que não tenham o mesmo nível formal; mesmo que não constituam o lugar de trocas que podem ser determinadas); relações entre enunciados ou grupos de enunciados e acontecimentos de uma ordem inteiramente diferente (técnica, econômica, social, política).<sup>7</sup>

Os autores das obras, já citadas, possuem evidentemente, visões muito próximas em relação a imagem do homem e da mulher do Norte que sofre as conseqüências da seca, ou seja, o “flagelado”. Contudo, procuraremos detectar nas suas obras não só os enunciados comuns e correlacionados às caracterizações construtoras de tal figura, mas também as possíveis diferenças, mudanças e/ou permanências desses enunciados.

Quanto à metodologia, faremos uso da análise de discurso, tendo em vista que é um método adequado para o historiador, pois tem o discurso como uma prática social, tão

---

<sup>7</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 33. (Coleção Campo Teórico).

relevante quanto as outras formas de práticas. Segundo Foucault, tomar a palavra para dizer algo não é um ato simplório, mas sim repleto de responsabilidades, anseios, desejos, culpabilidades e conseqüências, podendo isso se dar de forma voluntária ou não.

Principalmente porque consideramos que as fontes (orais, escritas ou iconográficas etc) são discursos e, como diz Albuquerque Júnior, o historiador não faz outra coisa a não ser ler e interpretar discursos e produzir o discurso da história, pois, “os atores da história são efeitos das práticas discursivas e não discursivas que os integram na cultura e na instituição do social [...]”.<sup>8</sup> Em acordo com essas idéias é que nos interessamos pelos discursos como acontecimento, como lugar de ação, aqui considerados dentro de suas condições de produção e sentido historicamente constituídos.

Os trabalhos<sup>9</sup> mais próximos da temática por nós proposta, não dizem respeito à construção da imagem do “flagelado”, mas sim analisam a seca de 1877-79, a partir de uma relação “causa/efeito”, como explica Paul Veyne ao tratar da “noção de trama”<sup>10</sup>. Ou seja, a seca vista como um agente responsável pelo banditismo social, pela vadiagem, pela bancarrota da economia regional, entre outras conseqüências.

Dentro desse viés causa/efeito têm-se, por exemplo, o trabalho de Gileno Câmara de França, analisando a seca de 1877-79 como sendo mais um fator relevante para o aumento do banditismo social no Rio Grande do Norte.<sup>11</sup> Assim como o trabalho de Viltany Oliveira Dantas, enfocando a questão dos vadios do Rio Grande do Norte, em que novamente a seca de 1877-79 é estudada como “causa de algo”, no caso, da “vadiagem”.<sup>12</sup> Nesse sentido, os dois

---

<sup>8</sup> ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, p. 15.

<sup>9</sup> Presentes no Núcleo de Estudos Históricos do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande Norte.

<sup>10</sup> VEYNE, Paul. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. 4. ed. Brasília: Ed. UNB, 1998. p. 42-43.

<sup>11</sup> FRANÇA, Gileno Câmara de. *O banditismo social no sertão do Rio-Grande-Norte (1850-1889): origens e evolução*. 2000. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

<sup>12</sup> DANTAS, Viltany Oliveira. *Os vadios do RN: 1850-1889*. 1998. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1998.

trabalhos citados abarcam, cada um, apenas uma das versões imagético-discursivas do “flagelado” durante o século XIX. Entretanto, não há um estudo específico sobre a imagem do “flagelado”, principalmente no que se refere a utilização da literatura como fonte de pesquisa histórica.

Todavia, há uma pesquisa que se relaciona mais diretamente com a metodologia do nosso trabalho, trata-se da monografia de graduação de Rute Freire Marques<sup>13</sup>, em que foi analisada a participação da oligarquia norte-riograndense na produção discursiva do “discurso da seca”, chegando a algumas conclusões importantes, como: a percepção de que foi a bancada política do Ceará a grande responsável e definidora do “discurso da seca”. E seu êxito, na invenção de um discurso político que acabou por angariar verbas para a região, motivou as outras províncias a também se apropriarem e reproduzirem tal discurso. Entretanto, é um trabalho que não explorou o nosso objeto, a construção discursiva da imagem do “flagelado” feita pela literatura nortista.

Antes de iniciarmos o estudo, é importante ressaltar que não optamos por uma explicação metodológica sobre a “análise de discurso” logo na introdução porque acreditamos na possibilidade e maior viabilidade dessas questões serem esclarecidas no decorrer da análise. Nesse sentido, certos *termos* aqui empregados, sem uma explicação mais concreta, serão mais bem definidos durante o próprio estudo das obras. O estudo se valerá de muitas passagens, cenas, descritas pelas obras selecionadas, faremos uma larga utilização citações, mas o intuito dessa opção metodológica é a de possibilitar ao leitor(a) a oportunidade de visualizar o relato literário e, até mesmo, concordar ou discordar das nossas afirmações e análise.

---

<sup>13</sup> MARQUES, Rute Freire de Moraes Diniz. **Pela lealdade e pela honra dos amigos: a produção discursiva da oligarquia norte-riograndense durante a seca de 1877-79**. 2005. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

Assim, o presente trabalho constará de três partes: Capítulo I – Surge o problema: o “flagelado”, no qual discutiremos a emersão da figura do “flagelado” como problema do Norte, proporcionando a produção de uma série de enunciados, por autores com uma *posição de sujeito* específica, que propiciaram a formulação, no plano discursivo, da imagem do “flagelado”; Capítulo II – “O trágico préstito da seca”: a imagem de uma trajetória de vida, em que analisaremos os temas presentes na literatura, quando tratam do percurso ou do caminho percorrido pela figura do “flagelado” entre o seu lugar de origem e o litoral, ou seja, os enunciados e imagens que são responsáveis pela montagem da temática da retirada. No capítulo III, em que a parte inicial do título faz uma alusão a uma expressão utilizada por José Américo de Almeida em *A Bagaceira*<sup>14</sup> – “Pupilas do sol da seca”: a construção de um corpo e uma mente, discutiremos os temas construtores do corpo e da subjetividade do homem flagelado pela seca.

---

<sup>14</sup> ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira*. 34. ed. rev. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, [s.d.]. p. 8.

## CAPÍTULO I

### Surge o problema: o “flagelado”.



O presente capítulo tem por objetivo analisar o surgimento da figura do “flagelado” como tema na literatura nortista durante o período de 1879 a 1903. É mister situar o discurso sobre o “flagelado” e a construção de sua imagem como parte constituinte de um discurso mais complexo, o chamado “discurso da seca”.

Segundo Albuquerque Júnior, o “discurso da seca” surgiu da problematização do próprio fenômeno natural. A seca tornou-se “problema” apenas no final do século XIX, a partir da chamada “grande seca” de 1877-79, que ocorreu no momento em que o espaço do “Norte” vivia uma grave crise econômica, política e social, gerada pelo declínio das exportações dos principais produtos da região, pela perda do espaço político de sua classe dominante em termos nacionais e pelo descontentamento das várias camadas sociais com a forma como estava se dando o processo de transição para uma economia de mercado capitalista.<sup>15</sup>

Na segunda metade do século XIX, por exemplo, as províncias do Norte encontravam-se em uma situação economicamente desfavorável, sofrendo a decadência da cotonicultura – a Guerra de Secessão nos Estados Unidos que propiciara o segundo grande surto exportador de algodão nas províncias do Norte, finalizando em 1865, “[...] possibilitou a esse país retornar à sua posição de grande produtor e fornecedor mundial de algodão, desalojando a cotonicultura brasileira [...] do lugar privilegiado que vinha ocupando no mercado internacional”<sup>16</sup> – e o declínio da pecuária, seguido do açúcar, foi amplamente agravado pela seca. Dentro dessa

---

<sup>15</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922)*. 1987. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987. p. 408.

<sup>16</sup> MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à história do Rio Grande do Norte*. 2. ed. rev. Natal (RN): Cooperativa Cultural, 2002. p. 191.

perspectiva de decadência econômica traçou-se uma divisão entre uma área em plena crise e uma outra em ascensão econômica, tratava-se do “Norte” da seca e do “Sul” do café.

O fenômeno da seca durante séculos foi apenas uma presença ameaçadora apenas no mundo dos homens pobres, jamais mereceu mais do que esparsas referências nos discursos dos potentados locais, quase sempre só no momento em que suas conseqüências mais graves se faziam sentir. A seca foi descoberta como o “problema da região” e transformada em “problema nacional” quando, devido à crise econômica em que estava mergulhada a classe dominante do Norte no final do século XIX, atingiu também esta classe, levando inclusive os de menor fortuna à falência. Quando chegou, ameaçadora, ao mundo dos ricos, dos oligarcas, a seca foi descoberta, e em torno dela passou-se a elaborar todo um discurso que a elevou a condição de “problema”, e a colocou como síntese de todas as crises enfrentadas pelo espaço nortista.<sup>17</sup>

Assim, a seca de 1877-79 coincidiu com problemas econômicos graves das províncias que formaram o futuro “Nordeste”. Acabou por gerar a mortandade do gado, a destruição da lavoura de subsistência, a desorganização do comércio etc. Por conseqüência, o esfacelamento do sistema dos “coronéis-pais-patrões” de dominação política, pois a figura do agregado, morador de condição, vaqueiro, e até mesmo escravo foi deixando de ter sentido.<sup>18</sup> Não havia mais em que trabalhar, nem de onde retirar a subsistência. Por essas questões, o poder das elites nortistas se perdia tanto no âmbito nacional quanto no regional.

Segundo Albuquerque Júnior,

A consciência desta crise, despertada pela progressiva desestruturação das relações econômicas e políticas tradicionais, pela intervenção crescente do Estado no espaço nortista, pelas revoltas das camadas populares, faz com

---

<sup>17</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922)*, p.408.

<sup>18</sup> Id. *Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. Revista Brasileira de História*, v. 14, n. 28, p. 118, 1994.



que a elite agrária nortista ensaie e articule, notadamente a partir da década de setenta do século XIX, um discurso de cunho regionalista, que procura basicamente afirmar os valores culturais tradicionais, como forma de evitar, pelo menos no plano do discurso, a destruição desta, vista como particularidade.<sup>19</sup>

Assim, a medida que o “problema” foi sendo colocado, em torno dele começaram a surgir diferentes manifestações discursivas, partidas de diferentes grupos e instituições sociais da região, se somando àquele discurso popular ou tradicional já existente. Estas manifestações discursivas partiam da visão tradicional e elaboraram diferentes compreensões e imagens do fenômeno, que se inter cruzaram de forma a dar origem a um discurso outro, nascido de elementos destes outros discursos, o qual segundo Albuquerque Júnior, pode-se chamar de “discurso da seca”.<sup>20</sup>

Foi justamente nesse momento que emergiu a figura do “flagelado”, um elemento importante do “discurso da seca” devido a capacidade de sensibilizar, comover, pois trata-se de uma representação do homem e da mulher do Norte que sofre, no plano pessoal, as conseqüências da estiagem. O apelo dramático à trajetória de vida dessas figuras, a construção do seu corpo e a sua formação cultural são temas recorrentes nos discursos produzidos no Norte.

Entretanto, o surgimento da figura do “flagelado” não se deu apenas por uma questão de reforçar um outro discurso em processo de formação e solidificação. O “flagelado” era o indesejável, o problema real das zonas urbanas no momento de seca. O retirante que inchava as cidades litorâneas, principalmente as capitais, e desorganizava a vida social cotidiana, levando a miséria à porta das casas da sociedade citadina.

---

<sup>19</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922)*, p. 59-60.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 409.

O problema foi se agravando à medida que esse retirante engendrava situações novas: transformava-se no pedinte permanente, no portador e transmissor de doenças e moléstias, no assaltante de víveres, no morador de rua, enfim, em um peso constante para uma sociedade e um governo que o quer distante. Não é à toa que a prática migratória, custeada pelo governo e “filantropos” da alta sociedade, para as regiões do extremo Norte do Brasil (Amazônia) era adotada. A promessa de trabalho digno e rentável na extração da borracha, um dos principais itens da pauta de exportação do Brasil no final do século XIX, incentivava à viagem, mesmo que penosa e perigosa, levava de retirantes que saíam da sua terra natal para a região desconhecida.

Segundo Albuquerque Júnior, esta concentração de pessoas nas cidades levou ao que as elites chamavam de “desregramento dos costumes”, ou seja, o aumento da prostituição, dos furtos, dos crimes de morte, provocados pela situação de desespero a que eram lançados estes homens pobres que viviam no limite da subsistência e que, com a seca, atingiam a miséria absoluta. Eram formas desesperadas de buscar a sobrevivência, a superação da situação de vida em que se viram lançados.<sup>21</sup> Alguns dados podem demonstrar a situação da migração, por exemplo, segundo Neves, calcula-se que, em outubro de 1878, uma população adventícia com mais de 110 mil retirantes nas cidades de Mossoró, Aracati e, em especial Fortaleza, quando a sua população fixa era de aproximadamente 25 mil habitantes.<sup>22</sup>

No relatório com que o Desembargador do Estado do Ceará, Caetano Estellita Cavalcanti Pessoa, passou a administração da província a João José Ferreira D’Aguiar, em 1877, é possível também perceber a descrição da situação migratória:

---

<sup>21</sup> ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. *Revista Brasileira de História*, v. 14, n. 28, 1994, p. 114.

<sup>22</sup> NEVES, F.C. A “capital de um pavoroso reino”: Fortaleza e a seca de 1877. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 29, p. 107. jul. 2000.

As numerosas caravanas d'esses exilados da fome encaminháram-se as serras da Ibiapaba, Meruóca, Baturité, Aratanha, Palmeira, Maranguape e valles do Cariry, em cuja frescura e amenidade do clima procuravam abrigo aos tormentos da estação, ora para as margens do littoral, onde alguns recursos naturaes acenavam-lhes confiança, ora para as povoações mais próximas á esta Capital [Fortaleza], como sejam: Pacatuba, Maranguape e Mecejana, e, finalmente, para dentro d'esta cidade, arrimo último e apoio supremo da salvação, que vinham buscar.

'No momento em que me dirijo a V. Exc. a população adventícia 'nesta Capital é assas numerosa, sendo calculada em mais de quarenta e tres mil pessoas, e todos os dias seu numero cresce, à medida que os retirantes, abandonando os seus princípios ponto de emigração, se desloca precipitadamente em fuga para a Capital [...].<sup>23</sup> (sic.)

Assim, o surgimento do discurso sobre o “flagelado” se deu a partir da descrição do que se presenciava no cotidiano, na mudança provocada com a chegada de milhares de retirantes às zonas urbanas, pois a rotina se transfigurou em algo até então inimaginável. A elite nortista que não sentira as conseqüências da seca, narra o que agora – durante a “grande seca” de 1877-79 – lhe atinge, lhe incomoda, descreve com detalhes, tenta demonstrar a sua insatisfação com a situação insalubre da pobreza e da doença. Além da repulsa ao que se via, ela tinha medo do que podia lhe acontecer por causa da situação caótica, a fobia dos assaltos, dos escândalos e até mesmo da possibilidade de vir a ser mais um dentre os “flagelados”.

Nesse sentido, a literatura é uma fonte importante para tal análise porque ao descrever o que se presenciava no dia-a-dia acabou por formar um discurso sobre o “flagelado” que, por sua vez, criou a sua imagem de múltiplas formas, desde o aspecto físico até as suas características psicológicas. A formação dessa figura encontra no discurso literário um grande aliado, pois as próprias características literárias, da década de 1870 até a primeira década do século XX, ajudaram a compô-la de forma minuciosa e sistemática.

---

<sup>23</sup> RELATÓRIO de Presidente de Província do Ceará, 1877, p. 20.

A literatura selecionada<sup>24</sup> para analisar a construção da imagem do “flagelado” faz parte do chamado romance regionalista e/ou sertanista que buscou compreender e valorizar as diferenças étnicas, lingüísticas, sociais e culturais de uma determinada região, no caso, o sertão do Norte.<sup>25</sup>

As características dessa tendência literária se justificam na medida em que, segundo Evaldo Cabral de Mello, representam, no período de 1871 a 1889, as modificações fundamentais ocorridas no equilíbrio inter-regional e intra-regional brasileiro. Devido, sobretudo, a centralização monárquica que absorvia os recursos e a “vitalidade” do Norte. Maciel Pinheiro, citado por Mello, era, em 1876, um republicano da Paraíba, comentando a publicação de *O Cabeleira*, de Franklin Távora, afirmava a diferenciação crescente entre as duas grandes regiões do país. Segundo Maciel Pinheiro, “a vida do norte do Brasil tem cunho diverso da do Sul, hábitos, índole, meios de subsistência constituíram uma sociedade com feições diferentes”. Ademais, continua Pinheiro, as “influências de ordem política tem concorrido para que mais se caracterize e acentue a diferença entre o Norte e o Sul do Brasil. No sul, está o governo, a cujo influxo imediato tudo se anima e desenvolve”. Outro elemento de diferenciação residia na imigração européia, favorecida no Sul e obstaculizada no Norte. Mesmo assim, é paradoxal o fato de que o ressentimento nortista contra o governo central tinha-se aguçado precisamente no período em que se assistia ao incremento da presença de políticos regionais na política nacional.<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> Assim, estão elencadas, em ordem de publicação, os seguintes romances estudados: *Os Retirantes* (1879), do fluminense José do Patrocínio; *A Fome* (1890), do baiano Rodolpho Teófilo; e por último, *Luzia-Homem* (1903), do cearense Domingos Olímpio.

<sup>25</sup> CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Literatura Brasileira*. São Paulo: Atual, 1995. p. 167.

<sup>26</sup> MELLO, Evaldo Cabral de. *O norte agrário e o Império: 1871-1889*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Ed. Topbooks, 1999. p. 17-18.

Assim, para o romance regionalista, segundo alguns escritores do final do século XIX, o verdadeiro Brasil era o sertão, que ainda conservava intactos traços de nossa cultura e de nossa natureza. Procuraram, então fixar traços peculiares de determinadas regiões do país.<sup>27</sup>

Segundo Alfredo Bosi, “as várias formas de sertanismo (romântico, acadêmico e até, modernista) que tem sulcado as nossas letras desde meados do século passado [século XIX], nasceram do contato de uma cultura citadina e letrada com a matéria bruta do Brasil rural, provinciano e arcaico”.<sup>28</sup>

Situando e analisando toda essa corrente romanesca, Nelson Werneck Sodré afirma que existe a preocupação fundamental do sertanismo, que vem, assim substituir o indianismo, como aspecto formal e insistente na intenção de transfundir um sentido nacional à ficção romântica. Tal preocupação importa em condenar o quadro litorâneo e urbano como aquele em que a influência externa transparece, como um falso Brasil. Brasil verdadeiro, Brasil original, Brasil puro seria o interior, o do sertão, imune às influências externas, conservando em estado natural os traços nacionais. Nesse esforço, o sertanismo surgindo quando o indianismo está ainda em desenvolvimento, e subsistindo ao seu declínio, recebe ainda os efeitos deste. Não é senão por isso que os romancistas que se seguem a Alencar, ou que trabalham ao mesmo tempo que ele, obedecem às influências do momento, e trazem o índio para as páginas dos seus romances. Mas serão, principalmente, *sertanistas* e tentarão afirmar, através da apresentação dos cenários e das personagens do interior, o sentido nacional de seus trabalhos.<sup>29</sup>

Além disso, Werneck continua afirmando que no sertanismo verifica-se formidável esforço da literatura para superar as condições que a subordinavam aos modelos externos. Existem, nos iniciadores da ficção romântica, sinais evidentes desse esforço. Verificaram logo

---

<sup>27</sup> FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. **Literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 1998. p. 135.

<sup>28</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 38. ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1994. p. 141.

<sup>29</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura brasileira: seus fundamentos econômicos**. 5. ed. São Paulo: Cultura Brasileira, 1969. p. 323-324. (Civilização Brasileira).

que o índio não tem todas as credenciais necessárias à expressão do que é nacional. Transferem ao sertanejo, ao homem do interior, àquele que trabalha na terra, o dom de exprimir o Brasil. Submetem-se ao jugo da paisagem, e pretendem diferenciar o ambiente pelo que existe de exótico no quadro físico – pela exuberância da natureza, pelo grandioso dos cenários, pela pompa dos quadros rurais. Este é o Brasil, que pretendem dizer e não aquele do ambiente urbano, que copia o exemplo do exterior e que se submete às influências distantes. Levam tão longe essa afirmação de brasilidade que são tentados a reconstruir o quadro dos costumes, caindo, segundo Werneck, naquela vulgaridade dos detalhes, naquele pequeno realismo da minúcia, naquela reconstituição secundária em cuja finalidade colocam um esforço cândido e inútil. Não são menos românticos, evidentemente, quando assim procedem.<sup>30</sup>

O romance regionalista nortista tem Franklin Távora (com *O Cabeleira*, de 1876) um dos pioneiros, ele defende a idéia de que a literatura do Norte representa a legítima literatura do Brasil:

As letras têm, como a política, um certo caráter geográfico; mais no Norte, porém do que no Sul, abundam elementos para formação de uma literatura brasileira filha da terra. A razão é óbvia: o Norte ainda não foi invadido como está sendo o Sul de dia em dia pelo estrangeiro. (*O Cabeleira*, Prefácio).<sup>31</sup>

A idéia da legitimidade dessa literatura representar o Brasil “real” está muito próxima da discussão sobre a identidade brasileira. O Brasil, nesse momento histórico, caracterizava-se por ser uma nação recém independente e era “preciso criar uma idéia de homem brasileiro, de

<sup>30</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. 5 ed. São Paulo: Cultura Brasileira, 1969. p. 323-324.

<sup>31</sup> TÁVORA, Franklin. *O Cabeleira*. 13 ed. São Paulo: Ed. Ediouro, [s.d.]. p. 12. (Coleção Prestígio).

povo brasileiro, no interior de um projeto de nação brasileira”<sup>32</sup>. O projeto nacional seria a criação de um passado brasileiro do qual a nação pudesse se orgulhar e que lhe permitisse avançar com confiança para o futuro. Daí a criação dos Institutos Históricos e Geográficos a partir de 1838, os guardiões da história nacional. Analisando a formação desses institutos Schwarcz afirma que

a fundação do primeiro Instituto Histórico e Geográfico em 1838 responde também à lógica do contexto que segue à emancipação política do país. Sediado no Rio de Janeiro, o IHGB surgia como um estabelecimento ligado à forte oligarquia local, associada financeira e intelectualmente a um “monarca ilustrado”, e centralizador. Em suas mãos estava a responsabilidade de criar uma história para a nação, inventar uma memória para um país que deveria separar, a partir de então, seus destinos dos da antiga metrópole européia.<sup>33</sup>

A literatura, em grande medida, também participou desse projeto nacional, sendo a regionalista e/ou sertanista muito expressiva nesse aspecto, pois seus autores são vinculados, de uma forma ou de outra (opositores ou aliados), à monarquia que pretende concretizar àquele projeto nacional.

Além disso, essa literatura regionalista se configura como fonte importante desse estudo por ter sido capaz de produzir um discurso sobre o homem e a mulher do Norte flagelado pela seca e difundi-lo – devido a ser naquele período um dos principais meios de comunicação, assim como os jornais –, principalmente, entre as elites nortistas e sulistas do Brasil. Tendo em vista que a situação educacional do Brasil durante o final século XIX era muito restrita as camadas sociais economicamente privilegiadas. Segundo Ribeiro, “este

<sup>32</sup> REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 31.

<sup>33</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil (1870-1930)*. 5. reimp. São Paulo: Companhia da Letras, 2004. p. 24.

acanhado meio intelectual, esta elite intelectual brasileira era composta de elementos oriundos das camadas dominante e média”.<sup>34</sup>

Os autores das obras selecionadas vão, a partir dessa literatura regionalista, revelar enquanto *sujeitos do discurso*<sup>35</sup> seu lugar institucional, ou seja, revelarão de onde falam, porque e como tomam a palavra e com que autoridade a tomam. Pois, na perspectiva da análise de discurso tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações: conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidades, etc. Isso faz com que a linguagem não seja vista apenas como suporte de pensamento, nem somente como instrumento de comunicação.<sup>36</sup> Além disso, segundo Foucault, na ordem do discurso literário, a função do autor não cessou, desde o século XVII, de se reforçar, assim:

pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome; pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer. O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção real.<sup>37</sup>

<sup>34</sup> RIBEIRO, Maria Luísa S. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 4. ed. São Paulo: Ed. Moraes, 1982. p. 64. (Coleção Educação Universitária).

<sup>35</sup> O **sujeito do discurso** é uma noção necessária para precisar o estatuto, lugar de posição do *sujeito falante* (em lingüística se trata do ser humano que exerce a atividade da linguagem, ele possui a competência lingüística, ou seja produz o ato da linguagem, p.458) ou do *locutor* (a pessoa que fala, também produz um ato de linguagem, contudo, em uma situação de comunicação oral, este pode ser designado o próprio sujeito falante, p.310) com relação a sua atividade languageira. Ela leva a considerar as relações que o sujeito mantém com os dados da *situação de comunicação* na qual ele se encontra, os procedimentos de discursivização, assim como os saberes, opiniões e crenças que possui e que supõe serem compartilhados pelo seu interlocutor. Sua *competência* não é mais simplesmente lingüística, ela é ao mesmo tempo comunicacional, discursiva e lingüística. (CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004. p.457.).

<sup>36</sup> ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1988. p.17. (Coleção passando a limpo).

<sup>37</sup> FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 10 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2004. p. 27-28.



Os autores estudados são três: José do Patrocínio, Rodolfo Teófilo e Domingos Olímpio. Escreveram, respectivamente, as obras *Os Retirantes* (1879), *A Fome* (1890) e *Luzia-Homem* (1903).

José do Patrocínio (José Carlos do Patrocínio) aos 14 anos, tendo apenas recebido apenas a educação primária, foi para o Rio de Janeiro, onde começou a trabalhar na Santa Casa de Misericórdia e voltou aos estudos no Externato de João Pedro de Aquino, fazendo os preparatórios do curso de Farmácia. Ingressou na Faculdade de Medicina como aluno de Farmácia, concluindo o curso em 1874. Exerceu o jornalismo na *Gazeta de Notícias* e na *Gazeta da Tarde* (ambas no Rio de Janeiro), entre outras atividades jornalísticas. Fez parte do “Clube Republicano” e participou do processo de abolição do escravismo no Brasil (fundou a Confederação Abolicionista e lhe redigiu o manifesto assinado também por André Rebouças e Aristides Lobo). Compareceu às sessões preparatórias da instalação da Academia Brasileira de Letras e fundou a cadeira nº 21, que tem como patrono Joaquim Serra.<sup>38</sup>

Rodolfo Teófilo (Rodolfo Marcos Teófilo) se formou no curso de Farmácia de Salvador em 1876. Participou efetivamente da campanha abolicionista no Ceará, primeira província brasileira a declarar livres os seus escravos. Foi presidente da “Padaria Espiritual”, uma das mais importantes agremiações literárias cearenses de todas as épocas. Autor de vinte e oito livros, dedicou-se aos mais diferentes gêneros, da poesia à ciência, da história ao romance. A partir de 1900, até o final da vida, dedicou-se à campanha pela vacinação contra a varíola.<sup>39</sup>

Domingos Olímpio se formou em Direito no Recife (PE) em 1873. Após isso regressou ao Ceará, onde exerceu intensa atividade jornalística e abolicionista. Em 1875 foi nomeado promotor público de Sobral. Nesse mesmo ano tornou-se opositor dos Acioli,

---

<sup>38</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 240.

<sup>39</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 373.

rendendo-lhe uma cadeira de deputado na Assembléia Provincial. Mudou-se para Belém em 1879, continuando a vida jornalística e política do mesmo modo, onde também é eleito para a Assembléia Provincial do Pará. Em 1890 mudou-se para o Rio de Janeiro (RJ) onde permaneceu advogando e exercendo o jornalismo até a sua morte, em 1906.<sup>40</sup>

A proveniência familiar e educacional desses literatos, segundo Alfredo Bosi, constituem-se num momento de carência do binômio urbano indústria-operário. Durante quase todo o século XIX, a sociedade brasileira contou, para a formação da sua inteligência, com os filhos de famílias abastadas do campo, que iam receber instrução jurídica (raramente, médica) em São Paulo, Recife e Rio de Janeiro [assim como em Salvador], [...] ou com filhos de comerciantes luso-brasileiros e de profissionais liberais, que definem, *grosso modo*, a alta classe média do país [...]. Raros os casos de extração humilde na fase romântica.<sup>41</sup>

Contudo, segundo Schwarcz, se essa elite ilustrada não era em sua maioria, originária das camadas mais pobres, também não pode ser entendida como totalmente oriunda ou até mesmo porta-voz exclusiva dos interesses das classes dominantes. Por outro lado, se é certo que sua composição social os situaria como membros das camadas mais altas da sociedade, sua atuação não pode ser exclusivamente explicada em termos de pertinência de classe. Por fim, apesar dos estreitos laços de parentesco que atavam certos intelectuais a famílias de proprietários de terra, sua atuação se dá em um contexto urbano, o que já os diferencia de seu grupo de origem.<sup>42</sup>

Além dessas questões, a partir da extinção do tráfico, em 1850, acelera-se a decadência da economia açucareira; o deslocar-se do eixo de prestígio para o Sul e os anseios das classes médias urbanas compunham um quadro novo para a nação, propício ao fermento de idéias liberais, abolicionistas e republicanas. De 1870 a 1890 serão essas as teses esposadas

<sup>40</sup> OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2003. p. 11-12.

<sup>41</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, p. 92.

<sup>42</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil (1870-1930)*, p. 26.

pela inteligência nacional, cada vez mais permeável ao pensamento europeu que na época se constelava em torno da filosofia positiva e do evolucionismo. Comte, Taine, Spencer, Darwin e Haeckel foram os mestres, enfim, dos homens que viveram a luta contra as tradições e o espírito da monarquia”.<sup>43</sup> É nesse momento histórico, de condições sociais e educacionais específicas, que é formada a chamada “Geração 70”.

Nesse sentido, no Brasil de fins do Império formou-se o movimento da "nova geração", assim automeado numa referência à juventude de seus membros. Os intérpretes passaram depois, convencionalmente, a identificá-lo como "movimento intelectual da geração 1870". Segundo Alonso, à primeira vista, a unidade geracional parece ser mesmo o único critério unificador deste movimento. Embora os intérpretes usualmente o subdividam conforme a adesão a correntes intelectuais européias — cientificismo, positivismo, liberalismo, spencerianismo, darwinismo social —, o retrato mais comum aponta um sincretismo, quando não um caos teórico: intelectuais imitativos, deslumbrados com as modas européias; suas preferências oscilando ao sabor delas.<sup>44</sup>

A geração 70, como foi afirmado anteriormente, teve como parâmetros educacionais as teorias positivistas e evolucionistas provenientes da Europa Ocidental durante o século XIX. Quanto as teorias positivistas, baseavam-se no conjunto de idéias e princípios filosóficos, políticos e religiosos elaborados pelo francês Augusto Comte (1798-1857). Para Comte, a humanidade se desenvolve através de três estados ou modos de pensar: o teológico, o metafísico e o positivo. Este último, que nos interessa, é, pois, o término de uma evolução, na qual o indivíduo alcança o saber definitivo, isto é, a ciência. Esse estado, positivo, só pode ser atingido pelo método da observação e experimentação, o que levou o filósofo francês a

---

<sup>43</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, p. 163.

<sup>44</sup> ALONSO, Angela. Crítica e contestação: o movimento reformista da geração 1870. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. [online]. v.15, n. 44. p. 35-55, out. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4146.pdf>>. Acesso em: 10 Out. 2005. p. 35.

estabelecer uma diferença entre as ciências concretas e abstratas. Para estas, propôs uma classificação estabelecida em ordem lógica e cronológica: matemática, astronomia, física, química, biologia e sociologia, às quais mais tarde, acrescentou a moral. Segundo Comte, o estudo da sociedade compreende dois aspectos, um estático, outro dinâmico. O primeiro estabelece a ordem e o segundo, o progresso. Assim, há só um tempo, doutrina e método, o positivismo fornece os instrumentos para o funcionamento de qualquer sistema político, ou seja, a ordem e o progresso.<sup>45</sup>

As teorias evolucionistas, calcadas nos postulados de Charles Robert Darwin (1809-1882), a partir das interpretações sobre *A origem das espécies*, utilizaram os conceitos básicos dessa obra para a análise do comportamento das sociedades humanas. Conceitos como “competição”, “seleção do mais forte”, “evolução” e “hereditariedade” passavam a ser aplicados aos mais variados ramos do conhecimento: na sociologia evolutiva de Spencer; na história determinista de Buckle, entre outros.<sup>46</sup>

Segundo Schwarcz, no que se refere à esfera política, o darwinismo significou uma base de sustentação teórica para práticas de cunho bastante conservadoras. São conhecidos os vínculos que unem esse tipo de modelo ao imperialismo europeu, que tomou a noção de “seleção natural” como justificativa para a explicação do domínio ocidental, idealizando o europeu como o “mais forte e adaptado”.<sup>47</sup>

Paralelamente a esse evolucionismo social, duas grandes escolas deterministas tornam-se influentes. Em primeiro lugar, a escola *Determinista Geográfica*, cujos maiores representantes, Ratzel e Buckle, advogavam a tese de que o desenvolvimento cultural de uma nação seria totalmente condicionado pelo meio. Um outro tipo de determinismo, de cunho

---

<sup>45</sup> AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. 3 ed. rev. ampl. atual. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1999. p. 361-362.

<sup>46</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil (1870-1930)**, p. 26.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 56.

racial, toma força nesse contexto. Denominado de “darwinismo social” ou “teoria das raças”, essa nova perspectiva via de forma pessimista a miscigenação, já que acreditava que “não se transmitiriam caracteres adquiridos”, nem mesmo por meio de um processo de evolução social. Ou seja, as raças constituiriam fenômenos finais, resultados imutáveis, sendo todo o cruzamento, por princípio, entendido como erro. As decorrências lógicas desse tipo de postulado era duas: enaltecer a existência de “tipos puros” – e portanto não sujeitos a processos de miscigenação – e compreender a mestiçagem como sinônimo de degeneração não só racial como social.<sup>48</sup>

Outro grande profeta do determinismo foi H. Taine, para quem nenhum fenômeno aconteceria sem uma causa exterior a motivá-lo. Partidário de um determinismo integral, no qual caberia toda e qualquer manifestação humana, assim em suas análises, o autor invertia o arbítrio dos filósofos das Luzes ao enxergar o indivíduo enquanto resultado imediato do grupo constituidor.<sup>49</sup>

Herbert Spencer pode ser considerado o fundador do racismo científico, a partir de suas elaborações sobre o que denominou de evolucionismo social, quando transplantou, do mundo biológico ao mundo cultural, o modelo das tipologias e dos sistemas classificatórios, implementando a noção de diferenças entre os povos e as sociedades. Discorrendo sobre o evolucionismo, Spencer afirmou que os elementos constitutivos da vida passam por modificações, propiciadas pela redistribuição da matéria e do movimento, gerando mudanças que operavam em um *continuum* do menos ao mais complexo, através de diferentes estágios. Ressaltou que este processo era universal, englobando os organismos e as sociedades. Assim,

---

<sup>48</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil (1870-1930)**, p. 58.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 63.

ele categorizou os povos como superiores e inferiores: os primeiros eram constituídos pelos europeus e os segundos, por indianos e indígenas.<sup>50</sup>

Além disso, Spencer classificou as sociedades, considerando a industrial como a mais civilizada e evoluída, devido às suas formas de organização e divisão do trabalho. Nomeou as demais de primitivas, especificando-as como homogêneas, graças à incapacidade dos seus membros de alterar artificialmente as condições de existência e desse modo promover diferenciações econômicas.<sup>51</sup>

Spencer, ao defender a existência de transformações em todas as sociedades e em todas as espécies, assegurou que, nas raças humanas, nem todas as mudanças implicavam em progresso. Além disso, o autor afirmou que, no processo de evolução social, existia uma luta pela supremacia entre os povos ou entre as pessoas, a qual estabelecia, de forma natural, a superioridade, a persistência do mais forte e a subordinação do mais fraco.<sup>52</sup>

As teorias expostas não foram utilizadas pelo movimento de 1870 de forma aleatória como afirma Alonso:



O sentido principal do movimento intelectual da geração 1870 foi a intervenção política. Argumento que grupos politicamente marginalizados pela ordem imperial recorreram ao repertório estrangeiro e à própria tradição nacional em busca de recursos para expressar seu descontentamento. Suas opções teóricas adquirem, assim, uma dimensão inusitada: auxiliaram na composição de uma crítica ao *status quo* imperial. O movimento intelectual revela ser um movimento *político* de contestação. Suas obras exprimem interpretações do Brasil críticas ao *status quo* monárquico e programas de reformas. Por isso proponho nomeá-lo *reformismo*.<sup>53</sup> (grifo do autor)

<sup>50</sup> CHAVES, Evenice Santos. Nina Rodrigues: sua interpretação do evolucionismo social e da psicologia das massas nos primórdios da psicologia social brasileira. *Psicologia em Estudo*. [online]. vol. 8, n. 2. p. 27-37, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a03.pdf>>. Acesso em: 10 Out. 2005. p.30.

<sup>51</sup> Ibid.

<sup>52</sup> Ibid.

<sup>53</sup> ALONSO, Angela. Crítica e contestação: o movimento reformista da geração 1870. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. [online]. v.15, n. 44. p. 35-55, out. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4146.pdf>>. Acesso em: 10 Out. 2005. p. 36.

A geração 70 era composta de intelectuais que eram políticos e vice-versa, pois segundo Alonso, não havia um grupo social cuja atividade exclusiva fosse a produção intelectual. Percebemos isso muito bem no decorrer do estudo sobre a vida dos próprios autores das obras selecionadas para o nosso trabalho. Para a autora, essa divisão seria um *anacronismo*,<sup>54</sup> pois a existência de uma única carreira pública centralizada no Estado, incluindo empregos no ensino a candidaturas ao parlamento, fazia da sobreposição de elites política e intelectual a regra antes que a exceção.<sup>55</sup>

Assim, a partição convencional da geração 70 em positivistas, liberais, darwinistas etc. é resultado do critério adotado. É o intérprete quem seleciona características intelectuais em detrimento das políticas. Empiricamente, os grupos tanto se identificam por recurso a termos doutrinários quanto a posições políticas. Nesse sentido, a autora complementa sua argumentação afirmando que tanto os autores de "obras filosóficas" desenvolveram atividade política contínua, quanto os "políticos" escreveram interpretações com base em recursos doutrinários. Para ela, não tomar esse fato em conta significa decepar parte do objeto: a atividade política dos "intelectuais" ou a atividade intelectual dos "políticos".<sup>56</sup>

Além dessas características da intelectualidade brasileira da década de 1870, houve, especialmente em relação aos autores analisados, uma outra influência, sendo esta mais de ordem sistematizadora da produção literária da região Norte. Tratava-se de uma agremiação literária, nascida no Ceará, chamada de "Padaria Espiritual". Sabe-se que Rodolfo Teófilo fez parte da "Padaria Espiritual", enquanto José do Patrocínio e Domingos Olímpio, apesar de não terem participado efetivamente desse grupo, foram bastante influenciados por ele.

---

<sup>54</sup> Erro histórico-cronológico referente aos mais diferenciados aspectos, por exemplo, a afirmação de conceitos e/ou idéias incondizentes para um determinado contexto histórico.

<sup>55</sup> ALONSO, Angela. Crítica e contestação: o movimento reformista da geração 1870. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. [online]. v.15, n. 44. p. 35-55, out. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4146.pdf>>. Acesso em: 10 Out. 2005. p. 39.

<sup>56</sup> Ibid.

A “Padaria Espiritual”, segundo Tristão de Athayde<sup>57</sup>, foi um movimento de renascença literária proposta no Ceará no final do século XIX. Efêmero, mas que tinha por objetivo discutir leituras e produzir novas idéias, longe dos ideais burgueses do período. Assim, o movimento defendia e pregava, a partir do seu próprio estatuto de criação, uma produção literária de estilo simples em que se proibia a utilização de termos estrangeiros ou animais que não fossem nativos do Brasil.

Além disso, o movimento se caracterizava por ser anti-clerical, pois recriminava as ações da Igreja e libertário, porque tinha aversão às instituições com poder de repressão, como por exemplo, da polícia. Entretanto, a agremiação também ambicionava criar uma literatura genuinamente cearense, propunha a luta por uma ampliação do ensino à “infância desvalida”, através da promessa de trabalhar por tornar obrigatória a instrução pública primária, além dessas propostas, defendiam o “aformoseamento”<sup>58</sup> e conservação da capital da “Terra da Luz”, Fortaleza.

A “Padaria Espiritual” possuía uma postura radical e nacionalista, características estas comuns aos movimentos de fins do século XIX que tinham por base os ideais positivistas. A agremiação foi importante, em termos literários, por conta da sua participação na consolidação do Realismo e no surgimento do Simbolismo no Ceará. Além disso, o movimento conseguiu outras conquistas, por exemplo, tinha como um dos principais objetivos a criação de um periódico que pudesse veicular a difusão dos ideais da agremiação. Sendo isso concretizado com o primeiro número do jornal “O Pão”, em 1892. A sua produção foi

---

<sup>57</sup> SALES, Antônio. **Aves de arribação**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965. p. 19-22.

<sup>58</sup> Termo empregado, em várias ocasiões, pelas imprensas locais do Norte durante a Primeira República. O *aformoseamento* significava o embelezamento das cidades, através das construções de prédios públicos, das intervenções em praças e jardins, e das reformas de prédios e residências existentes. Ver OLIVEIRA, Giovana Paiva de. **De cidade a cidade: o processo de modernização do Natal (1889/1913)**. Natal (RN): EDUFERN, 2000. p. 15-16.



suspensa no sexto número, mas reapareceu em 1895, contudo teve pouco tempo de existência, pois a agremiação, como afirmava Antônio Sales, “morreu de caquexia pecuniária”.

O movimento da “Padaria Espiritual” foi, em grande medida, uma resposta ao menosprezo sofrido pelo discurso literário desde o século XIX. Segundo Albuquerque Júnior,

o discurso literário foi desde o século XIX rebaixado para um ponto inferior na hierarquia dos discursos, porque não havia nele lugar para a verdade. No momento em que o pensamento racionalista burguês consegue se impor em todas as áreas e o positivismo faz uma separação radical entre discurso da verdade ou discurso da ciência e discurso literário ou discurso da ficção, a literatura e outras manifestações artísticas são vistas como instâncias distintas e inferiores do saber.<sup>59</sup>

Assim, essas obras possuem um linguajar, positivista, tecnicista, determinista e darwinista (evolucionista), afim de galgar um aspecto discursivo empírico, capaz de descrever a tão almejada “verdade”. A partir de então, remanejando o discurso literário a um lugar superior na hierarquia discursiva, valorizando-o.

Essa literatura nortista passa por esse processo de desenvolvimento justamente no momento em que a seca está se tornando o problema sócio-econômico central da região Norte. Logo, a literatura encontrará aí o tema a ser privilegiado, sendo responsável em grande parte pela repercussão do fenômeno em termos nacionais, elevando também a figura do “flagelado”. Assim especifica Albuquerque Júnior:

---

<sup>59</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922)**, p. 218.

A população do Sul entra em contato com a dura realidade humana e cotidiana do nortista no momento da seca, através das leituras destas obras. Elas têm grande repercussão, fazendo uma parte do país tomar consciência da existência da outra parte, com todas as suas misérias e calamidades. O esforço da classe dominante nortista no sentido de tornar a seca um ‘problema nacional’ encontra nesta literatura seu grande aliado.<sup>60</sup>

Essas obras regionalistas, em sua maioria, têm por objetivo denunciar a realidade nortista e o atraso em que a região se encontra em relação ao Sul do país. Elas buscam propor soluções para superar essa realidade da seca que “tudo destrói e abrasa” no Norte. Assim, apesar de possuírem as características do regionalismo e/ou sertanismo presentes na corrente Romântica, elas serão, em grande medida, o oposto dela, principalmente da representada por José de Alencar. Pois não idealizarão um homem e uma mulher perfeita, nem uma sociedade em que os costumes prevalecentes são sempre virtuosos, preocupar-se-ão sim com a descrição do cotidiano, apresentando os problemas rotineiros de uma sociedade imperfeita. Porém isso não quer dizer que essas obras não pudessem também construir uma realidade idealizada, imaginada, buscada para solucionar os problemas experimentados no dia-a-dia.

É nítida a importância dessas obras para a criação da imagem do “flagelado” e para o reforço de uma série de valores sociais, tais como: a noção de família patriarcal; honestidade; honra; religiosidade; escravismo/abolicionismo; entre outros. Através da criação de imagens, paisagens e personagens os autores buscam reforçar ou questionar esses valores sociais, contribuindo assim para o controle social. Assim como demonstram o seu próprio descontentamento, que enquanto membros da elite intelectual – provenientes em sua maioria de famílias abastardas – se viam como porta-vozes das províncias e se incomodavam com a miséria que os cercava.<sup>61</sup>

---

<sup>60</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922)**, p. 221.

<sup>61</sup> *Ibid.*, p. 222-223.

Após situar a vida privada e pública dos autores, é importante localizar as suas obras nas correntes literárias em que foram produzidas. Nesse sentido, pode-se afirmar que todas as obras analisadas são romances das correntes literárias realista-naturalista, divergentes do Romantismo mas que, segundo Alfredo Bosi, de inspiração regional. Pois,

Fortaleza conheceu, nos primeiros anos do Realismo, uma vida literária ativa, fermentada por ideais abolicionistas e republicanos: é sabido que o Ceará foi a primeira província brasileira a libertar os escravos, 1884. Data de 1872 a fundação de uma Academia Francesa e entre esta e o grupo militante da Padaria Espiritual, reunido em 1892, formaram-se vários grêmios políticos e literários, onde se colava a moda naturalista com as lutas ideológicas do tempo.<sup>62</sup>

Os anos de 1860-1870 revelam a existência de algumas tendências que apontavam cada vez mais para uma literatura preocupada com o seu tempo, o que caracterizaria o Realismo alguns anos depois. Pode-se dizer que essas obras se enquadram numa transição da corrente Realista para a corrente Naturalista. Essa corrente literária proveniente da

segunda metade do século XIX preconiza maior aproximação com a realidade ao descrever os costumes, o relacionamento homem e mulher, as relações sociais, os conflitos interiores do ser humano, a crise das instituições (Estado, Igreja, família, casamento), etc.<sup>63</sup>

Assim, as obras analisadas – *Os Retirantes*, *A Fome* e *Luzia-Homem* – se enquadram, em relação as suas características, em duas correntes literárias muito próximas: a Realista e a Naturalista.

<sup>62</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, p. 195.

<sup>63</sup> CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Literatura brasileira*, p. 201.

Quanto às características da prosa Realista, podemos citar as seguintes: o objetivismo; a narrativa lenta; exatidão para localizar tempo e espaço; descrição objetiva, precisa; o casamento como arranjo conveniente; a mulher não idealizada, mostrada com defeitos e qualidades; o amor e outros sentimentos subordinados aos interesses sociais; o protagonista apresentado como um anti-herói ou um “herói problemático”, cujos valores entram em crise perante o mundo degradado; a crítica aos valores e às instituições decadentes da sociedade burguesa; a introspecção psicológica.<sup>64</sup>

Dentre as principais características o Naturalismo pode-se citar: Quanto à forma: uma linguagem simples; clareza, equilíbrio e harmonia na composição; preocupação com minúcias; presença de palavras regionais; descrição e narrativa lentas; impessoalidade. Quanto ao conteúdo: determinismo; objetivismo científico; temas de patologia social; observação e análise da realidade; o ser humano descrito sob a ótica do animalesco e do sensual; despreocupação com a moral; literatura engajada.

Há na corrente Naturalista o fatalismo das forças sociais e naturais atuando pesadamente sobre o homem. Natureza, ambiente social, educação, taras, instintos geram conflitos dramáticos, situações anormais, finais catastróficos. Nesse sentido, para os naturalistas, o homem não passa de um animal cujo destino é determinado pelo meio social em que vive e pela hereditariedade. Nessa visão, roubam-lhe o livre-arbítrio, deixando-o à mercê de forças que estão além de seu controle.<sup>65</sup>

Nesse sentido, a literatura Naturalista constrói sua ficção sob o regime das leis científicas: o homem é um caso, um objeto a ser cientificamente estudado. O romancista assume uma atitude de frieza diante das personagens, pois ele é um observador que deve

---

<sup>64</sup> CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Literatura brasileira*, p. 200.

<sup>65</sup> *Ibid.*, p. 212.

registrar impessoalmente, com precisão e objetividade científica, a realidade. A linguagem naturalista caracteriza-se [...] pelo apelo à minúcia e pela linguagem simples, coloquial.<sup>66</sup>

O naturalismo, assim como o realismo, se volta para a realidade. Entretanto, observa, documenta, analisa e disseca-a sob uma ótica muitas vezes “científica”. Os escritores naturalistas, valendo-se de temas inovadores, mostram a decadência das instituições, denunciam a hipocrisia, caracterizam as lutas sociais, com espírito participativo e reformista. De modo geral, pode-se dizer que o naturalismo é uma espécie de realismo científico.<sup>67</sup>

A partir da visualização da emergência do problema “flagelado”, devido a sua inserção num discurso outro em formação, o “discurso da seca”, e ao momento conflitante em que se encontrava politicamente e economicamente a região Norte, assim como a definição da posição do sujeito que toma a palavra criando o discurso sobre esse “ser” e a exposição do meio utilizado para tanto, a literatura com as suas correntes e características específicas da época, é que adentraremos na análise dos temas que construíram a imagem da trajetória de vida do “flagelado”.

---

<sup>66</sup> CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Literatura brasileira*, p. 213.

<sup>67</sup> *Ibid.*, p. 192 -211.

## CAPÍTULO II

### “O trágico préstito da seca”: a imagem de uma trajetória de vida.

Esse capítulo tem por objetivo analisar os temas presentes na literatura nortista construtores da imagem da trajetória de vida do “flagelado”. Primeiramente, descreveremos a estrutura e o conteúdo das obras analisadas e, em um segundo momento, discutiremos os temas que formaram, a partir de enunciados específicos, a formação daquela imagem.

O romance *Os Retirantes* (1876) de José do Patrocínio, é constituído de três momentos: a Primeira Parte – A Paróquia Abandonada; a Segunda Parte – A Retirada; e a Terceira Parte - A Capital. No primeiro momento há a narração da vida sertaneja na Paróquia de B.V.<sup>68</sup>, onde as pessoas viviam de forma muito singela e calcada na religiosidade. Ao iniciar o ano de seca, em 1877, a vida da paróquia começou a se modificar, pois a seca trouxe para a localidade o problema do momento: o retirante. No segundo momento, após a presença maciça do “flagelado” na região, tem-se a descrição da necessidade do êxodo, pois as conseqüências da seca chegam à paróquia de forma assustadora e devastadora. A retirada, que é o tema central nesse momento do texto, sempre visa as regiões litorâneas e, principalmente, a capital, porque é lá que se encontrariam a ajuda governamental efetiva e sistematizada. O último momento é marcado pela narrativa da situação da cidade central do romance, a capital da “Terra da Luz”, Fortaleza. Todo o romance é traçado a partir da sua protagonista, Eulália, que sofre o flagelo da seca em suas multifacetadas formas, desde a humilhação da perda da honra, pois fora seduzida por um clérigo (Padre Paula) ainda na Paróquia de B.V., a retirada penosa, a perda de familiares, a prostituição, até mesmo o suplício final da morte em plena praça pública da capital por descaso da população e das autoridades públicas.

---

<sup>68</sup> “B.V.”, lugar onde foi o palco da trama, a Vila de Boa Vista, no interior cearense.

No romance *A Fome* (1890) de Rodolfo Teófilo, como pano de fundo, tem-se a seca de 1877, em meio a qual o autor vai costurando um enredo marcadamente simples, que será recorrente em toda a literatura sertanista: a sorte trágica da família de um próspero fazendeiro, Manuel de Freitas que perde tudo em decorrência da estiagem e se vê obrigado a abandonar suas terras ressequidas e emigrar para a capital. No meio do caminho, vai colecionando desventuras: fome, sede e morte. Muitos dos retirantes que seguiram o mesmo destino acabam engrossando as fileiras da migração compulsória para a Amazônia.<sup>69</sup>

Esse texto, assim como *Os Retirantes*, também é constituído de três momentos: Primeira Parte – O Êxodo; Segunda Parte – A casa negreira; e por último a Terceira Parte – Misérias. A primeira parte, como diz o seu próprio título “Êxodo”, trata da retirada de famílias sertanejas de Jacarecanga (um dos arrebaldes de Fortaleza) em decorrência da destruição da região pela seca. No segundo momento do texto, “A casa negreira” o autor irá analisar e dissecar as práticas clientelísticas e escravocratas presentes na segunda metade do século XIX. Por exemplo, o autor discute amplamente como se dava a luta pelo domínio das comissões de socorros públicos, o cotidiano do traficante negreiro, os castigos aos cativos, como ocorria a compra e venda do escravo, a perícia médica a que estava sujeita a “peça”, entre outros temas. Finalmente no último momento da obra, “Misérias”, tem-se a representação do caos social nas áreas urbanas, principalmente na capital, engendrado pelo problema chamado “flagelado”.

O romance *Luzia-Homem* (1903) de Domingos Olímpio, é um dos mais importantes elos da cadeia do regionalismo nortista. O sertanismo tem nele um pintor de paisagens e um caracterizador de personagens, sua visão do interior cearense tostado pela seca adquire tons de intensa dramaticidade, com a luta renhida entre o homem e o meio hostil, que o esmaga e degenera.<sup>70</sup> O livro retrata o drama do retirante, e também, tal como em *Os Retirantes*, de José

<sup>69</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p.11.

<sup>70</sup> OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*, p.13.

do Patrocínio, o cenário social e político é representado com os exploradores da miséria popular e os parasitas e aproveitadores da situação. A obra é subdividida em vinte e oito capítulos, contudo poder-se-ia também perceber três momentos principais: A vida do retirante na região de Sobral (CE), dependente dos socorros públicos e da ração diária para a sobrevivência em troca do trabalho braçal em obras públicas; O cotidiano da vida de retirante, “flagelado” da seca, que tem de aceitar e se adaptar às adversidades do dia-a-dia, como a fome, a doença, a injúria, o assédio sexual etc. Por último, tem-se a representação do sonho de uma retirada mais feliz do que a inicialmente exposta na obra (causadora de uma vida servil e aviltante), em que se pudesse galgar uma vida de paz e abundância em uma região menos afetada pela seca.

Vale salientar que todas as obras analisadas possuem como pano de fundo da trama a seca de 1877-79, refletindo em parte o porquê dessa seca ter sido transformada em especial, a chamada “grande seca de 1877-79”. Pois, a literatura juntamente com outras formas de comunicação pública, como os jornais e documentos oficiais, criaram a “seca-problema” nesse momento.

Além disso, o “discurso da seca” possuiu elementos importantes para sua legitimação como problema regional e, posteriormente, nacional. Um desses elementos foi de fundamental importância para sensibilizar a opinião pública a favor do apoio e ajuda ao Norte, lugar ressequido e destruído pela seca: tratou-se da figura intitulada de “flagelado”. Este é o homem e a mulher do Norte que experimenta no plano pessoal as consequências da estiagem. Entendendo assim o “flagelado”, o trataremos de agora em diante nesse sentido.

A construção discursiva da imagem do “flagelado” e de sua trajetória de vida foi composta por vários temas e encontramos, entre eles, uma unicidade na medida em que os discursos, ao descrever as consequências da seca, engendram um percurso de vida: o homem e a mulher do Norte que se tornaram a personificação do sofrimento, da miséria, se



alastrando, se arrastando para outras áreas, uma vez que o “flagelado”, se move em retirada da sua terra natal e se “aloja” em outros lugares. Ou seja, o grande tema privilegiado em toda a literatura nortista sobre a seca: a retirada.

Iremos analisar os temas referentes a trajetória de vida do “flagelado”, expostos nas obras, de forma conjunta, contudo se houver diferenças acerca da visão de cada autor sobre um determinado tema procuraremos também especificá-las.

Para tanto, consideramos o *tema* como um conjunto de enunciados que estão, de certa maneira, interligados e constroem sentidos específicos. O enunciado é, segundo Foucault, tudo que produz sentido, ou seja, signos, símbolos, que podem se expressar pela escrita ou oralidade. Entretanto, “[...] um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente”.<sup>71</sup> E, caracterizado como *acontecimento*, possui sua singularidade, sua particularidade, constituindo-se num evento. Para Paul Veyne, ao analisar a idéia de “individualização”, todo evento é individual e singular, apesar se pensar pretensamente na possibilidade dele se repetir, nem por isso perderá a sua importância histórica. Pois, para o historiador, mesmo que haja eventos repetidos identicamente, haverá sempre um fator diferenciador: a historicidade. Ou seja, a particularidade do espaço e, principalmente, do tempo do próprio evento.<sup>72</sup> Assim, também, o próprio ato de enunciar, quer dizer, “a enunciação é um acontecimento que não se repete; tem uma singularidade situada e datada que não se pode reduzir”.<sup>73</sup>

Diremos, então, há enunciação cada vez que um conjunto de signos é emitido e cada uma dessas articulações tem sua individualidade espaço-temporal. Entendendo o *tema* dessa forma e percebendo na literatura a presença de um conjunto de enunciados a respeito da figura

<sup>71</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*, p. 32.

<sup>72</sup> VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*, p. 21-23.

<sup>73</sup> FOUCAULT, Michel. Op. cit., p. 116.

flagelada, é que procuraremos analisar a construção de temas formadores da imagem da trajetória de vida do “flagelado”.

Assim, dividimos a análise sobre a construção da imagem da trajetória de vida do “flagelado” em quatro grandes eixos temáticos. Primeiramente os temas relacionados as mudanças que desestruturam o cotidiano, a normalidade, por conta da seca. Em um segundo momento, a análise dos temas ligados à retirada, ao êxodo. Após isso, os temas referentes a chegada aos centros urbanos e, por último, temas relacionados a saída última do “flagelado”, a migração final para o Sul ou para o Extremo Norte do país. Esses quatro eixos temáticos são partes constitutivas daquele grande tema exposto anteriormente, a retirada.

Entretanto, não propomos enquadrar de forma rígida a análise dos temas nesses quatro grandes eixos temáticos. Consideramos as particularidades de cada obra, entendendo-as em suas estruturas específicas. A divisão é apenas uma forma de sistematizar e facilitar a compreensão dos temas, encadeando uma noção da trajetória de vida do “flagelado”. Compreendemos que há na literatura analisada temas tão abrangentes e complexos quanto aqueles quatro grandes temas montados, contudo, em prol de uma idéia de um percurso seguido pela figura do “flagelado” é que optamos pela análise a partir daqueles eixos temáticos.

Em princípio, as obras constroem temas ligados a formação de cenários e paisagens lúgubres, inóspitas e desoladoras por causa da chegada da seca. Em contrapartida, também se descreve os lugares que o fenômeno natural havia respeitado. Sendo criado, assim, cenários e paisagens distintas, uns remontando àquele sertão vivo, repleto de belezas naturais onde é o lugar do verdadeiro brasileiro, o “legítimo filho da terra” como afirmava Franklin Távora, e a outros cenários que representam o oposto. A literatura, a partir da formulação desses temas, participou de forma significativa da construção do problema da seca, pois ao representar os cenários do sertão dentro da normalidade, ou seja, bonito, natural e fabuloso e o cenário triste

com a chegada da estiagem acaba por gerar, paradoxalmente, um reforço para problematização da seca no Norte, mostrando-a como algo que desestrutura o cotidiano, tranqüilo e harmonioso, da vida sertaneja. Em *Luzia-Homem*, por exemplo, esses dois tipos de cenários são muito bem descritos:

Ao espetáculo do alvorecer sem alegria, o campo desolado, sem cânticos de pássaros e rumores harmoniosos do trabalho venturoso e fecundante, ela revia a infância, na Fazenda Ipueiras: a campina verdejante umedecida de orvalho congregado no côncavo das folhas em gotas trêmulas, os cabeças-vermelhas gorjeando nos mais altos ramos dos juazeiros frondosos; caraúnas airosas papeando em *volatas* vibrantes nos leques das carnaúbas esguias. Rolas arrepiadas e friorentas aguardando, aos casais quietos, bem juntinhas, os primeiros raios do sol. Ouvia o mugir lamentoso das vacas presas nos currais, o gemido soturno e tímido dos bezerros e monjolos famintos; o balir das ovelhas irrequietas no fumegante chiqueiro; o gaguejar dos bodes lúbricos, ébrios de luxúria; e o relincho triunfante do fogoso cavalo castanho a galopar pelado das mãos, de crinas eriçadas, de orelhas espetadas e de rúbidas narinas acessas. E como o cheiro do pasto florido, dos aguapés flutuantes na lagoa azulada, nenúfares de caçoulas entreabertas, sentia o *fartum* da prodigiosa terra exuberante, e o bafio agro dos rebanhos fecundados. Recordava-se do banho na lagoa, que espelhava o céu, e a paisagem pitoresca, e onde ela nadava como as marrecas ariscas; mergulhava e voltava a *flux*, espadanando a água com o açoite de cangapés acrobáticos, espantando os paturis e jaçanãs medrosos, os graves socós pousados sobre uma perna e os bandos de alvas garças elegantes. Como era saboroso o leite morno, espumando nas cuias; o tassalho de carne-de-sol chiando no espeto, o cuscuz vaporoso e os queijinhos de cabra, em forma de peito de moça; as merendas e o mel de rapadura e macaxeira, o mungunzá com coco da praia, a coalhada escorrida e os fofos manuês assados em folha de bananeira?!...<sup>74</sup> (Grifos do autor).

Assim a literatura nortista constrói paisagens, pois essas não são naturais, são sim “o produto de uma cultura comum, trata-se, ademais, de uma tradição construída a partir de um rico depósito de mitos, lembranças e obsessões”.<sup>75</sup> A construção dessas paisagens, segundo Schama, está intimamente relacionada com idéia de identidade nacional.

<sup>74</sup> OLÍMPIO, Domingos. *Luzia Homem*, p. 60.

<sup>75</sup> SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996. p. 24.

Uma vez que essa paisagem “perderia muito de seu fascínio feroz sem a mística de uma tradição paisagística particular: sua topografia mapeada, elaborada e enriquecida como terra natal”.<sup>76</sup> Nesse sentido, adotamos a percepção desse autor: “as paisagens podem ser conscientemente concebidas para expressar as virtudes de uma determinada comunidade política ou social”.<sup>77</sup> E mais, “todas as paisagens, do parque urbano às trilhas na montanha, têm a marca de nossas persistentes e inelutáveis obsessões”.<sup>78</sup>

Nesse sentido, a paisagem sempre esteve intimamente ligada à cultura, com a idéia de formas visíveis sobre a superfície da terra e com a sua composição. A paisagem é uma “maneira de ver”, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma “cena”, em uma unidade visual. Assim, a ela está relacionada, de forma muito próxima, a uma nova maneira de ver o mundo como uma criação racionalmente ordenada, designada e harmoniosa, cuja estrutura e mecanismo são acessíveis à mente humana, assim como ao olho, e agem como guias para os seres humanos em suas ações de alterar e aperfeiçoar o meio ambiente.<sup>79</sup>

Assim, percebemos na literatura a preocupação com a criação de paisagens específicas, constituindo uma forma de ver o sertão e o próprio Norte. A partir dessa idéia da construção das paisagens é que percebemos a contribuição da literatura nortista na elaboração da “terra do Norte” como algo diferente da “terra do Sul” no Brasil, principalmente nos momentos de crise como os de estiagem. Por exemplo, o cenário desolador, triste e fúnebre pode ser percebido, em *A Fome*, quando se tem “a floresta, reduzida a esqueletos enegrecidos, bracejava desfolhada no espaço, confundia-se muito além com o firmamento”<sup>80</sup>, onde “os

---

<sup>76</sup> SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*, p. 26.

<sup>77</sup> *Ibid.*, p. 24.

<sup>78</sup> *Ibid.*, p. 29.

<sup>79</sup> COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1988, p. 98-99.

<sup>80</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 18.

homens e os rebanhos erravam á toa naquela natureza tocada de morte, procurando a vida”.<sup>81</sup>

Ousava-se ainda mais na descrição desse tipo de cenário:



Os urubus, pousados aos milhares nos galhos das árvores num crocitar constante, tornavam a solidão tétrica e pavorosa. De uma gula insaciável, espreitavam as vítimas, que caíam aos cantos mortas de fome e de peste, e banquetevam-se naquele repasto de pelangas. A atmosfera que enchia os campos era deletéria e podre.<sup>82</sup>

A mudança do cenário do sertão vivo para o morto se torna o “ponta pé” inicial para as previsões de “tempos ruins”, o(a) sertanejo(a) a partir daí percebe, aos poucos, a dureza da estiagem e suas possíveis conseqüências:

A população nem mais ousou implorar; a última esperança terminou o seu sonho de prosperidade no vestibulo da miséria, e o céu pareceu impenetrável como um edifício bloqueado pelo incêndio. Para que levantar preces, que não voltariam à terra convertidas na piedade divina, como os vapores da terra em chuvas benfazejas? Os espíritos afizeram-se ao horror do seu destino, semelhantes às revoadas dos corvos, os hóspedes negros da podridão, ao mau cheiro da carniça. A dor atrofiou os corações, e a sensibilidade enlerdou-os com a anestesia nojosa dos cães, que morrinhavam a digestão de carnes podres, em sono pesado na areia morna do terreiro.<sup>83</sup>

A partir da construção desses cenários, a literatura regionalista cria também personagens representantes das mais diversas classes sociais, desde presidentes de província até moradores de condição. A seca que tudo crestava e destruía, afetava a todos, gerando

<sup>81</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 18.

<sup>82</sup> *Ibid.*, p.21.

<sup>83</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 14.

sofrimento e desgraça, como afirma Rodolfo Teófilo: “A família cearense passou esse período coberta de pesado luto, as lágrimas correram em todos os rostos, os lamentos ouviram-se em todas as habitações, a tristeza morou em todos os lugares, a morte passou por toda a parte!”<sup>84</sup>

O “flagelado” não era apenas o chamado *homem livre pobre*<sup>85</sup>, principalmente durante a “grande seca de 1877-79”, ele é também proveniente das famílias até então abastadas. “Não era raro aparecerem, entre os retirantes, famílias abastadas que haviam abandonado os lares, levando o dinheiro e jóias sem valor por não terem o que comprar, mesmo a preços exorbitantes.”<sup>86</sup> A seca as arruinou financeiramente, pois perdem a sua produção agrária e pecuária, além de terem suas terras desvalorizadas em decorrência da estiagem. Uma das primeiras saídas encontradas por essas famílias é a venda aos usurários das suas jóias de família a preços mirrados, destinados a compra dos gêneros alimentícios que, em decorrência da estiagem, estavam com preços exorbitantes, sendo isso, segundo a literatura, uma característica marcante dos momentos de seca.

O tráfico de escravos era mais uma saída das dificuldades financeiras, em tempo de flagelo, para as famílias mais abastadas. Os mascates (comerciantes ambulantes) nesse período também eram traficantes de escravos e se encarregavam do contato entre os possíveis vendedores e compradores da “mercadoria humana”. Esse momento de dificuldade no Norte coincide justamente com o período em que o Sul do país estava necessitando de mão-de-obra para a produção cafeeira. Como o tráfico internacional de escravos se encontrava em processo

---

<sup>84</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 266.

<sup>85</sup> Categoria de análise referente ao morador de condição, arrendatário, meeiro etc. Indivíduos que não possuíam a posse da terra e que, para poderem usufruir desse meio de produção, se submetiam as mais diversas formas de submissão de trabalho. Essa situação se firma definitivamente, desiludindo de vez o sonho do homem livre pobre possuir terras, através da aprovação da *Lei Terras* no Brasil, em 1850. “A regulamentação da Lei de Terras de 1850 havia determinado que todas as terras obtidas em sesmarias ou através de posse, isto é, as terras deveriam ser medidas e demarcadas. Assim, as sesmarias poderiam ser revalidadas e as posses legitimadas, garantindo-se o título de propriedade definitivo aos seus possuidores. As terras públicas nacionais, chamadas de devolutas, não poderiam mais ser obtidas pela pura e simples ocupação, mas apenas mediante a compra ao governo”. Ver MONTEIRO, Denise Mattos. Terra e trabalho em perspectiva histórica: um exemplo do sertão nordestino (Portalegre – RN). *Caderno de História*, v. 6, n. 1, p. 26. jan./dez. 1999.

<sup>86</sup> OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*, p.161.

de extinção, por causa da pressão inglesa sobre o Brasil desde o *Bill Aberdeen*<sup>87</sup> (1845), refletindo no Brasil a promulgação da Lei *Eusébio de Queiroz*<sup>88</sup> de 1850, proibindo definitivamente o tráfico de escravos. Foi criado, então, para suprir a necessidade de mão-de-obra durante a transição do trabalho escravo para o assalariado no país, um tráfico interprovincial na segunda metade do século XIX. Os traficantes possuíam grandes lucros com a compra barata dos escravos do Norte, devido ao declínio econômico e a seca por que passava a região interiorana nortista. Assim,

Esgotados todos os recursos com aniquilamento de quatro quintos dos rebanhos, tornava-se cada vez mais precária a sorte do criador, que, para escapar da miséria, tinha apenas terras sem valor e o escravo, considerado quase como pessoa da família.<sup>89</sup>

A literatura, então, acaba por descrever a chegada da estiagem e as mudanças no cotidiano por ela provocadas, como a desestruturação da produção agrária e pecuária, das relações sociais de subordinação de patrão e empregado e/ou dono e propriedade, como no caso do escravo que apesar de muitas vezes ser considerado, principalmente na área interiorana nortista, uma “pessoa da família” no momento de desespero era visto como uma peça de valor e vendido como tal. A partir dessa situação problemática que começa a se

---

<sup>87</sup> O Parlamento inglês ao aprovar o *Bill Aberdeen*, em agosto de 1845, permitiu à marinha real britânica radicalizar e tomar como mira de seus vasos de guerra os navios negreiros que traficavam africanos escravos no Atlântico Sul. Essa medida contribuiu de forma significativa para a diminuição das práticas mercadológicas escravocratas internacionais.

<sup>88</sup> Para maiores informações sobre o processo político de abolição da escravatura no Brasil do século XIX e aprovação da Lei Eusébio de Queiroz, ver CARVALHO, José Murilo de. *A política da abolição: o rei contra os barões*. In: \_\_\_\_\_. *A construção da ordem; Teatro das sombras*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Ed. Relume-Dumará, 1996. p. 269-302.

<sup>89</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 96.

antever, a literatura inicia a construção de temas que justifiquem a forma mais usual de escapar da desgraça iminente: a retirada.

Por conta da seca “é que haveis de fugir de vossas moradas, como a caça acuada, tendo horror ao próprio som das vossas pisadas. A seca, porém, vos seguirá os passos como um cão destro, e para onde quer que fujais, lá encontrareis o desabrigo, a fome e a morte”.<sup>90</sup> Uma das esperanças para os que sofriam as conseqüências da estiagem e ainda não aceitavam a retirada como solução, era a ajuda governamental através dos “socorros públicos”. Estes eram estruturados em “comissões” locais que, a partir das verbas do governo destinadas a compra de gêneros alimentícios, prestavam assistência aos “flagelados” da seca. Contudo, o “flagelado” é em grande medida proveniente das regiões interioranas e nessas localidades a ajuda governamental era restrita e mal fiscalizada. A literatura denuncia essa situação e mostra a insatisfação do governo provincial em manter a assistência nas zonas rurais: “Agora as condições tristíssimas agravaram-se, porque o novo presidente da província, indignado pelas delapidações escandalosas, resolvera suspender as remessas de gêneros para o interior e chamar para a capital e cidades mais próximas aqueles a quem a seca reduzira à miséria.”<sup>91</sup> Além disso, “os socorros, distribuídos pelo governo, não podiam chegar aos centros afastados, por falta de condução, ou eram os comboios de víveres assaltados por bandos de famintos, malfeitores e bandidos, organizados em legiões de famosos cangaceiros.”<sup>92</sup>

A partir de daí, cria-se um dos temas mais recorrentes na literatura nortista: a retirada. No caso das famílias abastadas, ocorria após a liquidação dos seus últimos bens. Como a terra natal não possuía mais condições para a sobrevivência, a solução nesse momento é a migração, a procura de uma terra menos “tocada pelo vento seco da morte”. Quanto aos habitantes menos favorecidos das regiões em estiagem, como não possuíam condições de se

---

<sup>90</sup> PATROCÍNIO, José. **Os retirantes**. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 3

<sup>91</sup> *Ibid.*, p. 165.

<sup>92</sup> OLÍMPIO, Domingos. **Luzia Homem**, p. 42.



manter nenhum tempo a mais na terra natal porque não tinham o que vender ou trocar, iam logo de encontro ao êxodo.

É interessante notar que o próprio termo “êxodo” nos remete a um dos discursos iniciais da Bíblia, título do segundo livro do Antigo Testamento. Lembrando-nos a imagem da sofrida peregrinação realizada no deserto pelos “filhos de Israel”. Assim a retirada é vista pela literatura de forma análoga a um castigo divino, como afirma Domingos Olímpio: “[...] Eram pedaços da multidão, varrida dos lares pelo flagelo, encalhando no lento percurso da tétrica viagem através do sertão tostado, como terra de maldição ferida pela ira de Deus [...]”.<sup>93</sup>

Durante o processo migratório para as regiões “menos” afetadas pela seca – principalmente as zonas litorâneas (preferencialmente as capitais), que na verdade parecem padecer de maior flagelo do que as regiões interioranas, devido ao ajuntamento de retirantes nessas áreas – o “flagelado” passa por trilhas, estradas, casas e vivendas abandonadas, se deparando com situações dantescas e fúnebres, tão surpreendentes que geravam uma desconfiança por parte dos críticos literários e da imprensa da época sobre a credibilidade das informações posta nas obras pelos autores, principalmente as de Rodolfo Teófilo. Como, por exemplo, as cenas presenciadas por Manuel Freitas, personagem de *A Fome*:

Surpresa horrível! O fazendeiro, sem querer, recua um passo e procura dominar-se. Tinha diante de si uma múmia de pé, encostada ao tronco de uma árvore. A figura era horripilante. Uma caveira coberta de pele seca e lustrosa eriçada de cabelos duros como as cerdas do caitatu, de órbitas vazias, as fossas nasais abertas e sem nariz, a boca cerradas pelas filas de dentes de branco esmalte, articulava-se ao esqueleto, que se conservava na posição vertical, devido ao equilíbrio mantido pelos membros superiores agarrados à árvore. Pendente das vértebras do pescoço caía um rosário de vidro formando uma curva oval. Mirrados todos os músculos, as vísceras se colaram aos ossos, dispensando o concurso da putrefação o banquete de vermes.<sup>94</sup>

<sup>93</sup> OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*, p.26.

<sup>94</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 52.

Essas cenas eram muito detalhadas e fortes, passando ao leitor a impressão do sofrimento que aguardava o retirante flagelado pela seca. A fome durante a retirada enfraquecia o físico e a mente do “flagelado”, não podendo ele resistir morreria no meio do percurso da viagem de forma cruel e macabra. Vejamos outro exemplo em relação a isso:

[...] Seguia caminho da fonte, quando ao passar pela ribanceira de um riacho seco, ouviu alguns gemidos. Parou e pensou logo em alguma desgraça. Os gemidos se repetiam; tomando o rumo de onde lhe pareciam vir, caminhou. Não foi preciso andar muito para ser espectador de uma cena terrível. Um grande lajedo estirado ao rés-do-chão, guardado por um grupo de angicos desfolhados, servia de palco a um drama da fome. Deitada sobre a pedra, na postura de crucificada, uma mulher tão magra como uma múmia, era devorada ainda viva pelos urubus. Banquete horrível! Como o Prometeu, imóvel e sem ação, sente rasgarem-lhe as entranhas as garras e os bicos acerados das aves malditas! Vivia, ainda, quando estas, que das alturas devassavam a terra, procurando repasto à fome, vêm-na e descem sobre ela. O crocitar das aves disputando o melhor quinhão da presa, seu passo lento e grave, a vestidura negra, como os convivas de um préstito fúnebre, aterram a desgraçada, sem forças para reagir, mas ainda com consciência para temer e sentir; e como o único e derradeiro esforço da vontade, que se aniquila, lança um olhar súplice para o céu, um olhar cuja luz vacilante refletem duas lágrimas, que tremem entre as pálpebras mal cerradas. Os urubus, crocitando sempre, alternando o canto pavoroso com os pios agudos e longos, aproximam-se da vítima, e o banquete começa. Os bicos compridos e aguçados rasgam o ventre e puxam o intestino que se desenrola à mercê da gula das aves. As vísceras são arrancadas do tronco e devoradas com gula famélica! Os mais fracos receiam disputar aos mais fortes um pedaço de intestino, e covardes, cercam a cabeça da vítima e lhe vazam os olhos a bicadas! Vivia ainda: sua pupilas se fitavam no azul do céu, quando a luz se apagou de repente e, nas agonias de dor tão cruciante, sente que a vida foge com as últimas ondas da claridade.<sup>95</sup>

Entretanto, em *Os Retirantes* (1879), percebemos uma descrição menos detalhada das cenas, como na citação acima de *A Fome* (1890), referente a o que se visualizava durante a migração. Podemos então pensar na hipótese que o discurso sobre esses enunciados são reproduzidos, reapropriados e ganha novos elementos, culminando num discurso outro que

<sup>95</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 66-67.

repousa num “já-dito”<sup>96</sup>, sendo assim reformulado e adquirindo maior força do que o discurso “inicial” presente na obra de José do Patrocínio. Façamos essa comparação e contemplemos a hipótese com essa citação:

- Que lugar tão triste - exclamaram todos -, faz medo. Cerca de uns duzentos passos as exalações fétidas tresandavam, e, para mais incomodar os transeuntes, os urubus, espantados pela presença desses inesperados hóspedes, levantavam ruidosamente o vôo.

A família apertou o passo para mais depressa furtar-se das pútridas emanações, mas não deixou de olhar para o lado onde os urubus assinalavam o foco.

Uma cruz toscamente feita destacava-se no meio de um claro formado pelo capoeirão, e junto a ela, meio coberto pela folhagem, o cadáver de um homem mostrava parte dos intestinos, sob a véstia entreaberta.<sup>97</sup>

Durante a trajetória da migração “[...] talvez [o “flagelado”] tombasse, como míseros, cujas ossadas alvejantes, descarnadas pelos urubus e carcarás, iam marcando o caminho das vítimas de calamidade.”<sup>98</sup> Assim,

Em tão aflitiva conjunção, era natural que os retirantes, por instinto de conservação, procurassem o litoral, e abandonassem o sertão querido, onde nada mais tinham que perder; onde já não podiam ganhar a vida, porque à miséria precedera o fatal cortejo de moléstias infecciosas, competindo com a fome e a sede na terrível faina de destruição.<sup>99</sup>

<sup>96</sup> Segundo Foucault, “[...] todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um ‘jamais-dito’, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro. Supõe-se, assim, que tudo que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio-silêncio que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente sob ele, mas que ele recobre e faz calar”. Ver FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**, p. 28.

<sup>97</sup> PATROCÍNIO, José. **Os retirantes**. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 113.

<sup>98</sup> Ibid., p.27.

<sup>99</sup> Ibid., p.42.

Mas não é sem resistência que o flagelado sai do seu torrão natal, pois “[...] só quando a fome bate-lhe inexoravelmente à porta, quando a cova escancara-se-lhe aos pés de modo que o menor passo no solo do seu berço despenhá-lo-ia para sempre nessa pavorosa garganta, cheia de mistérios e de assombros, o desgraçado despede-se das suas charnecas, da sombra das suas carnaubeiras e vai pedir um abrigo nas terras do exílio”.<sup>100</sup> Portanto, a migração tem a característica da *via-crúcis*<sup>101</sup>, do tormento, do sofrimento, tanto físico quanto psicológico. Ela é algo que incomoda o(a) sertanejo(a), agora definitivamente flagelado pela seca.

Assim, o discurso literário busca no imaginário cristão enunciados da própria *via-crúcis*, comparando a trajetória de vida de Cristo com o percurso de vida do(a) sertanejo(a), afim de comover, sensibilizar, um público, “coincidentemente”, de maioria católica apostólica romana, no Brasil do século XIX.<sup>102</sup> Portanto, a retirada é pensada e projetada no mesmo modelo narrativo da *via-crúcis*, ou seja, ela é engendrada pela idéia de um percurso e/ou viagem a ser realizada. Além disso, o próprio vocabulário é cristão e as imagens construídas nos remetem a passagens bíblicas.

Nesse sentido, “o préstito dos famintos era agora considerável. Naquela imensa procissão viam-se indivíduos de todas as idades. Acossados pela fome, seguiam caminho de Fortaleza, a reclamar a assistência pública”. A chegada nos centros urbanos, com intuito de se garantir a ajuda governamental, é um outro tema importante na literatura e faz parte da construção da imagem trajetória de vida do “flagelado”.

<sup>100</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 73.

<sup>101</sup> O termo *Via-crúcis* ou *Via Dolorosa*, nasceu no século XVI pela piedade popular que definiu o caminho percorrido por Jesus sob o peso da cruz da Fortaleza Antonia até o Calvário.

<sup>102</sup> Isso se deu, em parte, por que durante todo o período *colonial* (1500-1822) e durante toda a fase *imperial* (1822-1889), a Igreja católica no Brasil viveu, do ponto de vista político, um processo de estabilidade e segurança em razão de sua dependência total do Estado. Ver LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *A igreja católica no Brasil-República: cem anos de compromisso (1889-1989)*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 15. (Estudos e debates latino-americanos, 21); BARROS, Roque Spencer M. de. *Vida religiosa*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Dir.) *O Brasil monárquico: declínio e queda do império*. São Paulo: Difel, 1874. p. 317-337. (História Geral da Civilização Brasileira); LACOMBE, Américo Jacobina. *A Igreja no Brasil colonial*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Dir.) *A época colonial: administração, economia, sociedade*. São Paulo: Difel, 1873. p. 51-75. (História Geral da Civilização Brasileira, 2).

A etapa da chegada nas cidades é descrita com muita ênfase na situação calamitosa em que já se encontrava a localidade e na piora dos problemas com novas levas de retirantes. Pois, “as mesmas cenas da fome nos ermos caminhos do interior tinham lugar nas ruas e praças de Fortaleza. Quase cem mil infelizes de todas as idades viviam miseravelmente nos abarracamentos do governo, nas praças públicas e nos passeios das casas!”<sup>103</sup>. Assim é relatado por Rodolfo Teófilo:

[...] A Fortaleza, que acreditava a nossa salvação, onde supus o conforto das populações famintas, tem lúgubre aspecto das povoações do interior, regurgita de infelizes, que mendigam cambaleando de fome. Nos passeios das casas, nos adros das igrejas, nas praças públicas dormem ao relento, e raro é o dia que destes dormitórios não conduzam, ao amanhecer, cadáveres para o cemitério. Vi mortos, no meio da rua, um velho e uma mulher expostos no calçamento como cães ou gatos, apodrecendo no monturo. Tive dó deles! Como estavam magros! Em suas fisionomias, pode-se dizer, se percebiam ainda os fundos traços de uma prolongada angústia. A peste e a fome matam mais de quatrocentos por dia! [...]<sup>104</sup>

A *via-crúcis* do flagelado não terminava após os dias de longas jornadas durante o êxodo rural. As cidades “regurgitando” de retirantes, o problema do momento, se tornaram o lugar da desesperança, da decepção, uma vez que havia uma continuidade do sofrimento, das perdas familiares e das humilhações. “Ainda uma vez a desesperança veio enlutar-lhe o coração, porque, de par com a impossibilidade de encontrar a família, torturava-a a notícia de que mais de 100 mil retirantes enchiam agora a capital”<sup>105</sup>. Dado muito próximo do que afirmou, posteriormente, Rodolfo Teófilo: “a população adventícia da Fortaleza se elevava a cento e quarenta mil almas!”<sup>106</sup>

<sup>103</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p.159.

<sup>104</sup> *Ibid.*, p. 163.

<sup>105</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 174.

<sup>106</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *Op. cit.*, p. 247.

Esse “inchaço” das cidades é um outro agravante na vida do “flagelado”, pois aumentava-se o descaso governamental devido a impossibilidade de assistência a todos e, além disso, as autoridades públicas segregava-os<sup>107</sup> em ambientes específicos das cidades – locais que, geralmente, se caracterizavam pelas aglomerações desordenadas de retirantes, os chamados “abarracamentos” –, espaços infecciosos devido a insalubridade e contagiosos por conta da proximidade das pessoas. Isso pode ser percebido em *Os Retirantes*,

Não havia para hospedar as recém-chegadas [retirantes] lugar nenhum decente. O abarracamento tinha capacidade para mais de uma dezena de milhar em vastíssimos telheiros, sob os quais viviam os retirantes numa promiscuidade de animais. O lanço, que era formado por pequenas casas, estava todo ocupado, e não era possível de momento arranjar aí morada para a família.<sup>108</sup>

A situação piorava na medida em que, segundo Rodolfo Teófilo, a cidade da Fortaleza passou durante a “grande seca de 1877-79”, mais especificamente no ano de 1878, por uma grave epidemia de varíola. “Primeiro atirou sobre o lugar uma enfermidade semelhante à cólera e que trazia fatalmente a morte dentro em três dias [...]”.<sup>109</sup> A doença ganhava maiores dimensões porque “os habitantes da capital estavam sitiados completamente pela epidemia. Os abarracamentos dos retirantes circulavam a cidade, e onde existia um emigrante, podia-se afirmar, estava um varioloso.”<sup>110</sup>

---

<sup>107</sup> No sentido de separar com o objetivo de isolar, de evitar contato com esse grupo de indivíduos mal quistos pela sociedade, seja por motivos higienistas e/ou urbanistas. Pois, “em geral os princípios higienistas emergiam da necessidade de atacar problemas provocados pelas epidemias que, durante o século XIX, assolaram constantemente as cidades, e/ou controlar a progressiva concentração de população, decorrente da falência do campo”. Ver OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *De cidade a cidade: o processo de modernização do Natal (1889/1913)*. Natal (RN): EDUFRRN, 2000. p. 25.

<sup>108</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 206.

<sup>109</sup> *Ibid.*, p.118.

<sup>110</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 248.

José do Patrocínio afirma que “todo o Aracati estava inundado de desgraças; as febres grassavam intensas; os retirantes chegavam às centenas, piorando cada vez mais o estado sanitário da cidade. A população advéncia era já, com certeza, superior a 30 mil pessoas, que tinham fome, que se exasperavam e morriam como cães.”<sup>111</sup> Assim descreve Rodolfo Teófilo sobre a situação:

As condições da população proporcionaram ao mal os meios seguros de um ataque súbito e terrível. A elevação da temperatura a 33° centígrados, a falta de vacina, o nenhum asseios nas habitações, a aglomeração dos emigrantes nos abarracamentos abriam mais o campo ao inimigo. E que repugnância tinham eles à vacina!... Entre milhares, um ou outro entregava os braços ao médico para ser preservado do mal; mas quase todos fugiam espavoridos, dizendo a uma voz:

– Deus me livre de meter a peste no corpo!<sup>112</sup>

Segundo Monteiro, durante os anos de 1870, o mercado de trabalho na área nortista foi profundamente afetado. A seca dizimou grande parte da população pela fome e pelas epidemias que se manifestaram, como a febre amarela, a cólera e a varíola, ao mesmo tempo em que gerou um aumento brutal do êxodo da população rural em direção às vilas e cidades, sobretudo litorâneas. A cidade de Mossoró, por exemplo, próxima ao litoral setentrional da província do Rio Grande do Norte, chegou a abrigar 80 mil pessoas e, entre janeiro de 1878 e outubro de 1879, foram registradas oficialmente 35 mil mortes.<sup>113</sup>

Assim a sorte trágica da vida do “flagelado” ganha, na cidade, mais um elemento de sofrimento. Exposto, cotidianamente, à “peste” ele é logo associado a doença como sendo o responsável pela sua chegada e pela epidemia, uma vez que é visto como o principal

<sup>111</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 65.

<sup>112</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 248.

<sup>113</sup> MONTEIRO, Denise Mattos. Terra e trabalho em perspectiva histórica: um exemplo do sertão nordestino (Portalegre – RN). *Caderno de História*, v. 6, n. 1, p. 24. jan./dez. 1999.

transmissor. A partir de então a literatura começa a descrever essa nova fase de sofrimento e angústia na vida do “flagelado”:

Alguns dias depois da invasão da epidemia, cada alojamento de retirantes era um lazareto de variolosos! As enfermarias regurgitavam de doentes, tudo era insuficiente para abrigar os pesteados. Muitos enfermos tinham por teto a sombra das árvores desfolhadas e aí mesmo, aos raios do sol, ao relento da noite, deitados no chão, morriam à míngua e socorro e contágio, fugiam espavoridos, deixando-os abandonados! Pensavam assim evitar a peste e levavam-na incubada!

O terror era geral! Por toda parte via-se o pranto, a desolação. Raro era o dia em que os urubus não denunciavam uma carniça humana, um corpo que apodrecia nos arrabaldes da cidade.

Os cadáveres dos bexigosos eram conduzidos para o cemitério, amortalhados com os trapos que vestiam. Alguns tinham como esquife a rede rota e imunda, outros, mais desgraçados, nem esta possuindo, iam amarrados de pés e mãos a um longo pau para a vala e conduzidos por dois retirantes aos quais o governo pagava quinhentos réis por cadáver.

A atmosfera da cidade cada vez mais se infeccionava, pois, pedaços de carne podre e pus, não encontrando lugar onde ficassem depositados, caíam dos cadáveres nos passeios das casas e calçamento das ruas.

As valas dos cemitérios recebiam mais de mil corpos por dia, e a peste ia recrudescer!... Os cadáveres ficavam às vezes insepultos por mais de vinte e quatro horas, por não haver coveiro em número suficiente para o serviço dos enterramentos.<sup>114</sup>

Concomitantemente a desgraça da peste, a literatura descreve que o “flagelado”, ao chegar às cidades, não emigrando de livre espontânea vontade, além de sofrer com a situação caótica da área urbana, se vê obrigado a arranjar um trabalho com o intuito de ganhar algo para sobreviver. Contudo, as cidades não possuíam postos de trabalho diversificados e abundantes. Nesse sentido, uma das saídas encontradas pelas autoridades públicas era a utilização das verbas dos “socorros públicos” para financiar o trabalho. Assim, o dinheiro destinado a ajudar os flagelados da seca se “transforma” em alimentos que, mediante o escambo, serão utilizados como pagamento do trabalho em obras públicas e, em muitas vezes,

---

<sup>114</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 249-50.



em obras civis de particulares proeminentes da sociedade. “Os socorros são mal distribuídos. Trocam a ração pelo trabalho, mas por um trabalho penoso, superior às forças dos famintos [...]”<sup>115</sup>, sendo “o maior dos absurdos. Justificam-no como um meio de livrar o povo da ociosidade. A medida é desastrada.”<sup>116</sup>

O trabalho é mais um tema que caracteriza a vida do “flagelado”, principalmente o trabalho realizado para o Estado a partir das verbas dos “socorros públicos”. A literatura relata bem as etapas e a inserção do retirante nesses trabalhos e quais são eles:

[...] Chega o retirante, é alistado, e no dia seguinte o comissário ordena-lhe que siga para a pedreira do Mucuripe, a duas léguas de Fortaleza, ida e volta, a carregar pedras para ter direito a uma ração. Inanido, cansado da viagem, às vezes velho e doente, nos lhe pôs às costas, ao porto do destino; caem no caminho e morrem de fome, de fadiga! Os que vencem a distância são mais desgraçados ainda, porque continuam a viver uma vida de misérias e humilhações. Duas vezes por semana dão-lhe um litro de farinha e meio quilo de carne do sul, para se alimentarem com uma família, termo médio, de seis pessoas!<sup>117</sup>

Entretanto, para Domingos Olímpio, o Estado agia corretamente quando se tratava da utilização das verbas dos “socorros públicos” como moeda de troca para o trabalho retirante:

Acertara a Comissão de Socorros em substituir a esmola depressora pelo salário emulativo, pago em rações de farinha de mandioca, arroz, carne de charque, feijão e bacalhau, verdadeiras gulodices para infelizes criaturas, açoitadas pelo flagelo da seca, a calamidade estupenda e horrível que devastava o sertão combusto. Vinham de longe aqueles magotes heróicos atravessando montanhas e planícies, por estradas ásperas, quase nus, nutridos de cardos, raízes intoxicantes e palmitos amargos, devoradas as entranhas pela sede, a pele curtida pelo implacável sol incandescente.<sup>118</sup>

<sup>115</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 164.

<sup>116</sup> *Ibid.*, p. 187.

<sup>117</sup> *Ibid.*

<sup>118</sup> OLÍMPIO, Domingos. *Luzia Homem*, p.18.

Em contrapartida, a justificativa para o trabalho retirante é relativizada na própria obra *Luzia-Homem*. Percebemos isso quando o autor faz a seguinte afirmação:

A negra torrente de retirantes operários deslizava pela encosta áspera, em marcha de cobra, conduzindo materiais. Era o mesmo vaivém ininterrupto de homens, mulheres e crianças envoltos em rolos de pó sutil, magros e andrajosos, insensíveis à fadiga, ao calor de fulminar passarinhos, taciturnos *uns, os semblantes deformados por traços denunciadores de íntima revolta impotente*; outros, resignados, como heróis, vencidos pela fatalidade; muito alegres e sorridentes, cantavam e brincavam, como criaturas felizes de encontrarem refúgio do assédio angustioso da fome, da miséria, da morte.<sup>119</sup> (Grifo nosso).

Há essa diferença de posição de Domingos Olímpio em relação a José do Patrocínio e Rodolfo Teófilo, e não só ela, na obra *Luzia-Homem* não percebemos como nas outras (*Os Retirantes* e *A Fome*) uma clara denúncia de corrupção na administração dos “socorros públicos”, pelo contrário, visualizamos sim elogios e ponderações para justificar a não assistência a todos os “flagelados” da seca. Vejamos:

Os cidadãos incumbidos pelo governo da penosa tarefa de distribuir socorros, desempenhavam com excepcional e caridosa dedicação os seus deveres, mantendo o mais escrupuloso zelo e probidade na administração do serviço. Não houvera ainda um caso de *muamba*, coisa muito vulgar em outros centros de afluência de retirantes, nos quais se explorava escandalosamente a miséria, e, se desviavam, para serem vendidos por excessivo preço, os víveres destinados aos infelizes famintos. Era, pois, natural que, ciosos de tão honrosos precedentes, ficassem muitos impressionados com o roubo de gêneros e de duzentos mil réis em dinheiro, denunciado, naquela manhã, pelo almoxarife.<sup>120</sup> (Grifo do autor)

<sup>119</sup> OLÍMPIO, Domingos. *Luzia Homem*, p. 104.

<sup>120</sup> *Ibid.*, p.47

O caso de corrupção citado acima por Domingos Olímpio é visto como uma surpresa na região de Sobral (CE), espacialidade do romance. Quiçá essa posição de Olímpio esteja vinculada ao status social adquirido por ele mesmo, de promotor de Sobral, a partir de 1875 e fixando-se lá até 1879. Denunciar as dilapidações públicas durante a sua própria gestão como agente da justiça seria temerário. Além disso, geralmente as pessoas consideradas mais “significativas” na localidade, (como padres, comerciantes, juízes, promotores, entre outros), eram as convidadas para fazer parte das “comissões de socorros públicos”, podendo, então, Olímpio ter participado em alguma delas. Essas questões podem tê-lo levado a amenizar a descrição sobre a administração dos “socorros”. Entretanto, também percebemos que, em certas passagens, o autor deixa indícios sobre uma certa “má distribuição dos socorros”:

Aglomeravam-se retirantes, à porta do armazém para verem Alexandre, cujo prestígio de mártir aumentava com as novas atribuições de administrador. Uns, sinceramente, lamentavam o fato; outros o adulavam com fingidas lamúrias, para serem preferidos na distribuição de rações bem medidas, com lavagem, como eles diziam, *porque outros empregados de coração duro mediam farinha e feijão sem caculo, rapandoa boca do litro, poupando, como usurários, os dinheiros do governo e o de-comer que a rainha mandara dar de esmola aos pobres.*<sup>121</sup> (Grifo nosso).

No entanto, os outros dois autores, José do Patrocínio e Rodolfo Teófilo, se afinam ao afirmar que a vida do “flagelado” é muito sofrida, sendo piorada, em grande medida, por esses trabalhos públicos em troca de uma ração. Principalmente quando a literatura adentra nas denúncias de corrupção presentes nos “socorros públicos”. Primeiramente, é importante perceber que a formação das “comissões dos socorros públicos”, administradoras das verbas do governo, se dava a partir da política clientelística do final do século XIX.

---

<sup>121</sup> OLÍMPIO, Domingos. **Luzia Homem**, p. 145.

Segundo Richard Graham o clientelismo foi um sistema político criado para evitar que os conflitos sociais eclodissem em desordem e destruíssem um modo de vida que favorecia os donos de terra. Esse sistema incluía tanto o preenchimento de cargos governamentais quanto a proteção de pessoas humildes, mesmo trabalhadores agrícolas sem terra. O autor argumenta que as eleições testavam e ostentavam a liderança do chefe local. Através de um sistema de eleições indiretas de dois turnos, os votantes escolhiam as figuras mais proeminentes do local para formar os colégios eleitorais, os quais, por sua vez, escolheriam deputados para o Congresso. O clientelismo tinha a família e a unidade doméstica como os fundamentos de uma estrutura de poder socialmente articulada, e o líder local e seus seguidores trabalhavam para ampliar essa rede de dependência.<sup>122</sup>

Isso se torna claro em relação à política no Norte, segundo Almir de Carvalho Bueno,



[...] os partidos políticos eram mais um ajuntamento de parentes, compadres, agregados e clientes do que instituições representativas de setores sociais determinados, com programas definidos e soluções para os problemas da província e do país. Essa carência de partidos políticos propriamente ditos foi a tônica desse final de Monarquia no Rio Grande do Norte e no Brasil e assim continuará sendo por quase toda a Primeira República.<sup>123</sup>

As verbas dos “socorros públicos”, em grande medida conseguidas mediante o “discurso da seca”, eram destinadas à “campanhas eleitorais” em todas as províncias do Norte, pagamentos extras a cargos já bem remunerados e criação de novos, construções civis sem serventia pública e ao enriquecimento ilícito. A concessão de sinecuras também era comum aos membros da elite local.

<sup>122</sup> GRAHAM, Richard. *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997. p. 16-17.

<sup>123</sup> BUENO, Almir de Carvalho. *Visões de República: idéias e práticas políticas no Rio Grande do Norte (1880-1895)*. Natal (RN): EDUFRN, 2002. p. 46.

Por exemplo, no relatório com que o Governador do Estado do Rio Grande do Norte, Adolpho Affonso da Silva Gordo, passou a administração ao Chefe de Polícia interino Jeronymo Américo Rapozo da Câmara, em 1890, é possível perceber algumas das práticas clientelísticas na administração do “problema da seca”:

Havia em todo o Estado uma grande legião de administradores, feitores, secretários e armazenarios todos ganhando grandes ordenados! Sempre que o governo queria collocar um afilhado creava-lhe um emprego pago com a milagrosa verba dos socorros. Além disso tinham todos os empregados da Thesouraria da Fazenda, do Thesouro do Estado, da Secretaria do Governo, d'Alfandega e do Hospital de Caridade, 35% sobre seus ordenados, tirados ainda da mesma verba. Cada uma dessas repartições tinha vários addidos para os serviços dos socorros. Estas ultimas gratificações, como se vê do anexo junto subião a 31:98\$408 réis.<sup>124</sup> (sic.)

O discurso sobre essa política de favores, descrito acima numa *fonte oficial*<sup>125</sup>, coincide, por exemplo, com a fala de Rodolfo Teófilo na medida em que todo o funcionalismo público era indicado e selecionado dentro da lógica da política clientelística, comum durante a segunda metade do século XIX e início do século XX:

Deve o lugar de comissário à política. É partidário exaltado, bom cabo de eleições, reúne capangas, e não há quem grite mais nos conflitos eleitorais. A sua nomeação não foi muito fácil. As vagas eram preenchidas mais de acordo com os interesses da política, do que com a conveniência pública. O presidente da província tinha sempre uma lista de pretendentes a escolher. Falsos patriotas que, aparentando serviços à pátria, só visavam ao interesse

<sup>124</sup> RELATÓRIO com que o Governador do Estado do Rio Grande do Norte, Adolpho Affonso da Silva Gordo, passou a administração ao Chefe de Polícia interino Jeronymo Américo Rapozo da Câmara. A REPÚBLICA, Natal, 21,26 jun.; 1 jul., 1890.

<sup>125</sup> Fonte oficial no sentido de que é produzida pelo Estado e como tal toma o status de responsável pela “verdade” da realidade, sobrepondo-se sobre os demais tipos possíveis de fontes (discutidas posteriormente pela corrente dos Annales) na lógica da historiografia positivista. Ver BURKE, Peter. O Antigo Regime na Historiografia e seus Críticos. In: \_\_\_\_\_. A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2003. p. 17-22.; LE GOFF, Jacques. A história nova. In: \_\_\_\_\_. A história nova. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 25-64.

pessoal. Entretanto, o patriotismo e a dedicação à causa pública não se tinham embotado completamente no espírito cearense.<sup>126</sup>

Assim, a partir dessa política clientelística, a literatura descreve a situação caótica pela qual passava o “flagelado” diante da ajuda governamental. Num primeiro momento podemos fazer a afirmação que a corrupção provocada por esse tipo de política de favorecimento é, em parte, responsável pela migração do(a) sertanejo(a) da sua terra natal. Pois, a improbidade administrativa conduz os presidentes de província a extinguir os “socorros públicos” nas áreas interioranas, culminando no fim do auxílio e lançando o(a) sertanejo(a) para as zonas urbanas, onde os “socorros públicos” ainda existiam. Isso é muito nítido nessa passagem da obra *Os Retirantes*:

Em outubro de 1877 a improbidade ostentava-se já na província com o desavergonhamento dos cães vadios e havia comissários do governo que podiam zombar da calamidade, que torturava a população, porque tinham-se locupletado bastante para atravessá-la.

Foi a certeza de tais abusos o que levou o presidente a escassear as remessas de gênero e provimentos de dinheiro para o interior, visto como a impossibilidade da fiscalização fazia com que eles quase nada aproveitassem aos desgraçados.

A conseqüência da medida foi incomensuravelmente desastrada. A fome deu alarma nas cidades, vilas e povoados, como nos mais humildes casais esparsos pelos tabuleiros e pelas charnecas do sertão, e o povo, rápido e ruidoso como a enxurrada, afluiu às estradas em demanda do litoral e da sede do governo [...].<sup>127</sup>

Essa idéia é reafirmada várias vezes na obras, tornando-a algo de destaque, uma denúncia grave que precisava ser ressaltada, vejamos outro exemplo:

<sup>126</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p.158.

<sup>127</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 97.

Tomada de indignação, a autoridade administrativa, que não podia avaliar precisamente as circunstâncias da província, desfechou nos ímprobos um golpe certo: a suspensão da remessa dos socorros. Infelizmente o golpe feriu mais fundo do que o honrado administrador desejava: traspassando as comissões, encontrou no fio a massa dos retirantes alevantada até ele por vingança da improbidade. Todas as comissões extintas impeliram para a capital a população advéncia das suas localidades e, dentro em alguns dias, a cidade via-se inundada por mais de 100 mil famintos e maltrapilhos.<sup>128</sup>

Além da corrupção na distribuição dos “socorros públicos”, havia muito descaso das próprias autoridades públicas e dos funcionários do governo que trabalhavam na assistência aos retirantes. Ao esperar pela ajuda governamental, o “flagelado” era maltratado desde às estradas por onde passavam os víveres para as cidades - em que o êxodo tinha destino – até nos próprios armazéns de distribuição dos víveres, já na área urbana. Como descreve Rodolfo Teófilo:

O fazendeiro, condoído dos desgraçados, indagou o que faziam ali. Disseram-lhe que esperavam que o freiteiro se compadecesse deles e distribuisse ao menos uma saca de farinha das vinte do governo que levava para o interior; que o freiteiro os tinha maltratado, esmurrando alguns. O fazendeiro espreitou o comboio e ficou convencido de que os gêneros eram do governo; as sacas tinham a marca S.P. (socorros públicos); eram três os freiteiros, e pelas palavras e gestos estavam dispostos a levar os retirantes a murro e a faca.<sup>129</sup>

Paralelamente ao descaso das autoridades públicas que gerenciavam os “socorros públicos”, o flagelado se deparava também com os abusos das autoridades policiais, tanto nas cidades quanto em suas zonas próximas:

<sup>128</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 177.

<sup>129</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p.75.

A falta de disciplina na companhia de cavalaria organizada às pressas para policiar a capital, as atrocidades que os soldados cometiam, todos os dias, espancando a torto e a direito, e assassinando mesmo, e sem a menor punição, aterrava os retirantes. A notícia de aproximação dos soldados ompressionou vivamente os carregadores de pedras. (sic)

Doía ver as contusões feitas pelas patas dos cavalos! A pele ainda nova e cobrindo uma chaga mal cicatrizada, rasgou-se e o sangue caía das lívidas feridas. Fugiram os mais fortes e os fracos ficaram a mercê da crueldade dos algozes. Quadro pungente ofereciam esses infelizes a gemer, enquanto consertavam os miseráveis trapos ensangüentados que lhes cobriam a nudez!”

A dor das espaldeiras é nenhuma à vista do sofrimento moral que os acabrunha, da certeza de que naquele dia o jejum da família será absoluto!<sup>130</sup>

Esse é o quadro da chamada, literariamente, “cidade da miséria”. O “flagelado” passa por todas essas situações, sendo martirizado por todas elas. Entretanto, a *via-crúcis* dessa figura não termina nas zonas urbanas, a partir de então adentramos na análise do último grande tema que dispomos inicialmente a estudar: a última migração. Após a saída da terra natal por conta da seca, o(a) sertanejo(a) se transfigura, no retirante e migrante, presente na literatura, sendo vivenciador das mais horrendas desgraças que o êxodo podia proporcionar. A viagem penosa tem seu fim ao chegar às cidades, estas, por sua vez, não têm a capacidade de absorver a grande população adventícia, culminando na desestruturação da normalidade da vida citadina.

Assim, a vida nas cidades se torna, para o “flagelado”, tão difícil quanto no seu torrão natal. Uma das soluções encontradas, pelas autoridades públicas e “filantropos” da alta sociedade, para tentar resolver o problema do “flagelado” nas zonas urbanas, é a migração. Incomodados com a situação caótica das cidades eles vão articular o excesso de mão-de-obra “ociosa” nas cidades (os retirantes), com a necessidade de mão-de-obra no Norte para a extração da borracha e a procura de braços para a lavoura cafeeira, em ascensão no Sul do Brasil de fins de século XIX. Como afirma Rodolfo Teófilo:

---

<sup>130</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 287-288.



A emigração era a última desgraça reservada ao cearense; e a emigração forçada, porque não queriam sair e o governo da província a isso os obrigava, diminuindo todos os dias os socorros. Seis vezes por mês, tocavam os paquetes no norte e sul na Fortaleza e todos levavam emigrantes!<sup>131</sup>

Nesse sentido, o “flagelado”, ao terminar sua longa e difícil jornada com o intuito de chegar aos grandes centros urbanos – onde era distribuída com maior frequência os víveres pelos “socorros públicos” –, estava sujeito, após o “êxito” da migração, a ser forçado emigrar novamente, com o destino traçado e financiado pelo governo. Assim, “o transporte era mal feito e vexatório. A emigração não era voluntária, mas forçada pelo governo, que trancava os celeiros aos famintos e abria os portos da província.”<sup>132</sup> Encontrava-se, então, mais uma forma de evitar a presença do “flagelado” nas cidades.

As cenas descritas sobre o processo migratório para o Norte e Sul do país, muitas vezes a última esperança de uma vida melhor para o “flagelado”, é carregada, mais uma vez, de sofrimento, martírio, desespero e angústia, principalmente no que diz respeito ao embarque nos paquetes destinados para a viagem. Percebamos isso nessa passagem de *A Fome*:

Chegou a hora da separação. Quatrocentos retirantes de todas as idades marchavam em préstito para o porto da cidade. Era triste aquela procissão, como o desfilar de um enterro. Todos magros, macilentos e esfarrapados, davam ao cortejo a cor sombria da tristeza. Forçados a abandonar a terra natal, caminhavam desalentados. Pela cadência do passo lento e grave podia-se avaliar o desgosto que lhe ia na alma! Seguiam em silêncio, e muitos tinham os olhos pisados de chorar! Chegaram ao porto do embarque. Quatro grandes lanchas, próximas da praia pela vazante da maré, se balançavam nas ondas da arrebentação, esticando as correntes das amarras, cujas âncoras mordiam as areias do porto. Eram os infelizes condenados a abandonar a

<sup>131</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 205.

<sup>132</sup> *Ibid.*, p.153.

pátria. O navio, ancorado perto da costa, movia-se, preso à amarra de proa, de bombordo a estibordo.

Os encarregados do embarque, num açoitamento cruel, faziam transportar os retirantes para bordo das lanchas. O serviço era feito de um modo desumano e aflitivo! Não havia um cais, um ponte para atracar as embarcações. Uma dúzia de homens fortes e musculosos, nus, tendo apenas uma tanga, trabalhadores da capatazia do porto, faziam o embarque, a tostão por cabeça, com a mesma humanidade com que costumavam carregar os fardos de algodão, os sacos de açúcar. Não havia ali respeito à velhice, decoro à honestidade e proteção à infância! Queriam ganhar depressa o seu tostão, e a moça, o velho, o menino, eram conduzidos do mesmo modo aos ombros, e chegando a borda da lancha, atiravam-nos sem piedade, como se fossem corpo inanimados!

As crianças gritavam assombradas, quando se viam carregadas de mar adentro, e muitos dos carregadores faziam-nas calar a empuxões! Além do modo bárbaro de embarcá-los, por cúmulo de perversidade, a zombaria dos trabalhadores, a galhorfa que faziam dos seios das mulheres expostos pela nudez à sua brutal irrisidão e que a fome havia reduzido a murchas pelangas!<sup>133</sup>

Além do embarque sofrido, o “flagelado” estava sujeito a sofrer no local de destino, Norte ou Sul, a exploração dos proprietários dos seringais e cafezais. Pois,

[...] entre os proprietários de seringais, autoridades, mestres de embarcações havia um contrato de lucros recíprocos, a fim de vedarem inteiramente o transporte de engajados, quando não conduzissem o passe. Essa infração das leis garante aos proprietários dos seringais o meio seguro de fazerem grandes fortunas à custa do trabalho do engajado, sempre cearense, que, uma vez lá, é muito difícil libertar-se.<sup>134</sup>

Uma conversação entre dois personagens de um grupo de “peralvilhos”<sup>135</sup>, na obra *Os Retirantes*, sintetiza bem o objetivo das autoridades públicas e da alta sociedade sobre essa, provavelmente, última migração. Em que é perceptível a política clientelística até na contratação dos próprios transportes destinados a viagem dos “flagelados”:

<sup>133</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p.200-202.

<sup>134</sup> *Ibid.*, p.332.

<sup>135</sup> Diz-se de ou indivíduo afetado nas maneiras e no trajar; casquilho, janota, peralta.

No meio das alas abertas pelo ajuntamento começou a desfilar o grupo dos emigrantes, sobre o qual a própria repulsão da miséria fazia convergirem os olhares.

- E embarcam sempre naquele navio os desgraçados? - disse um dos peralvilhos.

- Pudera; a melhor política é mandá-los andar; desentupir a nossa cidade de semelhante peste.

- Não está mau modo.

- É o único; entrouxá-los e marchar.

- Mesmo porque, se houver um naufrágio, ninguém sente, e com razão, porque tanto faz que eles morram de fome como afogados; no fim é sempre morrer.

- Bravos à piedade; vem a tempo.

- Não é piedade, é indignação. Não há quem não saiba aqui o estado em que está aquele navio. Estava já para ser vendido como lenha.

- Então aquele é o patacho ...

- Ele mesmo, e, como já não prestava para nada, o governo fretou-o e responsabilizou-se por qualquer desastre que sobrevenha.

- Ah! sim, o dono é do partido que está em cima...

- E para servir um amigo mata-se mais de 200 pessoas.

- Isto é pessimismo exagerado.

- Eu aposto a cabeça em como o navio não torna ao Ceará, nem chega ao seu destino; ele não agüenta o vento que lá vai fora.<sup>136</sup>

Nesse momento da última partida, a literatura vai finalizando o ciclo de vida do “flagelado”. O último meio encontrado para escapar dos efeitos da estiagem era a nova viagem, motivada pela desesperança e desgraças vividas na terra natal. A esperança de uma nova vida, uma vez que se trataria de uma nova terra, alimentava a lógica do sonho vitorioso da segunda partida. As promessas de uma vida em abundância no Extremo Norte ou no Sul, onde não se tinha o fenômeno da seca, abria ao “flagelado” uma possibilidade de melhorar suas condições econômicas e sociais. Entretanto, a literatura relata justamente o oposto, tratou-se sim de uma saída desastrosa que desapegou os últimos laços familiares, gerando muita insegurança em relação ao destino traçado por essa última partida. Nesse sentido, as obras deixam, em grande medida, uma lacuna em relação ao restante da vida do “flagelado”, as incertezas ganham força durante esse último momento de descrição da vida dessa figura.

<sup>136</sup> PATROCÍNIO, José. Os retirantes. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 229.

Portanto, a trajetória de vida do “flagelado” tem, na literatura, o seu fim nesse último momento de migração. A imagem do percurso de vida dessa figura é construída por esses temas analisados, a partir dos quatro grandes eixos temáticos propostos – os temas relacionados às mudanças que desestruturaram o cotidiano, a normalidade, por conta da seca; em um segundo momento, a análise dos temas ligados à retirada, ao êxodo; após isso, os temas referentes à chegada aos centros urbanos; e, por último, temas relacionados à saída última do “flagelado”, a migração final para o Sul ou para o Extremo Norte do país – concretizamos a visualização da vida do “flagelado”. Percebemos nitidamente na descrição literária da trajetória de vida do “flagelado” a marca do positivismo, pois ela é montada numa lógica ordenada e progressista, em que o sofrimento e caos vão sempre aumentando, se desenvolvendo no decorrer das etapas vividas pela figura flagelada, construindo uma impressão continuísta do flagelo da seca.

Assim, a partir dessa imagem da trajetória de vida do “flagelado” exposta é que podemos analisar a construção discursiva da imagem do corpo e da subjetividade desse “ser”, paralelamente montada na literatura com o seu próprio percurso de vida.

### CAPÍTULO III

#### **“Pupilas do sol da seca”: a construção de um corpo e uma mente.**

A literatura foi a grande responsável pela construção da imagem do “flagelado”, caracterizando-o física e psicologicamente. Isso se deu a partir de um relato minucioso, capaz de “povoar” a mente do leitor com algo muito bem definido e fidedigno, a ponto de fazê-lo incorporar isso a percepção que tinha da vida dos habitantes da região Norte durante a seca. Assim, o objetivo do presente capítulo é analisar a construção da imagem do corpo e da subjetividade do “flagelado” a partir dos temas presentes na literatura nortista.

Para essa literatura o fenômeno da seca desorganizava e invertia valores, desestruturava a instituição familiar, religiosa, política e econômica. E seria nesse meio de dificuldades que emergiu o problema e a figura do “flagelado”, a criatura que passa pelas mais absurdas situações de miséria, que é construída física e psicologicamente como o ser maltrapilho, desengonçado, traído, perdido, arruinado financeiramente, talhado para o sofrimento e o infortúnio, ressaltando-se, ainda, que o “flagelado” era qualquer indivíduo, independentemente da idade e/ou sexo, uma vez que, como afirma Rodolfo Teófilo, o “flagelado” era parte de “[...] uma multidão de criaturas de todas as idades e de todos os sexos, trôpegas, escaveiradas, seminuas [...]”<sup>137</sup>

Nos propomos, então, a analisar os temas formadores da imagem do corpo e da subjetividade do “flagelado” na literatura nortista a partir de três grandes eixos temáticos: um referente aos enunciados correlacionados a caracterização do aspecto físico dessa figura; outro ligado aos temas construtores das seqüelas que a estiagem produzia nesse corpo e deturpação da mente destes homens; e, por fim um eixo temático referente a mudança nos valores sociais

---

<sup>137</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 162.

e culturais do sertanejo(a), após os efeitos da seca e depois de estar transfigurado em “flagelado”.

Contudo, apesar dessa divisão temática, tentaremos enxergar o corpo destes homens e mulheres como sendo vivenciado e expresso no interior de sistemas culturais particulares, tanto privados quanto públicos, por eles mesmos alterados através dos tempos.<sup>138</sup>

Para tanto, utilizaremos em alguns momentos da análise uma quarta obra, *O Sertanejo* (1876), de José de Alencar, para criar o contraponto entre a figura idealizada do “sertanejo”, participante da família interiorana do Norte, e a figura do “flagelado”, representante dessa antiga família que, com os efeitos da estiagem, vai se degradando, se destruindo durante a trajetória até a cidade, como vimos no capítulo anterior.

José de Alencar (1829-1877) é um dos principais representantes da corrente literária romântica no Brasil. Ou seja, representava tudo o que os autores por nós analisados repudiavam. Criou e seguiu a construção de personagens, heróis e paisagens primorosas, idealizadas a partir do melhor que se poderia extrair de uma região, despreocupado em retratar a tão almejada realidade, mas sim preocupado em formular um “ser” e uma “paisagem” representantes de uma determinada área, como o fez em *O Sertanejo* e *O Gaúcho* (1870), mesmo que isso lhe rendesse textos mais parecidos com fábulas. Alencar não fez parte da “Geração 70” como os demais autores desse estudo (José do Patrocínio, Rodolfo Teófilo e Domingos Olímpio), mas teve também uma grande importância para a construção da idéia de nação porque empreendeu trabalhos que enaltecem figuras regionais e tendeu a criar uma imagem do homem, da mulher e da paisagem brasileiras justamente no momento em que o Brasil estava tentando engendrar o sentimento de nacionalidade e pátria num povo, predominantemente, disperso pelo campo, como era a realidade no Brasil rural do século XIX.

---

<sup>138</sup> PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p. 295.

Além de se diferenciar dos demais autores em termos literários, Alencar era politicamente o oposto da maioria dos representantes da “geração 70”, uma vez que foi militante, durante toda a sua vida, do Partido Conservador. Foi deputado pelo Ceará em quatro legislaturas (entre 1861 e 1877) e ministro da Justiça no gabinete de 16 de julho de 1868, sob a presidência do visconde de Itaboraí, cargo do qual se demitiu em 9 de janeiro de 1870. Assim, todas as reformas que pleiteou ou defendeu preservavam a pureza do regime monárquico e a estrutura escravocrata.<sup>139</sup>

Nesse sentido, Alencar é importante para esse momento do estudo por que traça uma imagem idealizada da figura oposta a do “flagelado”, ou seja, do “sertanejo”. Podemos então, a partir de sua obra, discernir os elementos discursivos permanentes ou não entre essas duas imagens.

A literatura, ao criar a imagem da trajetória de vida do “flagelado”, vai paralelamente construindo temas que formulam também o aspecto físico dessa figura. Ao analisarmos esses enunciados, percebemos então que essa construção corpórea se deu em momentos específicos do percurso percorrido pelo sertanejo(a). Apresentaremos esses temas com a preocupação de comparar as mudanças e permanências no discurso sobre o “flagelado” em relação ao discurso construtor da figura do “sertanejo”.

Entretanto, para discutirmos esse corpo flagelado levamos em conta as singularidades próprias da corporeidade que segundo Foucault é revelada na história e nos eventos e marcas expressos nessa corporeidade, os quais a princípio, são comumente considerados com não possuindo história, como os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos que são apropriados por uma complexa série de articulações estratégias de saberes e de poderes, os quais utilizam o corpo como seu alvo e, mais do que isto, como o seu começo.<sup>140</sup>

---

<sup>139</sup> ALENCAR, José de. *O Sertanejo*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2005, p. 299-300.

<sup>140</sup> SILVEIRA, Fernando de Almeida; FURLAN, Reinaldo. Corpo e alma em Foucault: postulados para uma metodologia da psicologia. *Psicologia*. USP. [online]. v. 14, n. 3, p. 171-194, nov. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v14n3/v14n3a12.pdf>>. p. 174.

Assim, a representação do corpo do “flagelado” é um dos temas mais recorrentes na literatura nortista, ela aparece quando surge a necessidade de dar uma estrutura física a essa figura, afim de que se visualizasse as conseqüências do flagelo decorrente da seca. Todavia, é interessante primeiro traçar o tipo físico idealizado do sertanejo(a) para depois analisarmos as mudanças e permanências no discurso sobre o “flagelado” que, em grande medida, repousa num discurso já enunciado, referente ao “sertanejo”.

José de Alencar afirma que o “sertanejo” é o cearense, muito bem representado pelo personagem principal do romance *O Sertanejo, Arnaldo*:

Era o viajante moço de vinte anos, de estatura regular, ágil, e delgado do talhe. Sombreava-lhe o rosto queimado pelo sol, um buço negro como os compridos cabelos que anelavam-se pelo pescoço. Seus olhos rasgados e vívidos, dardejavam as veemências de um coração indomável.  
[...] Vestia o moço um traje completo de couro de veado, curtido à feição de camurça. Compunha-se de véstia e gibão com labores de estampa e botões de prata; calções estreitos, bolas compridas e chapéu à espanhola com uma aba revirada à banda e também pregada por um botão de prata.<sup>141</sup>

O discurso de Rodolfo Teófilo é muito próximo do de Alencar a respeito desse “sertanejo”: “Os olhos, barba e cabelos, de um negro cor de jucá, assentavam admiravelmente sobre o rosto de um moreno de jambo. Sua fronte espaçosa e varonil limitava-se por uma cabeça achatada, perfeitamente cearense.”<sup>142</sup> Sendo esse discurso ainda mais análogo com esse outro relato de José de Alencar: “[...] era mancebo de trinta anos, de baixa estatura, mas robusto, com ombros largos e a cabeça chata, tipo mais comum do sertanejo cearense e que o distingue de seus vizinhos das províncias limítrofes. Tinha o parecer franco e jovial.”<sup>143</sup>

<sup>141</sup> ALENCAR, José de. *O Sertanejo*, p. 17-18.

<sup>142</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 179.

<sup>143</sup> ALENCAR, José de. *Op. cit.*, p. 264.



Assim como é retratado o homem, há também a representação do tipo físico da mulher, ou seja, a “sertaneja”. Alencar descreve-a no momento em que apresenta *D. Flor*, uma das personagens principais do romance *O Sertanejo*, vejamos:

Na moldura desse gracioso toucado, a beleza deslumbrante de seu rosto revestia-se de uma expressão cavalheira e senhoril, que era talvez o traço mais airoso de sua pessoa. No olhar desferia a luminosa pupila; na serenidade dos seus lábios purpurinos, que ainda cerrados pareciam enflorar-se de um sorriso cristalizado em rubim; na gentil flexão do colo harmonioso; e no garbo com que regia o seu fogoso cavalo, assomavam os realces de uma alma elevada que tem consciência de sua superioridade, e sente ao passar pela terra a elação das asas celestes.<sup>144</sup>

Os ecos desse discurso sobre a “sertaneja” alcançaram os textos de José do Patrocínio, Rodolfo Teófilo e Domingos Olímpio. Contudo, estas obras descreveram de uma forma mais detalhada e direta as características físicas da “sertaneja”, até por conta da sua tendência literária realista-naturalista. Em *Os Retirantes* a figura de *Eulália* é a representante dessa “sertaneja”:

[...] era uma rapariga de 20 anos, porte direito como a palma da acácia, andar firme e resoluto, ao de leve sacudido, como o ramo do ingazeiro que molha a ponta na correnteza. Rebentavam-lhe os seios com o vigor pujante da puberdade, tomando o corpinho branco e justo a conformação das graviolas verdes. Deles o colo enérgico tirava a curva das estátuas, e como que a cintura desbastava mais a circunferência de cone truncado junto ao ápice. Coroava-lhe o tronco forte uma cabeça sibilina, sumida artisticamente numa cabeleira negra, farta e lustrosa, enquadrando um rosto oval, moreno, corado e carnudo, recebendo um tom de nobreza principesca dos olhos à flor das pálpebras, vividos, maliciosos, e das narinas graciosamente vincadas. Ia pensativa, contra o seu hábito que era uma ponta de estroinice, desfeita em risadas de uma alegria clara, como as pojaduras de leite.<sup>145</sup>

<sup>144</sup> ALENCAR, José de. *O Sertanejo*, p. 13.

<sup>145</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 4.

José do Patrocínio especifica, posteriormente, mais detalhes da imagem dessa “sertaneja”. Pois, para ele,

[...] Mas nada [era] como as matutas com os seus cabelos longos, corredios e lustrosos, muito negros, trançados em cruz do alto da cabeça à nuca! Que dentes tão alvos, tão pontiagudos, tão bem limados! E que bem feitos corpos, modelados pela compressão das barbatanas na cassa muito viva dos seus vestidos afogados, de mangas curtas, deixando ver completamente nus os seus braços carnudos! [...] <sup>146</sup>

Em *A Fome*, a representante dessa figura é a filha do personagem principal do romance, Manuel Freitas, a *Carolina*:

Tinha quinze anos e o vigor das naturezas completamente sadias. O seu todo denotava a saúde dos organismos desenvolvidos ao ar do campo. Havia em corpo uma perfeita harmonia de formas, todas obedecendo às leis de uma rigorosa estética. Tinha um ar nobre que se percebia logo à primeira vista. Os olhos grandes e de um azul-celeste tinham a suavidade das almas puras e castíssimas, e davam uma expressão de vontade à expandida em um rosto do mais correto oval, emoldurado por uma sanefa de cabelos louros. O nariz era aquilino. A boca formada por lábios rosados, conservava a castidade dos primeiros anos, e nunca fora maculada pela malícia ou desdém. O clima equatorial com o seu sol de fogo criara aquela flor loura, branca e de olhos azuis. <sup>147</sup>

Nessa literatura a mulher, a sertaneja é pensada com um corpo robusto, demonstrando sua força e altivez. Além disso, com uma ótima saúde, uma vez que é a filha da terra abençoada por bons frutos e boas raízes. Os “ares” do sertão a tornava sempre bonita,

---

<sup>146</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 9.

<sup>147</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 28.

bronzeadada por um sol até então benéfico, dando-lhe a energia necessária para a vida. A alimentação da terra sadia proporcionava também uma mulher sadia. As suas feições físicas são harmoniosas, olhos expressivos, bocas carnudas, narizes modelados, remontando ao perfil do tipo físico europeu. As faces do rosto “rechonchudas”, gorduchas, lembrando muito o ideal de beleza burguês europeu dos séculos XV e XVI, em que a beleza estava intimamente ligada à valorização da fartura. Os dentes brancos, bem desenhados também eram uma indicação do ótimo estado de saúde da sertaneja, sendo todas essas características físicas muito sensuais, entretanto, regidas por uma pureza singular, casta.

Podemos, por fim, também perceber essas características no relato de Domingos Olímpio da “sertaneja”, traçada na figura de *Luzia*, representante da mulher do Norte:



Em plena florescência de mocidade e saúde, a extraordinária mulher, que tanto impressionara o francês Paul, encobria os músculos de aço sob as formas esbeltas e graciosas das morenas moças do sertão. Trazia a cabeça sempre velada por um manto de algodãozinho, cujas orelhas prendia aos alvos dentes, como se, por um requinte de casquilhice, cuidasse com meticoloso interesse de preservar o rosto dos raios do sol e da poeira corrosiva, a evolvar em nuvens espessas do solo adusto, donde ao tênue borrifo de chuvas fecundantes, surgiam, por encanto, alfombras de relva virente e flores odorosas.<sup>148</sup>

[...] Exposta à bafagem da madrugada, Luzia de pé, em plena nudez, entornava sobre a cabeça cuias d’água que lhe escorria pelo corpo reluzente, um primor de linhas vigorosas, como pintava a superstição do povo o das mães-d’água lendárias, estremecendo em arrepios líquida carícia, e abrigada no manto da espessa cabeleira anelada que lhe tocava os finos tornozelos.<sup>149</sup>

Há na descrição do sertanejo(a) uma diferenciação, entre os autores, quanto ao uso maior ou menor de elementos físicos caracterizadores dessa figura. Entretanto, o importante é perceber que se veicula uma imagem idealizada desse homem e mulher do Norte, dentro da

<sup>148</sup> OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*, p. 20-21.

<sup>149</sup> *Ibid.*, p.31.

normalidade, da vida tranqüila e cotidiana do sertão vivo, belo. Assim como vimos, no segundo capítulo, a presença de um paradoxo<sup>150</sup> em relação à construção de cenários e paisagens, novamente percebemos, nesse momento do relato sobre o sertanejo(a), um outro. Todos os autores traçam enunciados sobre tal figura, demonstrando uma preocupação em diferenciar não só a terra natal, mas também os habitantes dela nos momentos sem a seca e, em contrapartida, enfatizando-se, posteriormente, as épocas de estiagem. Isso, de certa forma, é proposital e reforça perante o leitor(a) a idéia dos grandes efeitos negativos provados pelo fenômeno natural, da desagregação e transformação desse antigo “sertanejo”, desejado, almejado, para o sertanejo(a) que sofre as seqüelas da seca, ou seja, o “flagelado”.

Para criar o contraponto à figura do “sertanejo” houve uma descrição física muito minuciosa do “flagelado”, comentando odores, vestes, tipo físico e expressões corporais. Enunciados diametralmente opostos aos que formularam a imagem do(a) sertanejo(a). Apenas para iniciarmos essa discussão vejamos essa passagem de *Luzia-Homem*:

[...] esqueléticas criaturas de aspecto horripilante, esqueletos automáticos dentro de fantásticos trajes, rendilhados de trapos sórdidos, de uma sujidade nauseante, empapados de sangue purulento das úlceras, que lhes carcomiam a pele. Até descobrirem os ossos, nas articulações deformadas.<sup>151</sup>

A citação acima é um bom exemplo de como a literatura construiu a imagem oposta àquela idealizada na figura do “sertanejo”. A partir de então, as obras começam a descrever como era percebido esse “flagelado” pela sociedade: “[...] é preciso ter muita paciência para aturar esta ralé [os retirantes]; fedem como animal podre”.<sup>152</sup> Além disso, quanto às

<sup>150</sup> Rever a discussão sobre a construção de paisagens na literatura nortista nas páginas 42-43 deste trabalho.

<sup>151</sup> OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*, p. 26.

<sup>152</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 182.

vestimentas, dizia-se que os “[...] sacos de víveres, [serviam como] roupas para os esmolambados, envoltos em nojentos trapos que lhes mal disfarçavam o pudor e a horrenda magreza esquelética”.<sup>153</sup>

A partir daí surge “a fisionomia dos retirantes [que] tinha uma gravidade particular; nas linhas do rosto escaveirado e macilento se distinguia uma graduação de tons mórbidos. Não se percebia um traço alegre, uma expressão de contentamento íntimo.”<sup>154</sup> Além disso, “custava-lhe suportar o cheiro que saía dos famintos. Aquela atmosfera era quase irrespirável”.<sup>155</sup>

Essas passagens refletem bem a “mutação” por que passa a imagem do(a) sertanejo(a) após os efeitos da seca. A literatura então inicia uma série de enunciados que descrevem esse novo “ser”, representante maior do sofrimento, da angústia, da fome, da sede e da peste, causadas pela estiagem, como vemos em *A Fome*:

Naqueles organismos a desordem era completa. O coração, que a pouca densidade do sangue tornara irregular e tumultuoso, os afligia com sofrimentos atrozes. As pulsações eram incompletas, intermitentes, aceleradas, irrigando mal o cérebro, causando vertigens, zumbidos nos ouvidos, ou flagelando a todos os instantes! A cabeça atordoava um constante baticum. Por cúmulo de infelicidade, não era pequeno o número de infelizes que se aproximavam da morte. A anasarca, consequência imediata daquela vida de fome, chegava como a última tortura. Entre os famintos conheciam-se os enfermos daquela moléstia pelo aspecto ainda mais triste e doentio da fisionomia. Marchavam com o passo lento, pois os membros inferiores infiltrados pesavam como chumbo, e ainda por excesso de carga sustentavam um abdômen obeso, obeso de água, que em tempo deixou de ser eliminada.<sup>156</sup>

<sup>153</sup> OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*, p. 19.

<sup>154</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 68.

<sup>155</sup> *Ibid.*, p. 78.

<sup>156</sup> *Ibid.*, p. 87.

Entretanto, essa mudança não se deu de forma abrupta, houve uma fase de transição do discurso sobre o físico do “sertanejo” para o discurso formulador da imagem do corpo do “flagelado”, percebamos isso nessa passagem de *Os Retirantes*:

Mas, ao dobrar uma das esquinas, a procissão quase que recuou. Estava de pé um homem, alto e magro, *dessa magreza que é o extrato da robustez. Seus olhos negros*, esbotocados, como grandes laivos de sangue, tinham a vivacidade convulsiva da loucura; *os cabelos grandes, emaranhados* e muito grisalhos, atufavam-se sobre a cabeça, como um turbante de estopa. Descalço, com as roupas estilhaçadas e sórdidas, esse homem parecia um vômito da penúria deposto aí para envilecer a devoção.<sup>157</sup> (grifos nossos).

A expressão “dessa magreza que é o extrato da robustez”, por exemplo, está intimamente ligada aos resquícios do homem viril e valente do sertão vivo, ou seja, ao “sertanejo”. Além disso, a caracterização dos “olhos negros”, “cabelos grandes, emaranhados”, nos remete a figura de *Arnaldo*, representante daquela figura idealizada, presente no sertão nortista tão descrita por José de Alencar. Há outras passagens nas obras indicando essa mescla de enunciados, sendo elas responsáveis pela transição da imagem física do “sertanejo” para a do “flagelado”.

Durante a descrição do corpo do “flagelado”, os autores preocupam-se em incorporar elementos que demonstrem, além do físico, a dor, o sofrimento, o flagelo, vivenciados por essa personagem. Durante a retirada isso é muito descrito, pois havia “grupos e grupos, maltrapilhos e esgroviados [que] desfilavam praguejando contra o destino e contra os homens [...]”<sup>158</sup>. Esses grupos de retirantes que seguiam “a estrada e o ambiente, saturados de sol e

<sup>157</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 7.

<sup>158</sup> *Ibid.*, p. 135.

calor, formavam uma engrenagem de onde os transeuntes saíam esmagados”<sup>159</sup>. Assim é retratada a situação por Rodolfo Teófilo:

Naquela onda maltrapilha e esfomeada, que se revolvía como vermes na podridão, havia dores cruciantes, mas que não podiam ser percebidas; não havia mais sensibilidade moral para aliviá-las. Pareciam embotadas as faculdades d’alma. As mães aleitavam os filhos ou fingiam aleitá-los, pois os murchos peitos nem mais uma gota vertiam. As mamas reduzidas a pelangas, presas nas costelas, com os bicos atrofiados, assim mesmo eram sugadas pela crianças com uma avidez famélica! Os vagidos dos filhos desalentados por não encontrarem uma gota de leite irritava-as em vez de comovê-las, irritava-as a mamadura anormal, porque produzia-lhes um frenesi que as desesperava e que em parte era excitado pela presença do sangue, um sangue cor de salmoura, em vez de leite e que tingia os lábios dos pequeninos.<sup>160</sup>

Podemos afirmar que a construção da imagem do corpo do “flagelado” tem na obra *Os Retirantes* uma das melhores e mais completas descrições. Visualizemos isso nessa citação:

[...] Destacava-se da massa um grupo de vinte e poucas pessoas, entre as quais dois sertanejos já conhecidos do vigário. Dir-se-ia um volvo da miséria trazida ao templo acintosamente, e ao vê-lo misturava-se a comiseração com o nojo. Nos rostos escaveirados, a máscara da fome estagnava-lhes os olhares numa quietação comatosa, e dava-lhes às fisionomias a acentuação do idiotismo. O desleixo enxovalhava a mocidade; envilecia a velhice e deformava a meninice. Uma velhinha de pele pergaminhada, já não podendo suster-se nas pernas fatigadas, sentou-se covando um colo e mostrando os pés inchados, com profundos vincos das correias das alpargatas. Pestanejando silenciosa, com os braços descaídos, lembrava-se a gente das parcas sombrias que o cinzel assenta sobre os túmulos. Duas mulheres, que traziam nos braços os filhos cobertos com uns farrapos, esforçavam-se debalde por acalentá-los: as crianças, ao contato daqueles seios muxibentos, vagiam com o ruído fraco e triste dos sapos magnetizados. As moças, meio corpo em camisa, deixando a descoberto os colos queimados pelas soalheiras e empastados por escuras mascarras de suor e poeira, pareciam as personificações do desânimo. Os seus olhos cearenses, olhos cheios de erupções de altivez, ou de humildades de escrava, conservavam-se baixos,

<sup>159</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 113.

<sup>160</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 85.

como se quisessem defender-lhes os seios virgens, que tufavam no morim encardido das camisas puídas. As crianças completavam o quadro: vestidas com umas camisolas que mal lhes cobriam os ventres hidrónicos, cabelos emaranhados e piolhosos, olhos ictéricos, o tórax deprimido, braços e pernas atrofiados, pés inchados até os artelhos, assemelhavam-se a rãs mortas. Perfiladas e seguras aos vestidos das mulheres, chupando gulosamente os dedos, narravam no seu semblante bisonho uma longa história de sofrimento.<sup>161</sup>

É interessante notar essa preocupação detalhista na construção física do “flagelado”, uma vez que as obras estão repletas de determinismos biológicos. Logo, é patente a referência a modificação nos costumes, nas expressões, nas formas de pensar e agir por conta das seqüelas físicas trazidas pela seca. Assim, adentraremos, na análise do segundo eixo temático proposto, as seqüelas que a estiagem produz no corpo do “flagelado” e as conseqüências subjetivas que provocam. Ao começarmos essa análise, não pensamos em esquecer a discussão sobre imagem do corpo já iniciada, principalmente porque a literatura sistematiza, concomitantemente, a construção da mente e do corpo desse “ser”.

Assim, apesar dessa divisão temática, percebemos em muitos momentos uma intrínseca ligação entre o corpo e a mente do “flagelado”. Em que um não se sobrepõe a outra de forma contínua, mas caminham juntas, possuindo um grau de importância recíproco, contudo alternam, entre si, uma hierarquia de poder. Nesse sentido,

corpo e alma, portanto, são *interpenetrados de história* e articulados através de diferentes contextos discursivos, os elementos co-construtores de múltiplos focos de subjetivação, de forma que se torna imprescindível associá-los ao processo de edificação da própria identidade histórica do indivíduo.<sup>162</sup> (grifo do autor)

<sup>161</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 16.

<sup>162</sup> SILVEIRA, Fernando de Almeida; FURLAN, Reinaldo. Corpo e alma em Foucault: postulados para uma metodologia da psicologia. *Psicologia*. USP. [online]. v. 14, n. 3, p. 171-194, nov. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v14n3/v14n3a12.pdf>>. p. 175.



A relação corpo e mente, segundo Roy Porter, foi e, ainda o é em alguns estudos, posta de forma separada. Segundo esse autor, à mente e ao corpo têm sido designados atributos e conotações distintos. A mente é canonicamente superior à matéria. Ontologicamente, por isso, a mente, o desejo, a consciência ou o ego têm sido indicados como os guardiões e governantes do corpo, e o corpo deve ser o seu criado. Esta subordinação hierárquica do corpo à mente sistematicamente degrada o corpo. Assim, os seus apetites e desejos são encarados como cegos, obstinados, anárquicos ou (no Cristianismo) radicalmente pecaminosos, podendo o corpo ser encarado com a prisão da alma.<sup>163</sup>

No caso da nossa análise discursiva sobre os temas construtores da imagem do “flagelado” contidos na literatura nortista, presenciamos uma alternância em relação a esses aspectos, em certos momentos visualizamos sim o corpo controlado pela mente, em outras passagens verificamos justamente o oposto disso. Mas, também percebemos em situações específicas uma convivência mútua entre dois elementos: corpo/mente. Percebemos então que “o fato de que os territórios da mente e do corpo não são fixos - menos ainda fixos pela biologia – mas possuem limites sujeitos à negociação como sistemas particulares de valores, julgamentos e deveres”.<sup>164</sup>

Nesse sentido, também compreendemos que

o “corpo” não pode ser encarado pelo historiador, simplesmente como biológico, mas deve ser encarado como mediado por sistemas de sinais culturais. A distribuição da função e da responsabilidade entre corpo e a mente, o corpo e alma, difere extremamente segundo o século, a classe, as circunstâncias e a cultura, e as sociedades com frequência possuem uma pluralidade de significados concorrentes.”<sup>165</sup>

---

<sup>163</sup> PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*, p. 303-304.

<sup>164</sup> *Ibid.*, p. 322.

<sup>165</sup> *Ibid.*, p. 308.

Pensando dessa forma é que iniciamos a discussão sobre um dos temas mais recorrentes na literatura nortista sobre a seca, relativos ao corpo: os enunciados ligados à fome e a sede. Estas irão se caracterizar por serem as principais motivadoras da idéia de causa/efeito do flagelo, pois geravam problemas físicos provenientes da falta de alimentação, principalmente no decorrer da retirada. Nesse momento esses temas têm o poder de construir de forma sistemática os sintomas da inanição, verifiquemos isso nessa passagem de *A Fome*:

Freitas sentia-se esmorecer. O quadro que tinha diante de si representava a sede com todas as suas angústias. Havia dezoito horas que não bebiam! O exercício muscular, o calor, haviam gasto a água do sangue! Os adultos ainda resistiam, mas as crianças deitadas no solo, entorpecidas estavam, no mais completo marasmo, com os olhos cerrados, imóveis, a boca aberta. A língua seca pendurava-se sobre a arcada dentária inferior; assim exposta, fendia-se com o calor da atmosfera e o hálito quente que lhes saía dos pulmões.<sup>166</sup>

A fome e a sede, eram capazes de conduzir o “flagelado” à perda dos sentidos, levá-lo até mesmo ao ato do “auto-canibalismo”, por exemplo:

[...] Num ímpeto de cólera e irritado com a teimosia do bruto, fere-o no braço. O faminto leva a ferida à boca e, com uma avidez que desarma e comove Freitas, suga o sangue que sai do ferimento, um sangue incolor como o dos insetos. A sucção era feita com uma gula infrene. O faminto parecia querer sugar pela ferida todos os líquidos do corpo. Nem uma gota mais vertendo o ferimento, *começou a comer as próprias carnes!*<sup>167</sup> (grifo nosso).

---

<sup>166</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 48.

<sup>167</sup> *Ibid.*, p. 64.

Verificamos nesse momento uma forte presença do determinismo biológico à frente dos valores culturais. A fome e a sede são, nessa literatura, as responsáveis por isso, pois levam o “flagelado” a praticar atos até então impensáveis. Assim, o “flagelado” também é retratado como uma criatura que de tanto sofrer de fome, sede e desgostos pessoais acaba perdendo a consciência humana, se transformando em animal feroz e voraz por algo para sobreviver, a ponto de se tornar canibal. A seca, portanto, reduz o homem, então, a condição de animal, como visto em *A Fome*:

Aproximou-se mais e pôde ser reconhecido. Não era um bicho mas um homem que a fome reduzira a bicho. Chegando dentro do quiosque pôs-se de pé. Do chão alevantou-se o esqueleto, que media mais de um metro e meio, e tinha a hediondez dos espectros. O tronco largo e bem desenvolvido mostrava ter sido vestido de uma carnação vigorosa, que havia consumido a fome e deixado nuas as vértebras e as costelas. O espinhaço, como uma coluna de nós, apenas coberto de pele, deixava contar todos os ossos. A ele se articulava a cabeça, um pouco mais vestida do que uma caveira, com um rosto esquelético, a fisionomia carregada de ferocidade de animal faminto. Os dentes completos, de branco esmalte, sem lábios mais que cobrissem, num riso perene de ironia e mofa, brilhavam em lúgubres cintilações, mais horripilante tornava-lhe a figura. O olhar era vago. As pupilas dilatadas quase tocavam o disco do íris, que lhes servia de debrum, e sepultada no fundo das órbitas davam à caveira uma expressão de vida, mas de vida de fera. Os braços se estiravam ao longo do tronco envolvidos na pele, que, tendo perdido a frescura e macieza, enrugada e áspera, parecia de amarrotado pergaminho. As pernas magras, apenas os ossos e um quinto da musculatura, cambaleavam com o peso de carga, pelangas e ossos. O abdômen retraído e colado à espinha deixava perceber as cristas dos ilíacos e a forma da bacia.

O faminto não obedecia; e continuava a roer as unhas e a comer as escamas que se desagregam da pele. Agora fitava o rosto de Carolina perto de si, completamente exposto e alumiado em cheio pela luz da fogueira. Percebia os tons daquela carnação, mas com o apetite de besta esfomeada. As narinas dilatam-se-lhe mais, farejava, sorve o cheiro daquela carne sadia na qual tem ímpetos de saciar a fome, de rasgá-la a dentada [...].<sup>168</sup>

<sup>168</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 61-63.

Esse discurso do canibalismo presente em Rodolfo Teófilo não é novidade, mas repousa num discurso “já-dito”, por exemplo, em *Os Retirantes*. Há duas passagens nessa obra que nos levam a essa afirmação, ambas ligadas a trajetória de vida do “flagelado”, mais especificamente ao momento da retirada, cheia de perigos e desafios, principalmente os de vencer a fome e a sede. Uma dessas passagens se encontra no momento da retirada de parte da família de *Queiroz*, pai da protagonista, *Eulália*. Suas irmãs menores juntamente com uma tia faziam o êxodo para a cidade da Fortaleza, mas no decorrer da viagem a fome as exasperava e as levava a sacrificar o cão de estimação que as protegera durante a própria travessia penosa, vejamos essa passagem:

Estavam abrigadas numa das muitas casas abandonadas que marginavam a estrada, e Chiquinha, entrando para o compartimento destinado à cozinha, amarrou com as cordas da rede o pescoço do Amigo. O animal, levantando-se nas patas traseiras, estendeu para ela as dianteiras e pousou-lhas sobre o ombro, como se a buscasse abraçar.

O choro da caçula, a sua triste queixa de que ia morrer soaram com mais força. A moça, revestindo-se de uma heroicidade semelhante à alucinação, passou em um dos caibros a corda e puxou-a até que o fiel companheiro dos seus infortúnios começasse a sentir os primeiros efeitos do estrangulamento.<sup>169</sup>

O tema do canibalismo presente nessa literatura foi uma forma encontrada pelos autores para demonstrar o grau de destruição da razão humana, ou seja, uma estratégia afim de sensibilizar, comover os leitores daquele momento histórico. O intuito da utilização do tema é retratar o retorno do homem à animalidade, a primitividade, desestruturando os valores sentimentais, éticos e morais construídos ao longo dos séculos de “civilização”.

---

<sup>169</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 143.

A outra passagem, também presente em *Os Retirantes*, é mais dura, a ponto de ser macabra em relação às demais. Trata-se da descrição de uma mãe retirante, com seus dois filhos, exercendo, durante a migração, a prática do canibalismo. Entretanto, a vítima desse ato é um dos seus próprios filhos. Essa mulher é presa e relata, durante um depoimento, como se deu o crime:

Sentado em frente a uma mesa, tendo ao lado um homem já idoso que estava a escrever, o subdelegado, um quarentão reforçado, de modos brandos, mostrava-se impaciente e acenava freqüentemente, recomendando aos homens da porta inteira prudência.

- Pode-se começar o interrogatório - disse o homem que escrevia.

- Olhem para ali; que horror! - gritaram os circunstantes que estavam à janela. - Pobre criança!

- Ela chegou sempre a comê-la?

- Se comeu! Foi ontem que ela praticou o crime e só hoje é que se deu por ele, por um acaso.

Quería fazer como as jibóias, hein? Enquanto tivesse o que comer, não deixaria o lugar.

- E era capaz de fazer o mesmo com o outro filho.

- Ah! eram dois?

- Eram sim; o outro, que ainda é de peito, está lá dentro. Eu o vi, já anda um bocadinho.

A autoridade impôs silêncio aos comentadores, mandando repetir que se ia proceder ao interrogatório da ré e das testemunhas.

As perguntas da lei foram formuladas então pausadamente, e a ré respondeu-as a soluçar.

Chamava-se Maria, e era casada com um Virgulino da Silva, de Inhamuns. Não sabia dizer onde parava o seu marido; acompanhara-a de Inhamuns ao B. V. com destino ao Aracati, mas em caminho, morrendo-lhe o pai, decidiu demorar-se naquela paróquia, de onde desapareceu.

- E não sabe que destino tomou?

- Não; ele saiu com muitos outros, entre os quais um feiticeiro que brincava com cascavéis. Não sei se é vivo ou morto.

- Sabe de que é acusada?

A mísera ré meneou afirmativamente a cabeça, que escondeu entre as mãos, a soluçar compungentemente.

- Que demônio! - ponderavam os circunstantes. - Quer nos enternecer com as lágrimas. Causa asco.

- Responda - exclamou o magistrado -, é preciso que você responda com a sua própria boca.

- Sei, sim senhor - suspirou a desventurada.

As suas palavras, proferidas com grande esforço, pareciam trazer consigo parte do coração. Os próprios exaltados sentiram-se comovidos, e olhando para a mulher, vendo-lhe as faces escaveiradas, os olhos encravados profundamente nas órbitas, vermelhos das lágrimas, os vestidos sórdidos e muito rotos, os próprios exaltados murmuraram:

- O que é verdade é que, para uma mãe fazer o que [fez é] preciso estar doida.
- Outros, porém, acudiram logo:
- É mesmo por maus bofes; doido não diz coisa com coisa, e ela responde que nem uma letrada.
- Diga então qual o crime de que é acusada - ordenou a autoridade dirigindo-se à ré.
- Vossa Mercê bem sabe qual foi; eu não posso repetir...
- É o remorso, malvada! - gritaram os circunstantes.
- É preciso dizer insistiu a autoridade -, eu só posso tomar o que você responder.
- Matei meu filho! - resmungou desventurada.
- E que idade tinha ele?
- Quase cinco anos.
- Foi levada por alguma raiva?
- Não.
- Alguém a obrigou a praticar semelhante ato?
- Não, foi a minha desgraça.
- Mas qual foi esta desgraça?
- A fome.<sup>170</sup>

José do Patrocínio vai além, descreve os detalhes da decisão da mãe em assassinar um dos filhos em prol da sobrevivência, relatando a própria cena da prática canibal:

Uma recordação fatal veio-lhe então à memória. Lembrou-se de que para as bandas do Crato uma mulher havia comido o filho. A princípio esta recordação horrorizou-a, mas a pouco e pouco foi avassalando-a, porque tinha por si a fome. A lógica adamantina do crime sugeriu-lhe argumentos poderosos: se ficasse, todos morreriam, se abandonasse os filhos, eles morreriam. Era trocar morte por morte, mas com uma diferença, a de que podia salvar a si e a um dos filhos.

[...] ... No seu olhar estampou-se o batalhar de sentimentos opostos que a desvairava e a criança, que se havia assentado acordando sobressaltada, teve tanto medo que se foi abraçar com o irmãozinho. Ela fitou-o com a gula do tigre e, gatinhando como ele, com movimentos largos, mas sem ruído, foi parar a pequena distância. Tornou-o a fitar e como se uma jibóia esfaimada se intumescesse dentro em si, empregando toda a sua elasticidade para dar força e precisão ao bote, encolheu-se e de um salto agarrou pelos cabelos a mísera vítima, levantou-a até a altura dos lábios, cobriu-a pela última vez de beijos, como a jibóia cobre a presa de baba, e perdeu de todo a cabeça. Quando voltou aos sentidos regularmente, estava entre as mãos das pessoas que a amarravam e a conduziram à vila.

---

<sup>170</sup> PATROCÍNIO, José. Os retirantes. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 146-147.

[...] Ardia vivo, no meio do compartimento da casa, o qual devia ter sido a cozinha, um grande brasido sobre o qual chiava um pedaço de carne. De costas para ele, acorada defronte do cadáver nu de um menino, a mulher, munida de uma pequena faca, descarnava-lhe uma das coxas, cortando com a frieza de um carnicheiro as carnes de um boi.<sup>171</sup>

O canibalismo, portanto, é posto pelos autores como um dos elementos mais relevantes em relação a comoção popular. O que mais comovedor do que uma mãe ter que matar o filho para se alimentar? A mãe, símbolo do carinho, afeição, amor, cuidado e tantos outros sentimentos, transformada em bicho, cega pela loucura da fome, perdendo toda a sua imagem materna em decorrência dos efeitos da estiagem.

Assim, o resultado da fome e sede na literatura é a elevação do instinto animal em detrimento da racionalidade humana. Nesse sentido, as obras criam enunciados demonstrando o grau de condição a que é reduzido o homem por conta das seqüelas da estiagem. Vejamos isso em uma outra passagem de *A Fome*:

Um frenesi indescritível contaminou em um instante os famintos. Nenhum saiu de seu lugar, mas movimentos desordenados agitavam-lhe os membros. Moviam os lábios. Lambiam os beiços, coçavam-se, roíam as unhas, mastigavam a saliva, arregalavam os olhos, moviam o nariz como os coelhos, enfim uma excitação nervosa determinada pela presença do alimento, desorientava-os.<sup>172</sup>

Esse discurso é reproduzido posteriormente por Domingos Olímpio, com o acréscimo de caracterizações físicas das crianças flageladas:

<sup>171</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 149.

<sup>172</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 91.

Magotes de crianças nuas, de hedionda magreza de esqueleto, de grandes ventres, obesos e lustrosos como grandes cabaças, lançavam olhares, terríveis de avidez, sobre pilhas de rapaduras grandes medidas de quarta, desbordantes de farinha e feijão, pencas de bananas, rimas e beijos, alvíssimas tapiocas, montes de laranjas pequeninas e vermelhas, colhidas na véspera, nos pomares murchos de Meruoca.<sup>173</sup>

Novamente percebemos a reprodução da enunciação de um discurso em que ações humanas são movidas pelo instinto animal, geradas pela fome e sede. Em *Os Retirantes*, por exemplo, verificamos uma relação muito próxima com obra *A Fome*, no que diz respeito as ações desesperadas do “flagelado” para se angariar algum resquício de comida:

Passava uma fila de carroças sobre as quais eram transportados grandes tonéis de mel.

O líquido, vazando pelas frestas das toscas vasilhas, deixava na calçada um rastilho negro.

Após as carroças precipitava-se uma multidão de crianças, nuas, sórdidas, que apanhavam com os dedos os fios de mel, ou deitavam-se sobre a calçada quente da soalheira para lambê-lo, não sem medonhos conflitos.<sup>174</sup>

Vejamos essa relação de proximidade entre os discursos das obras *Os Retirantes* e *A Fome*, referente a mudança comportamental do sertanejo(a) em decorrência da fome e da sede:

Essa onda de esqueletos, composta de indivíduos de todas idades e sexos, dava a cor sombria ao quadro. Derramava-se por toda a cidade e, acorados nos calçamentos das ruas, catavam as migalhas que caíam das sacas de víveres, que eram conduzidas ao celeiros. Quando um punhado maior de legumes perdia-se no chão, se lançavam sobre as sementes com uma gula de suíno, disputando o maior número de grãos. Nessa luta acotovelavam-se,

<sup>173</sup> OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*, p. 98.

<sup>174</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 200.



esmurravam-se. Às vezes acontecia afundar algumas das aduelas dos barris de mel, que do porto eram levados ao comércio, e o líquido vazando caía e se misturava com o lixo das ruas; os famintos agrupavam-se e lambiam as pedras meladas até deixarem-na completamente enxutas.<sup>175</sup>

Assim, verificamos uma preocupação dos autores em descrever essa mudança nos comportamentos do “sertanejo”, o homem que valoriza a honra, o respeito, a alimentação digna e farta através do seu trabalho, vai sendo posto de lado e entra em cena a figura flagelada, desesperada, ávida por comida, pois a seca o transforma nesse *homem-bicho*, deixando-o apenas a mercê dos seus instintos primitivos, animais. Pois, a seca desestruturou o sistema de trabalho até então montado no Brasil, o país de Norte a Sul, vivia um momento de transição do trabalho escravo para a mão-de-obra livre e assalariada, uma vez que a escravidão estava em processo de extinção a partir da segunda metade do século XIX. O “sertanejo” nesse contexto é representado como o trabalhador independente, orgulhoso, que não se sujeita a ordem e a lógica do trabalho sistematizado, como diria Alencar: “Desde, porém, que se lhe fazia uma exigência, sua suscetibilidade revoltava-se contra a ordem, e ele resistia com a tenacidade de um carneiro amuado, quando não reagia com ímpeto de um garrote bravo”.<sup>176</sup>

Podemos, então, dizer que esse tema é mais uma estratégia discursiva utilizada pelos autores para justificar o “problema da seca” e o problema “flagelado”, ou seja, a denúncia da seca, com todas as suas seqüelas econômicas na área, e o “flagelado” como o homem ainda indisciplinado ao regime de trabalho sistematizado pela lógica capitalista em ascensão.

Vale salientar que durante esse tipo de descrição do “flagelado” verifica-se nas obras uma forte presença de darwinismo social, coadunando com as posições educacionais e científicas da “geração 70” do século XIX, principalmente nos relatos de Rodolfo Teófilo.

<sup>175</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 243.

<sup>176</sup> ALENCAR, José de. *O Sertanejo*, p. 216.

Portanto, durante a construção da imagem do “flagelado” é nítida a incorporação, por parte da literatura nortista, de valores científicos. Presenciamos isso nessa passagem darwinista de *A Fome*:



Travou-se uma luta tremenda, uma briga de feras esfomeadas sobre um minguido repasto. *Os víveres seriam dos mais fortes e não dos mais necessitados.* Os que podiam agredir eram em muito pequeno número. Tomaram contas das sacas, que abriam, e começou a luta. [...] *A vitória seria do mais forte*, e entre os que defendiam os víveres travou-se uma luta, mas uma luta impossível e termo. Pelejavam corpo a corpo. Não se ouvia o tinir de um ferro, mas percebia-se que as carnes dos lutadores eram rasgadas a dentadas.<sup>177</sup> (Grifos nossos).

Após termos analisados os temas que intermediam a construção da imagem do corpo juntamente com a subversão de alguns valores sociais por parte dos “flagelados” em decorrência das exigências físicas, é que adentraremos, na análise dos temas construtores da imagem da subjetividade do “flagelado”. Tentaremos especificar, assim como fizemos ao analisar o primeiro eixo temático, as mudanças e permanências discursivas na imagem do “sertanejo” em relação à formulação da imagem subjetiva do “flagelado”.

Optamos por iniciar a análise do terceiro eixo temático a partir do tema da mendicância, pois ela é participante efetiva da construção da imagem da psiquê do “flagelado”. Após a perda dos bens, se os tivesse, a retirada angustiante e sofrida, ao chegar à cidade ele viveria a mercê da ajuda alheia e da aviltante esmola, uma vez que o “flagelado” ainda é o resquício do homem de honra e orgulho do interior “genuinamente” brasileiro, ou seja, o “sertanejo”. Assim, segundo José do Patrocínio, “o seu futuro era contudo um

<sup>177</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 78.

problema assustador, cuja solução limitava-se à piedade”<sup>178</sup>, pois “em todo o caso a sua vida ficava dependente da piedade alheia, e esta é sempre inconsistente e variável”<sup>179</sup>.

A cidade onde haveria a ajuda governamental perde o sentido de “cidade da esperança” no momento em que o “flagelado” presencia nela uma vida tão miserável e indigna quanto a vista durante a retirada. Como é descrito por Domingos Olímpio a mendicância no momento do êxodo: “À margem da estrada, dentre as moitas de mofumbos ressequidos e juremas desgrenhadas, uns fios de fumo azulado erguiam-se, em tênues espirais, dos ranchos de retirantes, acordados àquela hora da manhã, e pedindo, plangentes, uma esmolinha pelo amor de Deus.”<sup>180</sup>

Patrocínio descreve a situação da mendicância agora vivida por esse antigo “sertanejo”, num lugar onde a prática da esmola era constante: as estações de trem. Pois, lá se encontrariam pessoas, possuidoras, ainda, de alguma riqueza, uma vez que podiam fazer viagens nesse tipo de transporte, para época inovador e custoso:

Dir-se-ia que o solo tinha-se aberto para expelir um vômito imundo nas cercanias da estação. O silvo da locomotiva semelhante às palavras mágicas de um evocador, acordava em toda parte seres de uma aparência fenomenal. Mulheres andrajosas, descuidosas da compostura, umas carregando crianças nuas, opiladas, com grandes ventres e braços e pernas atrofiados, corriam para junto do trem e, cercando-o com a impertinência e a gula das harpias de Virgílio, coagiam os passageiros a dar-lhes esmolos.<sup>181</sup>

O tema da mendicância não é descrito aleatoriamente, os autores buscam nele a valorização da ética do trabalho, tão presente na figura digna e orgulhosa do “sertanejo”. Ao

<sup>178</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 38.

<sup>179</sup> Ibid.

<sup>180</sup> OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*, p. 196.

<sup>181</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Op. cit., p. 173.

valorizar o trabalho e, conseqüentemente, o “sertanejo”, os autores denunciam a derrocada do sistema de trabalho na lavoura, numa área onde a população ativa é predominantemente rural e sem outra qualificação profissional. Além disso, a queda da produção agrícola e pecuária interiorana por conta da estiagem não é o único problema, pois o êxodo do “flagelado” para as áreas urbanas acaba por inchar as cidades que também não possuíam postos de trabalho diversificados. Assim, o tema da mendicância é utilizado como um indicador da situação calamitosa das relações de trabalho na região.

O “flagelado”, apesar do seu tipo sofrido, é também aquele que tem honra, atos de bravura, respeito, honestidade, religiosidade e, acima de tudo, defende a instituição da família. Pois, esse “flagelado” não sofre por causa da sua índole, mas sim por ser vítima de um “problema” sem solução, a irremediável seca, proposta pelo próprio “discurso da seca”, problema esse que às vezes deturpa a sua boa índole. Nesse sentido, a dicotomia “flagelado”/“sertanejo” faz parte de uma mesma personagem, contudo um lado irá se destacar dependendo do momento vivido, no caso da época de seca, o “flagelado” surge com vigor enquanto a figura do “sertanejo” se constituirá num contraponto que reforçará ainda mais a própria figura do “flagelado”, na medida em que valoriza essa nova imagem. Em contrapartida, a figura do “sertanejo” é sempre valorizada pela figura do “flagelado”, ao ter na figura flagelada um destaque das suas virtudes éticas e morais e do seu corpo. Há exemplos na literatura referentes a permanência, em alguns “flagelados”, de valores do antigo “sertanejo”:

“O coronel chegou à cidade quase cansado. Como ir à pedreira? Viu-se nas ruas, cercado de mendigos, que imploravam a caridade pública, mas não sabia pedir; a idéia da esmola não podia ser aceita por seu caráter. O único recurso compatível com sua dignidade, o único que considerava legítimo, era o do trabalho, mas a pedreira era tão longe!...”<sup>182</sup>

<sup>182</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 273.

Essa dignidade presente no “flagelado” é um dos resquícios morais que permaneceram da figura do “sertanejo”. A idéia do trabalho como meio de sobrevivência e guardião do orgulho está presente na obra de José de Alencar, percebamos isso nesse diálogo entre dois personagens de *O Sertanejo*:

- Então Arnaldo, como foi isto cá, amigo? Seca muita, já se sabe! Olhe digam vocês o que quiserem, isto não é terra de cristão.
- De cristão é que ela é, Aleixo Vargas; pois ao cristão ensinou o divino mestre a paciência e o trabalho. Para quem não serve a minha terra é para aqueles que não aprendem com ela a ser fortes e corajosos.<sup>183</sup>

Dignidade e honra presenciadas nas ações das sertanejas “flageladas” que conservaram esses valores acima de toda a miséria vivenciada. Rodolfo Teófilo e Domingos Olímpio constroem suas protagonistas femininas com essas características, diferentemente de José do Patrocínio que cerca sua protagonista, Eulália, de situações que a levam em direção à prostituição. Um exemplo da permanência desses valores na subjetividade do “flagelado” se encontra na descrição da venda dos cabelos, um dos aparatos físicos mais belos e queridos da figura da sertaneja.

Assim, as moças retirantes, que também fazem parte da imagem do “flagelado”, no ápice do desespero para sustentar a família desamparada, costumavam vender os cabelos a fim de conseguir algum dinheiro para alimentar a família desvalida. Rodolfo Teófilo, por exemplo, afirma a presença de um cabeleireiro na cidade da Fortaleza que vivia de comprar os cabelos das retirantes para revendê-los. Assim descreve a cena:

---

<sup>183</sup> ALENCAR, José de. *O Sertanejo*, p. 52.

O mulato [o cabeleireiro] fitou Carolina e ficou perdido por suas tranças louras que desciam até a curva da perna.

O quadro desolador da família toda doente e sem recursos colocou-se-lhe diante dos olhos. A princípio o espírito revoltou-se com a idéia de tão torpe negociação, com a perda de um dos mais belos ornatos com que a natureza a havia mimoseado, mas, depois, ouvindo só o coração e tendo consciência de que era aquele o único recurso de que dispunha para socorrer honestamente os seus, [...].<sup>184</sup>

Outra passagem, relatada por Domingos Olímpio, demonstra bem essa atitude da sertaneja flagelada, em que o oferecimento desses “ornatos naturais” era uma possibilidade de remediação, mesmo que fosse efêmera, da situação de fome. A vejamos:

- Eu queria pedir-lhe um favor, pelo bem que quer a *sa* dona...
- Fale...
- Lembrei-me que achou os meus cabelos bonitos...
- Sim, é verdade – afirmou o Promotor corando. – E... depois?
- Então vim aqui lhe vender...
- Vender os cabelos, Luzia?
- Não tenho mais o que vender... É a necessidade... Contento-me com dois mil réis por eles... Não é caro...<sup>185</sup>

Esse tema da venda dos cabelos, descrito pelos autores dessa literatura, trata de algo muito simbólico para a feminibilidade do século XIX. O corte dos cabelos, longos e belos, representava a queda e quebra da pureza feminina, o fim do seu ornato natural, tão valorizado desde a meninice, a moça pura perde o seu símbolo maior de castidade ao ter que vender os seus cabelos. Assim, a “flagelada” é, em grande medida, privada do privilégio da pureza, perdendo também parte de sua honra.

---

<sup>184</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 253-254.

<sup>185</sup> OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*, p. 66.

A defesa da honra das “castas filhas do sertão” também faz parte da característica psicológica do “sertanejo”. Mesmo que para isso ele tenha que criar atritos e desavenças pessoais. A honra da filha, irmã ou parente distante é parte da sua integridade como homem na lógica dos ideais do sistema patriarcal do século XIX. José do Patrocínio relata isso com muito cuidado, vejamos:

Tinha sido morador num sítio de criação, e ali nunca houve nenhum vaqueiro mais estimado. Era como um filho da casa, confiariam dele montes de ouro em pó. Todas as tardes o filho mais velho do situado vinha prosear no seu rancho e balançar-se na rede da sala, contando histórias divertidas, muito de se ouvir, porque ele tinha ido a estudos na Fortaleza. Era, em suma, um *rapaz da praça*, bem falante e muito *floreador*. Virgulino recebia-o em casa sem diferença de irmão; ele e o Anacleto, que os ouvintes estavam vendo, eram uma e a mesma coisa. Mas, uma tarde, o moço adiantara-se com uma das irmãs de Virgulino, que, ao ver semelhante desacato ao seu pundonor de cearense, ainda teve prudência de lhe dizer acomodado:

- Mais devagar, amigo; guarde esses modos lá para a praça, quando for ao Ceará.

A resposta foi de ferver o sangue:

- Cala boca daí; tomara você que eu a queira.

Uma onda de indignação engoliu de um trago a prudência do vaqueiro, e, fora de si, rugindo injúrias pungentes, agrediu o rapaz temerário, espalmando-lhe uma tremenda bofetada.<sup>186</sup> (Grifos do autor)

Uma outra característica psicológica do “sertanejo” presente no “flagelado” é a coragem. Alencar afirma, fabulosamente, o domínio do “sertanejo”, no caso *Arnaldo*, sobre os animais por conta da bravura, da força e da coragem. Presenciamos algumas passagens interessantes nesse aspecto, por exemplo: “Aí campeia o destemido vaqueiro cearense, que à unha de cavalo acoisa o touro indômito no cerrado mais espesso, e o derriba pela cauda com admirável destreza”.<sup>187</sup> Ou, “[...] nessa ocasião ramalhou o mato; logo depois abriu-se a

<sup>186</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 27.

<sup>187</sup> ALENCAR, José de. *O Sertanejo*, p. 11.

folhagem e apareceu Arnaldo puxando pela orelha a um tigre enorme, que o seguia gacheiro e humilde”.<sup>188</sup>

Na obra *A Fome*, há uma passagem remontando muito a esse discurso sobre a coragem, bravura e força do homem interiorano. Rodolfo Teófilo rediz bem esses elementos enunciativos na seguinte passagem:

Freitas agride a onça, com agilidade pasmosa, introduz-lhe o chapéu na boca, cravando-lhe ao mesmo tempo o terçado no coração. Essa cena foi instantânea, passou-se em fração de minuto. A fera mal teve tempo de armar o pulo. Quando ia atirar-se aos ombros de Freitas, cambaleia, ferida de morte, cai estrebuchando e seu derradeiro estertor foi um urro medonho e torvo que ecoou segundos pelos outeiros próximos até acabar-se ao longe.<sup>189</sup>

Além disso, o “flagelado” que é, em grande medida, a figura do “sertanejo”, do interiorano, encontrando-se vitimado pelas conseqüências da seca, ainda possui conhecimentos sobre a natureza. Sabe se relacionar com o meio ambiente de tal forma, que encontra nele meios de sobrevivência, sendo essas características muito comuns da figura do sertanejo(a), que as herdou, segundo Alencar, culturalmente do contato com os indígenas, os filhos primitivos da terra Brasil.

José de Alencar afirma que “para o sertanejo a floresta é um mundo, e cada árvore um amigo ou um conhecido a quem saúda passando. A seu olhar perspicaz as clareiras, as brenhas, as coroas de mato, distinguem-se melhor do que as praças e ruas com seus letreiros e números”.<sup>190</sup> Assim,

---

<sup>188</sup> ALENCAR, José de. *O Sertanejo*, p. 80.

<sup>189</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 40.

<sup>190</sup> ALENCAR, José de. Op. cit., p. 63.



Arnaldo conhecia todas as árvores da floresta, como conhece o vaqueiro todas as reses de sua fazenda, e o marujo as mínimas peças do aparelho de seu navio. Esses habitantes da selva tinham para ele uma feição própria, que os distinguia; chamava-os a cada um por seu nome.<sup>191</sup>

Reiterando a idéia de que o discurso sobre o “flagelado” repousa, em grande medida, num discurso anterior, o do “sertanejo”, é que novamente encontramos uma analogia entre as obras representantes da formação da imagem do “flagelado” com a obra responsável pela construção da imagem do “sertanejo”. Esse tema do conhecimento da floresta é também visível nas demais obras, sendo ele, na maioria das vezes, responsável pelo êxito do “flagelado” durante a penosa jornada da retirada, por exemplo:

O seu espírito recolhia-se e meditava. Como despertando, olhou com atenção as árvores que o cercavam, e se aproximando de uma, que tinha enrolada ao tronco uma haste sarmentosa, cortou-a a um palmo de chão. Algumas gotas de um líquido cor de sangue brotaram da ferida. Tinha achado o que procurava, a mucunã-lisa, a planta que tantas vezes lhe matara a sede quando, embrenhado pelas florestas, caçava abelhas e veados.<sup>192</sup>

Um outro aspecto remanescente nas obras construtoras da figura do “flagelado” é a característica da amizade e da solidariedade. Em tempos normais o “sertanejo” também é composto por esses valores, muito bem relatados por José do Patrocínio:

O nobre coração cearense revelava-se inteiro em tamanha espontaneidade. A desgraça encontrava ainda a fraternidade dos tempos prósperos, em que surpresas delicadas vinham honrar o trabalho e arraigar o sentimento de

<sup>191</sup> ALENCAR, José de. *O Sertanejo*, p. 47.

<sup>192</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p.49.

solidariedade entre os vizinhos. Corria a notícia de que um amigo andava a convidar gente para fazer uma derrubada. Calavam-se os vizinhos e, certos do dia em que devia começar o trabalho, lá iam de véspera invadir a mata com os golpes dos seus machados e foices, afiados pela amizade a mais sincera. Quando o proprietário levava a sua gente para o trabalho, mãos desconhecidas já o haviam feito.<sup>193</sup>

Entretanto, como dissemos anteriormente, todas essas características nobres do “sertanejo”, em grande medida, vão se destruindo em decorrência dos efeitos da estiagem na trajetória de vida do “flagelado”. Assim, há na literatura nortista vários temas referentes à perda desses valores sociais. Um desses valores que vão se perdendo por conta da situação de miséria e, é denunciado pelas obras, está ligada à educação dispensada no seio da família.

A educação do “sertanejo”, poderíamos dizer, seria a “patriarcal e religiosa”. Ou seja, um sincretismo dos valores de uma sociedade machista calcada nos ideais religiosos, como os da obediência, da honra e do respeito. Como percebemos nessa passagem de *O Sertanejo*: “O extremoso amor da boa senhora não se animava a infringir o respeito e submissão que tinha pelo marido”.<sup>194</sup> E mais, esse respeito e zelo religioso não se reduzia as mulheres, vejamos:

O sertanejo [Arnaldo] curvou-se e beijou a mão ao fazendeiro, costume patriarcal já em voga no sertão e que ele praticava por impulso d'alma, pois habituara-se desde a infância a respeitar no velho Campelo um outro pai, além do que lhe dera a natureza.<sup>195</sup>

Nesse sentido, a família patriarcal do sertão nortista possuía elementos muito próximos da família patriarcal da zona canavieira do Norte brasileiro, pois as suas raízes são

<sup>193</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 29.

<sup>194</sup> ALENCAR, José de. *O Sertanejo*, p. 131.

<sup>195</sup> *Ibid.*, p. 85.

as mesmas, uma vez que, como afirma José de Alencar, o “sertanejo” “tinha a avidez do branco, a astúcia do índio, e a submissão do negro”,<sup>196</sup> ou seja, a presença das três raças e sua conseqüente mestiçagem formavam o povo “genuinamente” brasileiro. Segundo Souza e Botelho, essas características fazem parte do modelo patriarcal brasileiro clássico, encontradas, por exemplo, nas obras de Gilberto Freyre, (com *Casa Grande & Senzala*, de 1933), Oliveira Viana (com *Populações meridionais do Brasil*, de 1920) Antonio Candido (“*The Brazilian Family*”, de 1951) e Sérgio Buarque de Holanda (com *Raízes do Brasil*, 1936).<sup>197</sup>

O parâmetro da família patriarcal é constituído, sobretudo, pelo modo como se davam as relações entre brancos e negros, no caso do sertão nortista de fins do século XIX acrescendo o mestiço, sob a autoridade do senhor branco proprietário e chefe da família. Outra característica, presente no sistema patriarcal, era a localização da mulher (branca, negra e mestiça) no conjunto de papéis hierarquicamente posicionados para os atores da trama cotidiana entre a casa e a senzala.<sup>198</sup>

Mas a literatura construtora da imagem do “flagelado” vai relatando que esses valores referentes à educação se arruínam, pois a situação de fome, sede, humilhações públicas e privadas, por que passa o “flagelado”, vai o deixando amargurado, recrudescendo seus sentimentos, quiçá os pondo de lado por conta da vida sofrida e triste decorrente da seca. Um diálogo presente na obra *Luzia-Homem* retrata essa questão:

- Nestes tempos de miséria – ponderou um carpinteiro idoso – ninguém tem folga para cuidar da criação dos filhos. Vão se criando ao deus-dará, como filhos de pobre.

<sup>196</sup> ALENCAR, José de. *O Sertanejo*, p. 195.

<sup>197</sup> SOUZA, Candice Vidal; BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. Modelos nacionais e regionais de família no pensamento brasileiro. *Revista de Estudos Feministas*. [online]. v. 9, n. 2, p. 414-432, nov. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8633.pdf>>. p. 415.

<sup>198</sup> *Ibid.*, p. 415.

- Os mais bem criados não estão livres de uma desgraça. Não valem cuidados, nem vigilâncias; a miséria entra pelas gretas das fechaduras, empesta o ar e tira o juízo.<sup>199</sup>

A situação vai piorando na medida em que os sentimentos maternos e paternos se espedaçam, desestruturando ainda mais a antiga família sertaneja, transformada agora na “família” flagelada, como descreve Domingos Olímpio:

- Para falar a verdade, mãezinha, eu, às vezes, não acredito em nada. A desgraça endurece o coração. Por causa dela, os pais abandonam os filhos; maridos desprezam as mulheres e as criaturas viram bichos, ou ficam piores que eles. Para o fim do mundo, só falta que as mulheres não tenham mais filhos, pois já ninguém ama.<sup>200</sup>

A perda da sensibilidade e de sentimentos frátrios, vão transformar as crianças flageladas em seres sem vida, a literatura nortista os representa como opacos reflexos da terra ressequida do sol. Domingos Olímpio é, dentre os autores, o mais preocupado em retratar essa situação, percebamos isso nessa passagem:

Os míseros pequenos, estatelados ao tantálico suplício da contemplação dessas gulodices, atiravam-se às cascas de frutas lançadas ao chão, e se enovelam, na disputa desses resíduos misturados com terra, em ferozes pugilatos. Era indispensável ativa vigilância para não serem assaltadas e devoradas as provisões à venda, pela horda de meninos, que não falavam; não sabiam mais chorar, nem sorrir, e cujos rostos, polvilhados de descamações cinzentas, sem músculos, tinham a imobilidade de couro curtido. Quando contrariados ou afastados pelos mercadores aos empuxões e pontapés, rugiam e mostravam os dentes roídos de escorbuto. Eram órfãos quase todos, ou abandonados pelos pais; não sabiam os próprios nomes, nem de onde vinham. Privados de memória, bestificados pela carência de

<sup>199</sup> OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*, p. 148.

<sup>200</sup> *Ibid.*, p. 168.

carinhos, anestesiados pelo contínuo sofrer, eram esses pequeninos mendigos gravetos de uma floresta morta, despedaçados pelos vendavais, destroços de famílias, dispersadas pela ruptura de todos os laços de interesses e afetos.<sup>201</sup>

Essa desestruturação familiar cria espaços para práticas sociais até então não imaginadas no seio da família patriarcal interiorana do Norte. Uma dessas práticas é a prostituição. A literatura se encarrega de denunciar veementemente essa deturpação moral sofrida pelas “castas filhas do sertão”. Muitas delas perdiam o apoio familiar, quando julgadas impuras e/ou tivesse desavenças familiares, quer tenham sido seduzidas ou violentadas, tendo em vista que em tempos de seca “a prostituição lavra desenfreada. São muitos os sedutores. Até meninas de dez anos estão perdidas por esta raça maldita de perversos!”<sup>202</sup> Assim descreve Rodolfo Teófilo uma cena de sedução de uma menina menor de idade, tendo ela apenas quatorze anos:

Um dos amigos de Arruda, conhecido pelo pseudônimo de D. Ribas, um dos mais libertinos e viciados, tendo ouvido a história da órfã, levantou-se, cambaleando, e pediu a palavra:

- Eu brindo a órfã de quatro dias, a filha do povo. Compete-nos a glória de fazê-la feliz. As sensações que gozam no lupanar são as mesmas que sentimos no leito conjugal. O matrimônio e o adultério produzem os mesmo gozos. Aquele foi autorizado por um homem vestido de sotaina, este sancionado pelo amor de duas criaturas que se queriam unir. Companheiros, saudemos com entusiasmo a jovem sertaneja. Viva! Viva! Viva!

Vitorina ouviu o som daquelas palavras, já meio embriagada. Ajudaram-na a levantar e fizeram-na beber mais. Estava quase ébria.<sup>203</sup>

<sup>201</sup> OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*, p. 98-99.

<sup>202</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 163.

<sup>203</sup> *Ibid.*, p. 223.

Outras sertanejas flageladas irão ver na promiscuidade e perversão uma possibilidade de saída da difícil situação de fome e desamparo. Uma vez que “em tempos de calamidade é muito difícil que a pobreza possa conservar-se pura. Lá diz o rifão: ‘Quando a necessidade bate pela porta da frente a virtude sai pela porta dos fundos’”.<sup>204</sup> Nesse sentido, muitas dessas “flageladas” pagavam com o preço da perdição a tranquilidade pessoal e/ou da família. José do Patrocínio as representa na figura de Eulália, que após ser prostituída sente “[...] uma satisfação dolorosa [que] compensou-lhe o sacrifício da noite, e a desventurada, resignando-se à crueldade do seu fadário, resolveu-se a aceitar a sua nova posição”.<sup>205</sup>

O tema prostituição tão presente nessa literatura além de denunciar a situação a que é obrigada a se sujeitar a sertaneja, reforça uma imagem oposta a ela: a honra, tão defendida pelos filhos e filhas do sertão antes da seca, a castidade, o matrimônio puro e sacramentado pela Igreja. A descrição da perda do sentido desses valores é mais uma estratégia dos autores para comover os leitores da época, ou seja, as elites das outras áreas do país, para ajudarem um lugar que outrora possuía tantas riquezas naturais e humanas, mas após a estiagem se encontrava destruído.

Assim, a situação calamitosa abria brechas aos libertinos, que “protegidos pelo crepúsculo e pela confusão que reinava entre o povo, esses homens divertiam-se em insultar a desgraça das famílias, oferecendo-lhes pão em troca do sacrifício da honestidade”.<sup>206</sup> Assim,

*O leilão da honra* tornou-se um fato comezinho entre os desgraçados. Os maridos, os irmãos, os pais acoitados pela fome entregavam esposas, irmãs e filhas à libertinagem a mais desenfreada, para dela tirarem a subsistência. A prostituição, esta nódoa que outrora não se lavava nunca mais aos olhos

<sup>204</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 121.

<sup>205</sup> *Ibid.*, p. 219.

<sup>206</sup> *Ibid.*, p. 177.

do povo sertanejo, tomou-se uma coisa comezinha, a respeito da qual não se discutia.<sup>207</sup> (Grifo nosso).

Esse “leilão da honra” é descrito de forma mais sistemática por Patrocínio, vejamos:

Homens, que pelos seus trajos mostravam que habitavam na cidade, postados na calçada, a fumar e a gargalhar, dirigiam graçolas às mocinhas que passavam, e divertiam-se em levar desatenciosamente a mão aos corpos destas e das mulheres seminuas.

- Olhe, aqui estão dez tostões, uma fortuna; valem mais do que dez rações de carne velha - diziam eles. - Se querem, não façam cerimônia.

E algumas das mulheres os repeliam, porém outras, cedendo prontamente à solicitação, paravam a pequena distância, à espera de que o oferecimento fosse repetido, para que o aceitassem.<sup>208</sup>

Assim, o corpo é retratado pela literatura nortista como um chefe rebelde, senhor do desregramento, símbolo do sexo e violência, uma vez que as aspirações para um melhor autocontrole do corpo, associadas à educação e à disciplina familiar, foram destruídas em decorrência dos efeitos da seca. Indo por água abaixo a idéia do “autocontrole físico intimamente ligado ao desejo de policiar os corpos alheios, assim como de assegurar uma melhor ordem social e moral-religiosa”.<sup>209</sup>

Quanto ao homem flagelado, a prostituição não é uma saída viável, uma vez que a sociedade machista e patriarcal do século XIX tornava, num geral, impensável essa prática para o gênero masculino. Assim, o desvio moral desse homem passa por outro viés, o do banditismo social. A vida miserável e sem esperança de melhorias o leva ao crime de roubo e morte se necessário. Muitos vão engordar as legiões de cangaceiros no interior do sertão.

<sup>207</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 211.

<sup>208</sup> *Ibid.*, p. 176.

<sup>209</sup> PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*, p. 331.

“Esses bandidos, que vestidos de pele e ferozes como os touros barbatões, levavam o espanto e a miséria onde quer que farejavam algum dinheiro ou provisão de gêneros; que atacavam os comboios e assassinavam os seus condutores [...]”.<sup>210</sup> A justificativa para essas práticas criminosas repousam num discurso antigo, na verdade num discurso da literatura inglesa dos séculos XIV e XV, com os primeiros textos lendários sobre a figura de *Robin Hood*, “o herói dos pobres”, pois tirava dos ricos para distribuir o produto das pilhagens com os mais humildes. Comparemos isso nessa passagem da obra *Os Retirantes*:

Bandidos são todos os homens em certa hora da vida. Eu fui chamá-los para dar-lhes com que alimentar as suas famílias; tomamos aos que têm e não querem dar aos que morrem à fome. Os juizes e os ricos podem nos condenar; os pobres chamarão ao que fazemos igualar as necessidades.<sup>211</sup>

O banditismo social em que se envereda esse *homem livre pobre* justificado pela idéia de ajudar aos mais pobres é denunciado como falso na medida em que se descreve essa prática a partir da sua brutalidade e perversão, segundo Patrocínio,

[...] contavam-se já façanhas medonhas dessa quadrilha de ladrões, que se aliara com o flagelo da seca para levar a ruína e a miséria aos cearenses. Onde o sol abrasador, os ventos impetuosos e áridos não podiam chegar, penetravam as mãos dos bandidos; o que não conseguiam as moléstias reinantes, faziam os seus punhais cegos e desapiedados, que eram a guarda de honra que lhes garantiam as suas espoliações.<sup>212</sup>

---

<sup>210</sup> PATROCÍNIO, José. *Os retirantes*. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 98.

<sup>211</sup> *Ibid.*, p. 99.

<sup>212</sup> *Ibid.*, p. 26.



Essa crítica ao banditismo social, por parte dos autores, é mais uma tentativa de demonstrar a derrocada dos valores da civilização. A lei, a ordem e o progresso estavam ameaçados por esses homens e mulheres que se contrapunham de forma violenta ao sistema social. O modo de vida civilizado é posto em jogo, o Estado é ameaçado como instituição reguladora e organizadora da sociedade. Assim, a própria elite nortista, e esses autores que faziam parte dela, se viam ameaçados por mais essa consequência da seca. Além desses aspectos, os autores também revelam novamente, uma preocupação em valorizar o trabalho, uma vez que criticam a vida criminosa e a ligam à falta de trabalho na região por conta da estiagem.

Entretanto, essas práticas criminosas não se restringiam apenas ao homem flagelado, uma vez que a vida de misérias em decorrência da fome e do desespero, conduziam o “flagelado” a cometer atos libidinosos, como arrombamentos e assaltos aos armazéns de víveres do governo. Essa situação foi muito relatada na literatura, principalmente durante a estadia das massas de retirantes nas áreas urbanas, onde a má distribuição dos “socorros públicos” incitava-os ainda mais à violência como uma saída da calamidade. A consequência disso era a forte repressão do Estado sobre os retirantes. José do Patrocínio retrata claramente esse momento da vida do “flagelado”. Verifiquemos:



O tratamento que era dado aos retirantes aconselhou à prudente senhora não demorar-se aí. Ainda na véspera da chegada, um sério conflito se havia travado entre a comissão, os seus empregados e os famintos, que, açulados pela fome, arrombaram o armazém do governo e tentaram assassinar um dos comissários. A punição do delito foi tremenda severidade e de justiça. Não só os chefes do assalto foram presos e metidos no tronco, mas as próprias mulheres foram vergastadas em público. Para que o exagero da pena chegasse ao máximo, mandaram prender todos aqueles que eram acusados pelos empregados, de modo que muitas pessoas, que não haviam tomado parte no acontecimento, foram castigadas.<sup>213</sup>

<sup>213</sup> PATROCÍNIO, José. Os retirantes. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 156.

O problema dos assaltos e lutas por alimentos não se davam apenas nas áreas urbanas, como relata Rofolfo Teófilo, o “flagelado” durante a retirada tinha de precaver-se até nas horas da refeição, “deixando estrada e se internando com a família pela mata”<sup>214</sup>, pois “era grande perigo viver no meio daquela onda de infelizes, que a perversão moral havia reduzido somente ao instinto da besta”.<sup>215</sup>

Após analisarmos todos esses temas, podemos perceber numa passagem de *Luzia-Homem*, uma boa síntese do que era a imagem do “flagelado” em termos de corpo e subjetividade. A vejamos:

Esse espetáculo de todos os dias, na sua monotonia sinistra, não a impressionava mais, porque se habituara à vizinhança da miséria nas formas mais lúgubres e vis. Vira crianças, a sugarem os seios murchos das mães mortas; cadáveres desses entezinhos abandonados sobre a estrada, devorados por urubus e cães vorazes; criaturas, ainda vivas e exangues, torturadas pelas bicadas de carcarás a lhes arrancarem aos pedaços, as carnes ulceradas e podres. Vira mães desnaturadas ocultarem em cratera de formigueiros o fruto de amores criminosos, ou traficarem com filhas impúberes; pais desalmados, incestuosos e delinqüentes dos mais torpes crimes como se o concurso de todas as dores e de todas as baixezas, condensando-se em enorme e fantástico suplício, os houvesse transformado em monstros hediondos, rebalçando-se em lances trágicos de ferocidade inconsciente. Diante dela haviam tombado, fulminados pela fome, indivíduos de aparência sadia e robusta, estrebuchando no chão como epiléticos a tragarem terra aderente aos dedos sangrentos e blasfemarem contra Deus impassível que os desamparava, os renegava, filhos pecadores, condenados, em vida, às torturas daquele inominável inferno da miséria.”

Milhares de criaturas haviam sido provadas nesses transes inenarráveis; no entanto, ela havia apenas sofrido o ferrete da ignomínia. Era, pois, incomparavelmente, mais feliz que aqueles pobres alquebrados, que passavam lentamente, restos de uma raça de trabalhadores heróicos e fortes, desbaratada sob o látigo do castigo do céu. Se devia cair mais, descer mais fundo no sorvedouro da infâmia, padecer como aqueles mártires, desejaria ser levada por uma moléstia para a vida onde ninguém sofre.<sup>216</sup>

<sup>214</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 47.

<sup>215</sup> *Ibid.*, p. 53.

<sup>216</sup> OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*, p.155.

Portanto, a imagem do corpo e da subjetividade do “flagelado” construída pela literatura nortista cria um “ser” que sofreu um processo de “mutação”. Trata-se do “sertanejo” que vivencia momentos dramáticos tentando escapar dos efeitos da seca no decorrer da sua trajetória de vida, como vimos no capítulo anterior. Sendo assim, esmagado pela natureza que o castiga de forma cruel e pelos homens que se aproveitam da situação caótica, transformando o antigo “sertanejo” numa figura fisicamente mutilada, andrajosa, maltrapilha, esquelética, nauseabunda e, cultural e sentimentalmente, perdido, desestruturado, destruído, pois os seus valores morais e éticos vão se despedaçando, na maioria das vezes remodelando o seu caráter e deturpando a sua boa índole, ou seja, o flagelando física e subjetivamente.

Todos os temas analisados, de uma forma ou de outra, são construídos pelos autores com a intenção de lembrar aos leitores daquele momento histórico quem era o “sertanejo”, com seus valores culturais, sejam éticos, morais ou religiosos. Assim como, de demonstrar como essa figura se transfigurava ao se tornar “flagelado” pela seca. Podemos dizer que os temas vistos nesse capítulo são estratégias discursivas dos autores para denunciar a situação calamitosa por que passava a região e suas conseqüências no homem e mulher nela presentes.

## CONCLUSÃO

A imagem do “flagelado” na literatura da “Terra da Luz”, ou seja, na literatura cearense, foi construída por uma série de temas relativos à trajetória de vida, ao corpo e a subjetividade dessa figura. Mas é importante ressaltar que esses temas surgem por conta de dois motivos específicos: o “discurso da seca”, do qual é um elemento e a emergência do problema do “flagelado”, principalmente nas zonas urbanas litorâneas do Norte, por causa da seca 1877-79.

Os autores ao descrever o que presenciavam no dia-a-dia acabam por formar um discurso sobre o “flagelado” que, por sua vez, cria a sua imagem de múltiplas formas, desde o aspecto físico até as suas características psicológicas. A formação dessa figura encontra no discurso literário um grande aliado, pois as próprias características literárias realista-naturalista, da década de 1870 até a primeira década do século XX, ajudam a compô-la de forma minuciosa e sistemática.

Além disso, a própria formação intelectual e política dos autores, a chamada “Geração 70” caracterizada por ter sido reformista, os levou a denunciar a situação de calamidade encontrada na província do Ceará durante a “grande seca de 1877-79”. Esses autores, também procuravam criar uma literatura regional, na qual especificassem as características de uma região que difere das demais áreas do país. Ao tentar realizar isso, imprimem em suas obras traços individuais do homem e da paisagem do Norte. Contudo, devido a seca ter sido tomada como tema privilegiado pela literatura dessa época por causa dos efeitos nas regiões afetadas, essa literatura compôs enunciados capazes de construir um “ser” da área Norte, com características corpóreas e culturais específicas.

Analisamos uma diversidade de enunciados, referentes a paisagens, migrações, inchação das cidades, doenças, formas de trabalho, entre tantos outros, e detectamos nesses

discursos uma forte presença de um outro discurso, o bíblico. Assim, concluímos que o discurso sobre a trajetória de vida do “flagelado” foi calcado e marcado, num discurso anterior, coadunando, portanto, com a idéia de Foucault em relação a noção de que todo discurso repousa num “já-dito”. Percebemos, também, nitidamente na descrição literária da trajetória de vida do “flagelado” a marca do positivismo, pois ela é montada numa lógica progressista e ordenada, em que o sofrimento e caos vão sempre aumentando, se desenvolvendo no decorrer das etapas vividas pela figura flagelada, construindo uma impressão continuísta do flagelo da seca.

Concluímos também que a retirada é temática privilegiada em toda a literatura nortista sobre a seca. Sendo assim, a grande representante da trajetória de vida do “flagelado”, não só nas obras analisadas, mas também em texto posteriores, como em *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, *O Quinze* (1930), de Raquel de Queiroz e *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos.

Além dessas questões, percebemos nos temas analisados uma característica importante, presente em relação aos enunciados formuladores tanto da trajetória de vida quanto do corpo e mente dessa figura, a idéia de se criar sempre um contraponto entre as imagens, ou seja, um paradoxo, afim de reforçar a problematização da seca no Norte, mostrando-a como algo que desestrutura o cotidiano, tranqüilo e harmonioso, da vida sertaneja e do próprio “sertanejo”.

Ao analisarmos a representação do corpo e da mente do “flagelado”, um dos temas mais recorrentes na literatura nortista sobre a seca, percebemos que ela aparece quando surge a necessidade de dar uma estrutura física e psicológica a essa figura, para que se visualizasse facilmente as conseqüências do flagelo decorrente da estiagem. Todavia, é interessante notar que o discurso sobre o corpo e a mente do “flagelado” repousa num discurso também já

enunciado, referente a imagem do “sertanejo”. Esta imagem, do “sertanejo”, será responsável por reforçar a imagem daquele novo “ser”.

Nesse sentido, após especificarmos o surgimento dos temas construtores da imagem do “flagelado” na literatura nortista e analisá-los, podemos a partir de então, definir quem é esse “ser” criado pela literatura. Assim, deixando as aspas de lado, o flagelado, era a toda e qualquer pessoa que sofresse no plano pessoal as conseqüências da seca, independentemente de idade e/ou sexo. Era o *homem livre pobre*, mas também o grande e médio dono de terras, arruinado com a estiagem. A trajetória de vida do flagelado o vai destruindo física e psicologicamente, assim, no decorrer do relato literário, ele vai se constituindo na figura fisicamente mutilada, andrajosa, maltrapilha, esquelética, nauseabunda, macerada, ressequida e, cultural e sentimentalmente, perdido, desestruturado, destruído, uma vez que os seus valores morais e éticos vão se despedaçando, se perdendo, remodelando, na maioria das vezes, o seu caráter e deturpando a sua boa índole.

Compreendemos que durante a análise optamos por uma seleção de temas, privilegiando-os por acreditarmos na sua relevância, mas isso não quer dizer de forma alguma que a literatura não possua outros temas importantes e possíveis de estudos quanto à figura do flagelado. Pois, cremos na incompletude de todo trabalho histórico, principalmente quando lembramos das palavras de Paul Veyne, comparando a história a um grande geometral, em que por mais que queiramos, por mais que façamos estudos abrangentes e aprofundados, nunca chegaremos a uma totalidade histórica, narrando tudo que se passou e como se passou.

É nesse sentido que gostaria de remeter-nos àquela imagem posta nas primeiras páginas desse trabalho, a pintura de Cândido Portinari (1903-1962), *Os Retirantes*. Fizemos questão de não fazer nenhum esclarecimento sobre a ilustração nem na introdução e nem no decorrer do estudo. Ela foi usada propositadamente sem nenhuma anúncio prévia, mas com um sentido específico: queríamos que o leitor(a) tivesse a oportunidade de visualizar a

família flagelada, através das artes plásticas, antes da nossa análise sobre o “flagelado” na literatura nortista. Especificamos a data de produção da mesma, lembram? Isso mesmo, no ano de 1958! Então, por que ela está nesse estudo, uma vez que o recorte cronológico proposto é bem anterior a essa datação? Perceberam a “coincidência” entre os enunciados presentes na literatura nortista analisada e a obra de Portinari, na riqueza de detalhes, no talhe físico e psicológico impresso na família retirante retratada, pintada?

São questões pertinentes e, que só se explicam e justificam com a hipótese de que a imagem do “flagelado” foi ao longo do tempo, sendo reapropriada, reproduzida, ganhando novos elementos e descartando outros tantos, ou seja, renovando-se com o passar dos anos, mas nunca desaparecendo. Isso se dando não só em relação às artes plásticas, mas também em outros tipos de discursos, como no próprio discurso literário, jornalístico, parlamentar, oficial, entre outros.

Daremos alguns exemplos em relação a essa hipótese, por exemplo, no discurso literário as obras de José Américo de Almeida, *A Bagaceira* (1928), de Raquel de Queiroz, *O Quinze* (1930) e de Graciliano Ramos, *Vidas Secas* (1938) são grandes continuadores desse discurso sobre a figura flagelada, terão presentes os temas referentes a retirada, o corpo, a formação cultural tanto quanto as obras por nós estudadas, contudo, serão como dissemos a pouco, discursos com sua especificidade e individualidade, não são uma mera cópia de um discurso anterior, mas repousam num “já-dito”.

No discurso jornalístico, encontramos durante a pesquisa uma espécie de carta, publicada no ano de 1919, num periódico norte-rio-grandense, *A República*. Percebam como o discurso produzido por Christovam Dantas (funcionário correspondente do Governo de Joaquim Ferreira Chaves em 1919), em Minas Gerais, comentando as notícias por ele recebidas sobre uma possível situação de estiagem no Norte, dezesseis anos depois da

publicação do último romance por nós estudado, *Luzia-Homem* (1903), é repleto de enunciados sobre a figura flagelada, tão presentes nas três obras analisadas por esse estudo:

[...] No sul, quando se ouve falar do flagello que devasta o nordeste brasileiro, não se faz nem se pode architectar uma idéia nitida do quanto soffre aquella patria desditosa, berço querido de corações sinceros e de homens verdadeiros. Porque Minas, abençoou a a natureza, constituindo de cada perola de orvalho um manancial perenne de promessas fecundas e eternas.

Há luz, calor, agua e vida!

Nas regiões onde eu nasci, não é assim.

Cultiva-se, nos momentos tragicos, o sorriso da dor como representação de lagrimas que fallecem.

Pensar por um instante o que será uma terra em fogo, sem pão, sem agua, sem vias de transporte: riachos seccos, o solo desagregado pela temperatura escaldante, arvores esqueleticas erguendo para o ar ramos nus, em uma imprecação dolorosa ao destino d'animaes, ou antes, ossadas insepultas nebrilhando ao luar, como grandes pedaços brancos de marmore. E no meio desta tragedia de dor, a convulsionar, toda uma gente forte e desgraçada, morrendo á mingua pelas estradas asphyxiantes, vendendo os proprios filhos, louca, allucinada em verdadeiro desafio a quem os fez para soffrer.

Eis o que é a secca, a impiedosa secca dos sertões nortistas.

[...] Lá, não se conhece o desanino; lucha-se e lucha se com as forças todas em um prelio gigantesco contra os elementos naturaes. A religião única é a contemplação da esperança.

[...] Bemdito seja este povo, rocha viva da nossa nacionalidade.

O matuto do nordeste constitue a prova mais cabal e demonstrativa da superioridade phisica e moral de nossa raça. O facto dos habitantes do littoral falirem na concurrencia da vida não quer dizer que a nossa população esteja condemnada ao desaparecimento. O alcool e a syphilis destroem as melhores e mais possantes envergaduras. [...].<sup>217</sup>

Essa “carta” possui muitos enunciados que repousam na literatura por nós analisada. Por exemplo, a idéia da paisagem sertaneja destruída, arrasada e ressequida. Quanto aos habitantes da região, descreve-se nela a vivência de momentos dramáticos, por conta da fome, da doença, dos vícios causados pela seca, dentre muitos outros aspectos relevantes e similares aos discursos presentes nas obras de José do Patrocínio, Rodolfo Teófilo e Domingos Olímpio. Alertamos que só uma análise comparativa entre esses diversos tipos de discursos, o literário, o jornalístico, o parlamentar e o iconográfico, por si só demandariam um estudo a parte.

<sup>217</sup> A REPÚBLICA, Natal, p. 1, 22, fev. 1919. Essa passagem encontra-se na íntegra no Anexo 1.



Pensemos nisso a partir de mais dois exemplos que reafirmam essa idéia, só que dessa vez, se dando através das artes plásticas, com imagens do paulista Cândido Portinari, um dos artistas mais importantes da corrente Modernista no Brasil. Vejamos e comparemos algumas imagens de Portinari sobre os retirantes com relação a alguns trechos das obras analisadas:



*Cândido Portinari*  
**Retirantes, 1944.**

Óleo sobre tela, c.i.d. 180 x 190 cm  
Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (SP)  
Reprodução Fotográfica: Raymond Asseo<sup>218</sup>

A mulher levantou a cabeça da criancinha pendida sobre o seu ombro. Fazia chorar aquele indescritível semblante. Com os dedos metidos na boca, a mísera já sem forças tinha um olhar estagnado, que parecia a cristalização de uma súplica. Os ossos do rosto, muito salientes, faziam-na parecer uma caveira coberta por uma pele seca.<sup>219</sup>

<sup>218</sup> Imagem disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/nciclopedia/artesvisuais2003/index.cfm?fuseaction=detalhe&cd\\_verbete=2488](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/nciclopedia/artesvisuais2003/index.cfm?fuseaction=detalhe&cd_verbete=2488)> Acesso em: 24 Nov. 2005.

<sup>219</sup> PATROCÍNIO, José. **Os retirantes**. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005. p. 177.

Vejamos essa outra comparação, ainda mais rica e análoga:



*Cândido Portinari*

**Retirantes**, 1944.

Óleo sobre tela, c.i.d. 190 x 180 cm

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (SP)

Reprodução Fotográfica: Fabio Praça<sup>220</sup>

A floresta, reduzida a esqueletos enegrecidos, bracejava desfolhada no espaço, confundia-se muito além com o firmamento.<sup>221</sup>

A floresta, tocada de morte, bracejava no espaço. [...]. A perspectiva era desoladora. A seca havia torrado e despovoados campos.<sup>222</sup>

Eram pedaços da multidão, varrida dos lares pelo flagelo, encalhando no lento percurso da tétrica viagem através do sertão tostado, como terra de maldição ferida pela ira de Deus; esqueléticas criaturas de aspecto horripilante, esqueletos automáticos dentro de fantásticos trajes, rendilhados de trapos sórdidos, de uma sujidade nauseante, [...] articulações deformadas.<sup>223</sup>

<sup>220</sup> Imagem disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/nciclopedia/artesvisuais2003/index.cfm?fuseaction=detalhe&cd\\_verbete=2488](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/nciclopedia/artesvisuais2003/index.cfm?fuseaction=detalhe&cd_verbete=2488)> Acesso em: 24 Nov. 2005.

<sup>221</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*, p. 18.

<sup>222</sup> *Ibid.*, p. 34

<sup>223</sup> OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*, p. 26.

A partir dessas e outras comparações por nós percebidas é que afirmamos a revalidação do discurso sobre a imagem do flagelado, não só na literatura, mas em vários outros tipos de discursos. Além disso, também verificamos que esse discurso, proposto pela literatura não tem fronteiras. Ele extrapola os limites geográficos cearenses, ganhando espaço e força em outras províncias e, posteriormente, em outros Estados.

Da mesma forma que o “discurso da seca” ganha amplitude, como dissemos anteriormente no capítulo primeiro, o discurso sobre a imagem do flagelado também foi problematizado e transformado em uma questão específica da área do Norte, posteriormente do Nordeste. Logicamente, que isso não se deu apenas pelo empreendimento do discurso literário, apesar da sua grande relevância nesse processo, incorreríamos assim num reducionismo, mas ocorreu sim por uma infinidade de discursos que se entrecruzaram, partidos de diferentes grupos e instituições sociais da região, formulando um discurso outro, que construiu a imagem do homem e da mulher flagelada do Norte.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### Fontes

ALENCAR, José de. **O Sertanejo**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2005.

A REPÚBLICA, Natal, 21,26 jun.; 1 jul., 1890.

A REPÚBLICA, Natal, 22, fev. 1919.

OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2003.

PATROCÍNIO, José. **Os retirantes**. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os\\_Retirantes.pdf](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Os_Retirantes.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2005.

RELATÓRIO de Presidente de Província do Rio Grande do Norte, 1877, 1878 e 1879.

RELATÓRIO de Presidente de Província do Ceará, 1877 e 1878.

TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. (Coleção clássicos cearenses).

### Fontes Iconográficas

PORTINARI, Cândido. **Retirantes**, 1958 - Óleo sobre tela, c.i.d. 116 x 90 cm – Coleção particular. Reprodução Fotográfica Autoria desconhecida. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/nciclopedia/artesvisuais2003/index.cfm?fuseaction=detalhe&cd\\_verbete=2488](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/nciclopedia/artesvisuais2003/index.cfm?fuseaction=detalhe&cd_verbete=2488)> Acesso em: 24 Nov. 2005.

\_\_\_\_\_. **Retirantes**, 1944 - Óleo sobre tela, c.i.d. 180 x 190 cm – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (SP). Reprodução Fotográfica Raymond Asseo. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/nciclopedia/artesvisuais2003/index.cfm?fuseaction=detalhe&cd\\_verbete=2488](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/nciclopedia/artesvisuais2003/index.cfm?fuseaction=detalhe&cd_verbete=2488)> Acesso em: 24 Nov. 2005.

\_\_\_\_\_. **Retirantes**, 1944 - Óleo sobre tela, c.i.d. 190 x 180 cm – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (SP). Reprodução Fotográfica Fábio Praça. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/nciclopedia/artesvisuais2003/index.cfm>>

fuseaction=detalhe&cd\_verbete=2488> Acesso em: 24 Nov. 2005.

\_\_\_\_\_. **Retirantes**, 1936 - Óleo sobre tela, c.i.d. 73 x 60 cm – Museu de Artes Visuais do Instituto de Estudos Brasileiros – USP. Reprodução Fotográfica: Claudio Pulhesi Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/nciclopedia/artesvisuais2003/index.cfm?fuseaction=detalhe&cd\\_verbete=2488](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/nciclopedia/artesvisuais2003/index.cfm?fuseaction=detalhe&cd_verbete=2488)> Acesso em: 24 Nov. 2005.

## **Bibliografia**

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**, Recife: FJN/ Ed. Massangana. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. **Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922)**. 1987. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987.

\_\_\_\_\_. **Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste**. **Revista Brasileira de História**, v. 14, n. 28, p. 111-120, 1994.

ALMEIDA, José Américo de. **A Bagaceira**. 34. ed. rev. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, [s.d.].

ALONSO, Angela. **Crítica e contestação: o movimento reformista da geração 1870**. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. [online]. v.15, n. 44. p. 35-55, out. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4146.pdf>>. Acesso em: 10 Out. 2005.

AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. 3. ed. rev. ampl. atual. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1999.

BARROS, Roque Spencer M. de. **Vida religiosa**. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Dir.) **O Brasil monárquico: declínio e queda do império**. São Paulo: Difel, 1874. p. 317-337. (História Geral da Civilização Brasileira).

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 38. ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1994.

BUENO, Almir de Carvalho. **Visões de República: idéias e práticas políticas no Rio Grande do Norte (1880-1895)**. Natal (RN): EDUFRN, 2002.

BURKE, Peter. O Antigo Regime na Historiografia e seus Críticos. In: \_\_\_\_\_. **A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2003. p. 17-22

CARVALHO, José Murilo de. A política da abolição: o rei contra os barões. In: \_\_\_\_\_. **A construção da ordem; Teatro das sombras**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Ed. Relume-Dumará, 1996. p.269-302.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Literatura brasileira**. São Paulo: Atual, 1995.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAVES, Evenice Santos. Nina Rodrigues: sua interpretação do evolucionismo social e da psicologia das massas nos primórdios da psicologia social brasileira. **Psicologia em Estudo**. [online]. Jul/Dez, v. 8, n. 2. p. 27-37, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a03.pdf>>. Acesso em: 10 Out. 2005.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p 92-123.

DANTAS, Viltany Oliveira. **Os vadios do RN: 1850-1889**. 1998. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1998.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. **Literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 1998.

FRANÇA, Gileno Câmara de. **O banditismo social no sertão do Rio-Grande-Norte (1850-1889): origens e evolução**. 2000. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. (Coleção Campo Teórico).

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 10. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2004

\_\_\_\_\_. **O homem e o discurso: a arqueologia de Michel Foucault.** 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1996.

\_\_\_\_\_. **O que é um autor?** 4. ed. São Paulo: Ed. Veja, 2000.

GRAHAM, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

LACOMBE, Américo Jacobina. A Igreja no Brasil colonial. IN: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (Dir.). **A época colonial: administração, economia, sociedade.** São Paulo: Difel, 1873. p. 51-75. (História Geral da Civilização Brasileira, 2).

LE GOFF, Jacques. A história nova. In: \_\_\_\_\_. **A história nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 25-64.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **A igreja católica no Brasil-República: cem anos de compromisso (1889-1989).** São Paulo: Paulinas, 1991. (Estudos e debates latino-americanos, 21).

MARQUES, Rute Freire de Moraes Diniz. **Pela lealdade e pela honra dos amigos: a produção discursiva da oligarquia norte-riograndense durante a seca de 1877-79.** 2005. Monografia (Graduação em História) –Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

MELLO, Evaldo Cabral de. **O norte agrário e o Império: 1871-1889.** 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Ed. Topbooks, 1999.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte,** 2. ed. rev. Natal (RN): Cooperativa Cultural, 2002.

\_\_\_\_\_. Terra e trabalho em perspectiva histórica: um exemplo do sertão nordestino (Portalegre – RN). **Caderno de História,** v. 6, n. 1 jan./dez., p. 5-41, 1999.

NEVES, F.C. A “capital de um pavoroso reino”: Fortaleza e a seca de 1877. **Tempo,** Rio de Janeiro, v. 5, n. 29, p. 93-122. jul. 2000.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. **De cidade a cidade: o processo de modernização do Natal (1889/1913).** Natal (RN): EDUFRN, 2000.

ORLANDI, Eni Pulccinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1988. (Coleção passando a limpo).

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 2. ed. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1993. (Coleção Repertórios).

\_\_\_\_\_. **Terra à vista! Discurso do confronto: velho e novo mundo**. São Paulo Cortez; Campinas (SP): Ed. UNICAMP, 1990. (Biblioteca da educação. Série 5. Estudos da Linguagem, v. 5).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os Olhos de Clio ou a Literatura sob o Olhar da História a partir do conto O Alienista, de Machado de Assis. **Revista Brasileira de História**, v. 16, n. 31-32, p. 108-118, 1996.

PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p. 291-326.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. São Paulo: Ed. Siciliano, 1993.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 51 ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1983.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

RIBEIRO, Maria Luísa S. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 4. ed. São Paulo: Ed. Moraes, 1982. (Coleção Educação Universitária).

SALES, Antônio. **Aves de arribação**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.

SANTOS, Maria das Graças Vieira Proença dos. **História da Arte**. 16 ed. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil (1870-1930)**. 5. reimp. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.





SILVEIRA, Fernando de Almeida; FURLAN, Reinaldo. Corpo e alma em Foucault: postulados para uma metodologia da psicologia. **Psicologia. USP.** [online]. v.14, n.3, p.171-194, nov. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v14n3/v14n3a12.pdf>>.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura brasileira: seus fundamentos econômicos.** 5 ed. São Paulo: Cultura Brasileira, 1969. (Civilização Brasileira).

SOUZA, Candice Vidal; BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. Modelos nacionais e regionais de família no pensamento brasileiro. **Revista de Estudos Feministas.** [online]. v. 9, n. 2, p. 414-432, nov. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8633.pdf>>.

TÀVORA, Franklin. **O Cabeleira.** 13. ed. São Paulo: Ed. Ediouro, [s.d.]. (Coleção Prestígio).

## **ANEXOS**

## ANEXO 1

### Bilhetes de Lavras

#### O combate a' Secca

As noticias do lar distante deixam sempre em minha alma um perfume vago e indeciso, um respeito religioso e raro. Agora mesmo, as li e reli, sob uma atmospherá, de saudades. Trouxeram me ellas, entranto, uma prova infeliz: espera se na terra do sol uma secca impiedosa, quiçá das mais torturantes.

O ceu, eternamente azul, lindo de caricias mortaes, apresenta se de uma implacabilidade severa; não há nuvens, que são a alegria e a esperança dos meus conterraneos nortistas. 'Spresas, amotinadamente, enchem se os celleiros, encurrala se o gado; e a grande procura pela agua, indispensavel á vida, se patentea de um modo tragico, senão dantesco.

No sul, quando se ouve falar do flagello que devasta o nordeste brasileiro, não se faz nem se pode architectar uma idéia nitida do quanto soffre aquella patria desditosa, berço querido de corações sinceros e de homens verdadeiros. Porque Minas, abençoou a a natureza, constituindo de cada perola de orvalho um manancial perenne de promessas fecundas e eternas.

Há luz, calor, agua e vida!

Nas regiões onde eu nasci, não é assim.

Cultiva-se, nos momentos tragicos, o sorriso da dor como representação de lagrimas que fallecem.

Pensar por um instante o que será uma terra em fogo, sem pão, sem agua, sem vias de transporte: riachos seccos, o solo desagregado pela temperatura escaldante, arvores esqueleticas erguendo para o ar ramos nús, em uma imprecação dolorosa ao destino d'animaes, ou antes, ossadas inseultas nebrilhando ao luar, como grandes pedaços brancos de marmore. E no meio desta tragedia de dor, a convulsionar, toda uma gente forte e desgraçada, morrendo á mingua pelas estradas asphyxiantes, vendendo os proprios filhos, louca, allucinada em verdadeiro desafio a quem os fez para soffrer.

Eis o que é a secca, a impiedosa secca dos sertões nortistas.

Uma coisa, porem, me torna orgulhoso: é o amor que dedicamos ao nosso berço, tanto mais sublimemente desejado quanto mais vergastado pelo infortunio.

Lá, não se conhece o desanino; lucta-se e lucta se com as forças todas em um prelio gigantesco contra os elementos naturaes. A religião única é a contemplação da esperança.

O sertanejo, ainda quando se evapora a agua e as maracanans derradeiras passam contando um adeus merencorio em busca de melhores ares, permanece, de pé, impavido – e com elle toda a familia, em uma glorificação sublime ao lar que jamais há de abandonar.

E' o homem dominando a natureza, è o pigmeu derribando o gigante temeroso e ingrato!

Bemdito seja este povo, rocha viva da nossa nacionalidade.

O matuto do nordeste constitue a prova mais cabal e demonstrativa da superioridade phisica e moral de nossa raça. O facto dos habitantes do littoral falirem na concurrencia da vida não quer dizer que a nossa população esteja condemnada ao desaparecimento. O alcool e a syphilis destroem as melhores e mais possantes envergaduras; os Pelles Vermelhas

Não se engana, porquanto a mesma febre de conhecimentos que nos levou a devassar páginas innumeráveis de livros, nos conduzirá ainda pôr no terreno da prática o que a nossa inteligência conseguiu assimilar.

Nessa época, que vemos se aproximar, não mais esmolaremos aos ricos; não mais se ouvirá a blasfêmia de: norte infeliz! Visto que as seccas periódicas constituirão, talvez, a primeira arma de nossa fortaleza.

Christovam Dantas

Lavras – Fevereiro – 22-1919.<sup>224</sup>

---

<sup>224</sup> A REPÚBLICA, Natal, p. 1, 22, fev. 1919.